

ELAINE CRISTINA MENDONÇA

A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO ESPAÇO DOMÉSTICO:

Um Estudo Preliminar com Mulheres Pertencentes à Burguesia e ao
Proletariado.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço
Social - Mestrado, da Universidade Federal de Santa Catarina, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Prof^ª. Claudia Mazzei Nogueira, Dra.

FLORIANÓPOLIS/SC

2009

Mendonça, Elaine Cristina

A Divisão Sexual do Trabalho no Espaço Doméstico: Um Estudo Preliminar com Mulheres Pertencentes à Burguesia e ao Proletariado. / Elaine Cristina Mendonça – Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina / Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, 2009.

70 f.: il.

Orientadora: Claudia Mazzei Nogueira

Dissertação (mestrado) - UFSC / Programa de Pós-Graduação em Serviço Social / Mestrado em Serviço Social, 2009.

1. Produção e Reprodução Social. 2. A Pesquisa e seus Resultados. I. Claudia Mazzei Nogueira. II. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. III. Título.

Ao Amor da minha Vida, Marcelo, que me mostrou que respeito não é apenas aceitar a posição e as diferenças do outro, mas apoiar os planos alheios, ainda que silenciosamente, por meio de um abraço, de um gesto de carinho.

AGRADECIMENTOS

Desde o momento que percebi que gostaria de continuar trabalhando com pesquisa e, ainda, lecionar no Serviço Social, o mestrado se tornou uma meta em minha vida profissional.

Devido à dificuldade de me dedicar integralmente ao curso de mestrado, participar da seleção que era algo, inicialmente, monstruoso, foi mais fácil do que se manter no curso e enfrentar as dificuldades decorrentes disto.

Apesar da compreensão clara de meus objetivos, não foi fácil permanecer firme e, muito menos, aceitar a realidade de que o ensino em nosso país é elitizado. Embora já possuísse o conhecimento disto, experienciar esta realidade foi muito dolorido, porque, embora, sempre tenha pertencido à classe trabalhadora, tomei consciência de fato do que significa pertencer a esta classe social ao experienciar a dificuldade de acesso e possibilidades que tanto discutimos no Curso de Serviço Social.

Muito embora o curso de Serviço Social tenha me possibilitado uma criticidade maior da realidade, em alguns momentos, o meu sofrimento foi tão grande que cheguei a me sentir muito atrevida em querer fazer mestrado. Por uns minutos me deixei absorver por esta compreensão e, por isso, acreditar que deveria desistir do curso.

É diante disto que, inicialmente, o meu agradecimento vai a algumas pessoas que, durante este período, tiveram importância inigualável em minha vida no sentido de que contribuíram para que eu pudesse alcançar o meu objetivo. Em muitos momentos estas pessoas conseguiram me dizer palavras, às vezes poucas, mas aquelas que são certas na hora certa e/ou também conseguiram manter o silêncio e somente ouvir a minha indignação na hora em que eu precisava ser ouvida.

Desta forma, eu dedico este trabalho com muita gratidão às pessoas que tiveram este papel importantíssimo para mim:

Ao amor da minha vida, Marcelo da Silva;

Aos meus pais e amigos, Jair Mendonça e Solange Buchmann;

À mestre e eterna professora Maria Salete da Silva;

À minha querida irmã, Silvia Beatriz Mendonça, que também contribuiu com muitas reflexões e

Ao meu estimado irmão, Jaison Ricardo Mendonça.

Agradeço ainda às amigas e amigos pelo interesse, incentivo e compreensão, em especial:

Andressa Mendonça, Suzette Marques da Silva, Rosane Cristina Gonçalves, Quéli Flach Anschau, Fernanda Cristina da Luz, Daniele Maurício Sobreira, Marina Fuchs, Allan Henrique Gomes e Ana Maria Braga. Bem como, aos colegas de turma Tatiely Camille dos Santos, Mirella Farias Rocha, Francielle Lopes Alves e Ismael Francisco de Souza.

Ao Dr. Marco Giostri, médico homeopata, agradeço igualmente pelo interesse, incentivo e compreensão e, também por acertar nas gotinhas que cuidaram do meu estado emocional.

Agradeço ainda à Universidade Federal de Santa Catarina e a todos (as) Professores (as) do Curso que de forma direta ou indireta contribuíram com o meu processo de busca pelo conhecimento, em especial à minha orientadora Cláudia Mazzei Nogueira.

Gostaria de lembrar o quão importante foi pra mim, observar o compromisso e coerência na Professora Ivete Simionatto, aspectos que considero muito importantes nas profissões de Professor e de Assistente Social. Por isso, também gostaria de agradecer a ela por seu apoio e exemplo.

RESUMO

Apesar das inúmeras conquistas, especialmente em relação à situação vivenciada pelas mulheres, percebe-se que a desigualdade de gênero vem se intensificando tanto no espaço doméstico como no espaço do trabalho assalariado. O trabalho assalariado, que poderia contribuir com a emancipação da mulher, trouxe maior sobrecarga quando aliado ao trabalho doméstico. Nesse sentido, a presente dissertação procurou identificar se as mudanças ocorridas na sociedade a partir do século XIX também alteraram a divisão sexual do trabalho doméstico, perceber a carga de quem está a responsabilidade pelos afazeres domésticos em nossa sociedade e, ainda, apreender como a realidade da esfera reprodutiva é vivenciada por mulheres pertencentes à burguesia e ao proletariado. Para o alcance destes objetivos foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa por meio de entrevista semi-estruturada com vinte (20) mulheres - dez (10) pertencentes à burguesia e dez (10) pertencentes ao proletariado. A escolha por pessoas do sexo feminino deu-se pelo simples fato de que são, principalmente, elas que vivenciam, em nossa sociedade, esta desigualdade com maior intensidade do que as pessoas do sexo masculino. O recorte de classe teve como objetivo o de averiguar se as concepções e comportamentos destas mulheres, acerca da esfera reprodutiva, diferenciam-se ou não conforme a classe social que pertencem, indicando se este pertencimento também reforça uma visão desigual da realidade social. A concepção de classe social que nos orientou é da teoria marxista e, desta forma, nosso estudo procura contribuir com o debate sobre a desigualdade de gênero e sobre o trabalho doméstico na sociedade capitalista no sentido de refletir sobre as perspectivas que temos para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: divisão sexual, trabalho doméstico, classe social

ABSTRACT

Despite of many conquests, especially in relation to the situation experienced by women, it is perceived that the unequal of gender has been intensifying both in domestic space as in the salaried work space. The salaried work, which could contribute to the emancipation of women has brought greater burden when combined with domestic labor. In this sense, the present work tried to identify whether the changes occurred in society from the nineteenth century also changed the sexual division of domestic labor, see of whom is the responsibility of the domestic tasks in our society, and also learn how the reality of the reproductive sphere is experienced by women belonging to the bourgeoisie and the proletariat. To reach these goals a qualitative research was developed through a semi-structured interview with twenty (20) women - ten (10) belonging to the bourgeoisie and ten (10) belonging to the proletariat. The choice by people of the female sex was made by the simple fact that are they that mainly experience, in our society, this inequality with greater intensity than people of the male sex. The cut of class had as aim to investigate whether the ideas and behavior of these women, about the reproductive sphere, differentiate or not according to the social class they belong indicating whether this belonging also reinforces an unequal view of the social reality. The concept of social class that guided us is of the Marxist theory and, thus, our study seeks to contribute with the debate about the inequality of gender and about the domestic labor in the capitalist society to reflect on the prospects that we have for the future.

KEY WORDS: sexual division, domestic labor, social class

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO SOCIAL	10
1.1 Articulação entre Produção e Reprodução Social.	10
1.2 A Divisão sexual do trabalho.	23
1.3 Desigualdade de Gênero e sua tentativa de Superação.....	32
CAPÍTULO 2 – A PESQUISA E SEUS RESULTADOS.	37
2.1 Metodologia da pesquisa	37
2.1.1 Procedimentos metodológicos.....	38
2.1.2 A Coleta de Dados.....	40
2.1.3. Percurso da pesquisa e Procedimento utilizado na análise dos dados	41
2.1.4. Sujeitos da Pesquisa	44
2.2 Resultados da Pesquisa.....	55
CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista.....	139

INTRODUÇÃO

Vivendo em uma sociedade que se organiza a partir do modo de produção capitalista, podemos perceber que o desenvolvimento deste sistema tem acarretado inúmeras consequências para as relações sociais e para as condições de vida de significativa parte da população mundial. Entre essas consequências é possível identificar na sociedade algumas alterações na divisão sexual do trabalho e uma intensificação da exploração, da opressão, das desigualdades, bem como o acirramento da discriminação cultural, econômica e social, entre outras.

A desigualdade de gênero, como uma destas consequências, tenta nos fazer crer que mulheres e homens são diferentes não somente biológica, mas também socialmente. Exige-se que mulheres e homens desempenhem papéis sociais diferentes, tendo assim, também, o acesso a direitos e tratamentos diferenciados. Esta construção foi determinada historicamente e, conforme Toledo (2003, p.116) é transmitida “pelas principais instituições da sociedade – a escola, o Estado, a Igreja, as Forças Armadas, os meios de comunicação”, com o objetivo principal de reproduzir e manter o próprio modo de produção capitalista.

Apesar das inúmeras conquistas, aqui especialmente no que diz respeito à situação vivenciada pelas mulheres, percebe-se que a desigualdade de gênero vem se intensificando cada vez mais tanto no espaço doméstico quanto no espaço assalariado. O trabalho assalariado, que poderia proporcionar à mulher a possibilidade de sua “emancipação”, trouxe maior sobrecarga quando aliado ao trabalho no espaço doméstico (TOLEDO, 2003, p. 23) uma vez que, aparentemente, a contribuição do homem neste espaço é mínima.

Esta realidade nos leva a alguns questionamentos no sentido de querer compreender se as mudanças ocorridas na sociedade a partir do século XIX também alteraram a divisão sexual do trabalho no espaço doméstico, bem como, compreender como a realidade da esfera reprodutiva é vivenciada por mulheres pertencentes à burguesia e por

mulheres pertencentes ao proletariado, uma vez que possuem condições socioeconômicas completamente diferenciadas. Nesse sentido, nossa pesquisa procurou identificar se existe ou não uma nova divisão sexual do trabalho nesse espaço, perceber a carga de quem está a responsabilidade pelos afazeres domésticos em nossa sociedade e, ainda, apreender como a realidade da esfera reprodutiva é vivenciada por mulheres pertencentes à burguesia e ao proletariado, uma vez que possuem condições socioeconômicas diferenciadas.

Desta forma, nesta dissertação, apresentamos, preliminarmente, a atual situação da desigualdade de gênero no espaço doméstico, a partir de um estudo com mulheres pertencentes à burguesia e mulheres pertencentes ao proletariado.

Para o alcance destes objetivos, no capítulo 1, trouxemos autores que apontam conceitos e considerações acerca das categorias produção e reprodução social, divisão sexual do trabalho e desigualdade de gênero que nos subsidiaram a leitura e interpretação dos dados da pesquisa.

No capítulo 2, apresentamos a metodologia utilizada em nossa pesquisa, incluindo um breve perfil das mulheres entrevistadas, bem como, os principais resultados da pesquisa realizada, procurando contribuir com o debate sobre a desigualdade de gênero e sobre o trabalho doméstico na sociedade capitalista no sentido de refletir sobre as perspectivas que temos para o futuro.

CAPÍTULO 1 - PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO SOCIAL

Independente do modo de produção pelo qual uma sociedade se organiza, o desenvolvimento desta se efetiva por meio da articulação de duas esferas da vida dos seres humanos: a produção e a reprodução social.

O foco principal do nosso estudo é o espaço da reprodução social, porém, devido à intrínseca relação existente entre a esfera da produção e esfera da reprodução, é impossível tratar desta separadamente daquela. Desta forma, inicialmente, procuraremos compreender essas duas esferas indicando a concepção que nos orienta acerca dessas duas categorias. Em seguida, apresentaremos alguns indicativos sobre como essas duas esferas se articulam nos modos de produção pré-capitalista¹ e capitalista.

Por fim, indicaremos algumas reflexões acerca da divisão sexual do trabalho, sobre a desigualdade de gênero e as possibilidades de superação desta desigualdade.

1.1 Articulação entre Produção e Reprodução Social.

Segundo a concepção materialista, o fator determinante da história é “a produção e a reprodução da vida imediata”. Estas duas esferas se caracterizam da seguinte forma: pela produção dos meios necessários à existência através do trabalho, ou seja, produção dos

¹ Neste momento, não nos aprofundaremos sobre o modo de produção pré-capitalista uma vez que o espaço onde realizamos nossa pesquisa é o modo de produção capitalista. Assim, os apontamos sobre aquele modo de produção são trazidos aqui somente com o intuito de contribuir com a compreensão do modo de produção capitalista.

produtos alimentícios, construção de habitação e dos instrumentos para realizar essas ações; e, pela própria reprodução biológica da vida humana (ENGELS, 1991).

A esfera da produção, ou o trabalho, tem uma centralidade significativa na vida dos seres humanos, pois é a partir dela que nos tornamos seres sociais e, não, somente a partir da mera existência. Para Lukács (1981), o trabalho sinaliza a passagem do ser biológico ao ser social. Logo, o ser social é resultado da própria práxis do ser humano (LUKÁCS, s/d apud Nogueira, 2006, p. 177).

Segundo Marx (1998, p. 211), o trabalho é, inicialmente, “um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”, ou seja, é “dispêndio de força humana de trabalho²” e, na “qualidade de trabalho útil e concreto, produz valores-de-uso” (MARX, 1998, p. 68).

Desta forma, conforme Lukács (1981) e Marx (1998), qualquer que seja a configuração de uma sociedade, ao transformar a natureza o homem produz valores de uso - alimentos, habitações e instrumentos – e, por isso, o trabalho torna-se “indispensável à existência do homem”. Isto se dá porque o trabalho “é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana” (MARX, 1998, p. 64-5). Isto significa também, que o valor de uso indica “um produto do trabalho que o homem pode usar apropriadamente para a reprodução da sua própria existência” (LUKÁCS, 1981, p. 04).

Portanto, independente da forma social que possui o processo de produção de uma sociedade, a produção e o consumo não sofrem interrupções. Logo, “todo processo social de produção encarado em suas conexões constantes e no fluxo contínuo de sua renovação, é ao mesmo tempo processo de reprodução” (MARX, 1987, p. 659). E, é por isto, que as “condições da produção são simultaneamente as da reprodução [,

² Força de trabalho, segundo Marx (1998, p. 197), é “o conjunto das faculdades físicas e mentais existentes no corpo e na personalidade viva de um ser humano, as quais ele põe em ação toda vez que produz valores-de-uso de qualquer espécie” (MARX, 1998, p. 197).

pois] nenhuma sociedade pode produzir continuamente, isto é reproduzir, sem reconverter, de maneira constante, parte de seus produtos em meios de produção ou elementos da produção nova. [...]” (MARX, 1987: 584).

Ainda no que concerne ao trabalho, Marx (1998, p. 211) compreende que este tem uma “ação determinante sobre o sujeito humano”, pois ao atuar sobre a natureza e transformá-la, o homem também transforma a sua própria natureza e “desenvolve as potencialidades nela adormecidas [submetendo] ao seu domínio o jogo das forças naturais”.

Por isto, este mesmo autor afirma que, o movimento de reprodução altera as condições objetivas de uma sociedade, “transformando aldeias em cidades; regiões selvagens em terras agrícolas, etc.”, bem como, paralelamente, modifica o próprio ser humano, uma vez que ao se transformar e se desenvolver na produção adquire “novas forças, novas concepções, novos modos de relacionamento mútuo, novas necessidades e novas maneiras de falar” (MARX, 1964, p. 88).

Isto acontece porque, segundo Lukács (1981, p. 41), o processo de trabalho coloca ao sujeito que participa deste, exigências que são satisfeitas quando se reestrutura, ao mesmo tempo, “as faculdades e possibilidades psicofísicas” existentes até aquele momento. Deste modo, a sociabilidade, a primeira divisão do trabalho, a linguagem e o pensamento são condições que surgem “para as necessidades do trabalho”.

Por isso, além do “elemento instintivo puramente biológico”, existe no homem o domínio da consciência. A consciência nasce da reprodução da própria existência e como instrumento imprescindível desta reprodução (LUKÁCS, 1981, p. 36).

Lukács (1981, p. 43 e 83) afirma que a consciência do homem tem sua origem “no trabalho, para o trabalho e mediante o trabalho”. E, por isso, tem em si a “possibilidade da própria auto-reprodução”. A consciência, para este mesmo autor, “em sentido biológico [...] está indissociavelmente ligada ao processo de reprodução biológica do seu corpo”.

Apesar de o trabalho ou a esfera da produção ser indispensável para que o ser humano se torne social, para Lukács, o ser biológico continua sendo a base para a reprodução do ser humano, porque mesmo sendo constantemente modificada na relação com outros seres humanos, não significa que é possível eliminar a base da reprodução humana.

Por isso, Lukács ainda afirma que

a compreensão ontológica da reprodução social deve ser entendida, por um lado, tendo em conta que os homens e as mulheres têm um fundamento ineliminável: sua constituição física e sua reprodução biológica, e por outro lado, a reprodução se desenvolve em um ambiente cuja base é certamente a natureza, a qual é sempre cada vez mais modificada pelo trabalho, pela atividade dos seres humanos (LUKÁCS, 1990: XV apud TORRIGLIA 1999, p. 57).

Uma vez que “é a própria sociedade que produz o homem enquanto homem [e] também ela é produzida por ele”, o aspecto social é, pois, o aspecto essencial de todo movimento.

Por isso, em *Manuscritos econômicos-filosóficos*, Marx (1978, p.9) afirma que a

essência humana da natureza não existe senão para o homem social, pois apenas assim existe para ele como vínculo com o homem, como modo de existência sua para o outro e modo de existência do outro para ele, como elemento vital da efetividade humana; só então se converte para ele seu modo de existência natural em seu modo de existência humano, e a natureza torna-se para ele o homem. A sociedade é, pois, a plena unidade essencial do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo acabado do homem e o humanismo acabado da natureza.

Ainda sobre isto, na mesma obra, Marx (1978, p. 10) revela que não é, somente, o resultado da atividade que é caracterizado como produto social, mas o “próprio modo de existência é a atividade social, porque o que eu faço de mim, o faço para a sociedade e com a consciência de mim enquanto um ser social.” Desta maneira, o ser humano é um ser social e, assim, a “exteriorização da sua vida” é, igualmente, “exteriorização e confirmação da vida social”.

Considerando todo o exposto, concordamos com Marx e Engels (1984, p. 32) ao afirmar que a produção da vida estabelece-se por meio de dois tipos de relação: uma que é natural que se trata da reprodução da espécie; outra que é social e que diz respeito à esfera da produção. Esses autores explicam que a esfera da produção torna-se social, pois para que ela se desenvolva é preciso cooperação entre os indivíduos. Ou seja, o trabalho adquire uma forma social quando os homens trabalham uns para os outros (MARX, 1998). E, é por isto, que “um determinado modo de produção [...] está sempre ligado a um determinado modo da cooperação”, pois segundo Marx (ideologia alemã apud MARX, 1964, p. 113), é a própria produção que irá determinar a forma deste relacionamento e/ou cooperação.

Marx (ideologia alemã apud MARX, 1964, p. 113) ainda explica que “o modo pelo qual os homens produzem seus meios de subsistência depende, antes de tudo, da natureza dos meios que eles encontram e têm de reproduzir”. Mas este modo de produção não se caracteriza, meramente, segundo o autor, pela “reprodução da existência física dos indivíduos” e, sim pela atividade que desenvolvem, ou seja, pelo “modo de vida deles”. Desta forma, “a natureza dos indivíduos [...] depende das condições materiais determinantes de sua produção.”

No Prefácio à Crítica da Economia Política, Marx (1978, p. 129-30) afirma que

na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da

sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. [Assim,] o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual [de uma sociedade].

É também por isto que Marx, na obra *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, afirma que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente [...]” (MARX, 1978, p. 329). Uma destas circunstâncias é o modo de produção, e é este que também determinará as relações sociais que se estabelecerão numa sociedade.

Uma vez que é o modo de produção pelo qual uma sociedade se organiza que definirá a direção da dimensão social e política desta sociedade, é importante considerar que, conforme veremos a seguir, em modos de produção diferenciados, a esfera da produção e a esfera da reprodução também se desenvolverão de forma diferenciada.

Nas sociedades pré-capitalistas, o processo de produção ou a base da ordem econômica é somente a produção de valores de uso. Isto significa que o objetivo econômico desta sociedade era somente o de que os sujeitos se reproduzissem “em determinadas relações com sua comunidade”. (MARX, 1964, p.77).

Marx (1964, p. 110) explica que mesmo naquelas sociedades pré-capitalistas em que já existiam as relações de troca, o objetivo da produção não era o “enriquecimento ou o valor de troca como valor de troca, mas a subsistência do homem como artesão, como um mestre-artesão e, conseqüentemente, o valor de uso”. A produção estava, por conseguinte, subordinada ao consumo e, a oferta subordinada somente à procura.

Lukács (1990 XLIV apud TORRIGLIA, 1999, p. 55) concorda com esta afirmação ao mencionar que em sociedades pré-capitalistas o trabalho, enquanto “especificidade do ser social”, constitui-se somente como uma ação que está somente “a serviço da reprodução biológica”.

Desta forma, nestas sociedades, o valor da força de trabalho é determinado pelo tempo necessário à manutenção do trabalhador e de sua família e “não pelo tempo de trabalho necessário para manter individualmente o trabalhador adulto” (MARX, 1998, p. 452).

Mészáros (2002) faz em sua obra diversos apontamentos que caracterizam a sociedade pré-capitalista. Assim, destacamos os seguintes elementos sinalizados por ele: o controle espontâneo da reprodução biológica e dos recursos existentes; o controle do processo de trabalho; a determinação de relações apropriadas de troca para melhor utilizar os recursos naturais e produtivos; o controle e organização das diversas atividades à “realização de um processo bem-sucedido de reprodução sociometabólica das comunidades humanas”; destino coerente dos recursos humanos e materiais e, ainda “a promulgação e a administração das normas e regulamentos do conjunto da sociedade, aliadas às outras funções e determinações” destas sociedades (MÉSZÁROS, 2002, p. 213).

Segundo Marx (1987, p. 584), o homem, “ao apropriar-se individualmente de objetos naturais para prover sua vida” controla a si mesmo, pois, isoladamente “não pode atuar sobre a natureza, sem por em ação seus músculos sob o controle de seu cérebro”.

É por isso que, segundo Marx (1964, p. 80), o objetivo da produção nestas sociedades não se constitui em acumular riqueza. Ou seja,

[...]. A riqueza, por um lado, [é] um objeto materializado em objetos, em produtos materiais, de certa forma contraposta ao homem, como um sujeito. Por outro lado, na qualidade de valor, se [constitui] simplesmente no direito de comandar o trabalho de outras pessoas, não com propósitos de domínio, mas de prazer pessoal, etc. [...].

Porém, a partir do século XVIII, segundo Marx em *Para a crítica da economia política* (1978, p. 104), na sociedade burguesa iniciam as transformações das formas constitutivas deste conjunto social

e passa a imperar a concepção do “indivíduo isolado” onde a sociedade se apresenta “ao indivíduo como simples meio de realizar seus fins privados, como necessidade exterior”.

Assim, Marx (1991) afirma que os principais fundamentos da sociedade passam a ser a propriedade privada e a expropriação dos meios de produção do trabalhador. Processo este que transforma “os meios sociais de subsistência e os de produção” em capital e, ainda, converte os produtores diretos em assalariados (MARX, 1987, p. 830).

Conforme este mesmo autor,

o capital operou a separação entre trabalhadores e meios de produção, entre *o caracol e sua concha*, aprofundando-se a separação entre a produção voltada para o atendimento das necessidades humano-sociais e as necessidades de auto-reprodução do capital (MARX, 1971, p. 411 apud ANTUNES, 1999, p. 167 e 180).

Por isto é que na sociedade capitalista ocorrem diversas dissoluções da antiga sociedade: a “dissolução da relação com a terra como uma condição natural de produção”; “dissolução das relações em que o homem mostra-se como o proprietário” dos meios de produção; e, ainda, a “dissolução das relações em que os trabalhadores mesmos, as unidades vivas da força de trabalho, ainda são parte direta das condições objetivas de produção e objetos de apropriação, nesta qualidade – sendo, portanto, escravos ou servos”, pois “o capital se apropria não do trabalhador, mas de seu trabalho – e não diretamente, mas por meio de troca” (MARX, 1964, p. 91-2).

Logo, é dentro deste modo de produção, que o capital conquista, segundo Marx (1998, p. 356), “o comando sobre o trabalho, sobre a farsa do trabalho em funcionamento, ou seja, sobre o próprio trabalho”.

Assim, “o conceito de capital implica que as condições objetivas do trabalho – que são o próprio produto do capital – adquirem uma personalidade contra o trabalho”, ou seja, as condições objetivas do trabalho passam a se constituir em “propriedade alheia, não do

trabalhador”. Um “processo pelo qual o capital se transforma em valores” e gera um produto fundamental que é a “produção de capitalistas e trabalhadores assalariados” (MARX, 1964, p. 110).

Marx (1998, p. 483) explica que o processo que transformou valores em capital se constitui, paralelamente, em “processo de trabalho e processo de criar mais-valia³”. E, assim “toda produção capitalista se caracteriza em [o] instrumental de trabalho empregar o trabalhador, e não o trabalhador empregar o instrumental de trabalho”. Porém, é com o emprego da maquinaria que esta contraversão se concretizará de fato porque, somente,

ao se transformar em autômato, [é que] o instrumental se confronta com o trabalhador durante o processo de trabalho como capital, trabalho morto que domina a força de trabalho viva, a suga e exaure. A separação entre as forças intelectuais do processo de produção e o trabalho manual e a transformação delas em poderes de domínio do capital sobre o trabalho se tornam uma realidade consumada [...] na grande indústria fundamentada na maquinaria.

É, nesse sentido, que Marx (1998, p. 483) afirma que o trabalho, na sociedade capitalista, transformou-se em trabalho alienado, pois

o trabalho na fábrica exaure os nervos ao extremo, suprime o jogo variado dos músculos e confisca toda atividade livre do trabalhador, física e espiritual. Até as medidas destinadas a facilitar o trabalho se tornam meio de tortura, pois a

³ Mais Valia: Quanto mais o capital explora a força de trabalho, mais produz mais-valia que é a “absorção do trabalho excedente” (MARX, 1998, p. 307). O trabalho excedente é aquele que ultrapassa os limites do necessário para a reprodução do trabalhador, ou seja, o trabalhador produz muito mais do que necessita para sua manutenção e não recebe o valor real de sua produção no salário. Desta forma, uma parte da produção é paga ao trabalhador em forma de salário e a outra é consumida pelo capitalista, o lucro.

máquina, em vez de liberar o trabalhador do trabalho, despoja o trabalho de todo o interesse.

Tendo em vista ainda que o objetivo principal do modo de produção capitalista é a sua própria expansão, este modo de produção necessita de “maior produção possível de mais-valia, portanto, a maior exploração possível da força de trabalho” (MARX, 1998, p. 384). E, é com este intento que o modo de produção capitalista, segundo Marx (1998) trouxe diversas conseqüências negativas para as relações sociais, bem como para as condições e/ou qualidade de vida do trabalhador numa época com grandes possibilidades de fazer justamente o contrário.

Considerando que, independente do modo de produção pelo qual uma sociedade se organiza, a força de trabalho é o conjunto das capacidades mentais e físicas do ser humano o qual é colocado em ação na produção de valores de uso; é importante ter a compreensão de que, nas formações sociais capitalistas, uma vez que nem todos os seres humanos são os proprietários dos meios de produção, a força de trabalho se transforma em mercadoria. Assim, o valor desta força de trabalho, passa a ser “determinado, como o de qualquer outra mercadoria, pelo tempo de trabalho necessário à sua produção e, por conseqüência, à sua reprodução”. Logo, a produção desta mercadoria, supõe a própria existência do ser humano, ou seja, “consiste em sua manutenção ou reprodução” através dos meios de subsistência (MARX, 1998, p. 200-01).

Sendo que é o modo de produção que determina as relações sociais de uma sociedade, quando “a produção tem a forma capitalista, também a terá a reprodução. No modo capitalista de produção, o processo de trabalho é apenas um meio de criar valor; analogamente, a reprodução é apenas um meio de reproduzir o valor antecipado como capital” (MARX, 1987, p. 660).

Ainda no que diz respeito à reprodução na sociedade capitalista, Marx (1987) afirma que o trabalhador efetua nesta formação social dois tipos de consumo: o consumo produtivo e o consumo individual. O consumo produtivo se realiza na produção quando o trabalhador “consome meios de produção com seu trabalho e transforma-os em produtos de valor maior que se desembolsado pelo capital”. E o consumo individual é o consumo da sua própria “força de trabalho pelo

capitalista que a comprou”, pois “o trabalhador emprega o dinheiro pago para a compra da força de trabalho em meios de subsistência” (MARX, 1987, p. 665).

Marx (1987, p. 665) explica que, desta maneira, consumo produtivo e consumo individual distinguem-se, pois o “primeiro opera como força motriz do capital e pertence ao capitalista; [no] segundo, pertence a si mesmo e realiza funções vitais fora do processo de produção. O resultado de um é a vida do capitalista, e o do outro é a vida do próprio trabalhador.”

Para Marx (1987, p. 666), na sociedade capitalista, o consumo individual “constitui fator de produção e reprodução do capital”, pois independente do local em que ele se processa, o consumo individual do trabalhador, também é um “elemento necessário do processo de produção”.

É importante lembrar que, apesar de distintos, ambos os tipos de consumo servem ao modo de produção capitalista, pois

O capital [fornecido] em troca da força de trabalho se converte em meios de subsistência, cujo consumo serve para reproduzir músculos, nervos, ossos e cérebro do trabalhador existente e para gerar novos trabalhadores. Dentro dos limites do absolutamente necessário, o consumo individual da classe trabalhadora, portanto, transforma os meios de subsistência, proporcionados pelo capital em troca de força de trabalho, em nova força de trabalho explorável pelo capital. É produção e reprodução do meio de produção mais imprescindível ao capitalista, o próprio trabalhador (MARX, 1987, p. 666).

Com base em Marx (1991, p. 940), vimos que o que constitui uma sociedade, considerada em sua estrutura econômica, é “o conjunto das relações que os agentes da produção, produzindo dentro delas, mantêm entre si e com a natureza”. Por isso, o processo de produção capitalista

se efetua em certas condições materiais que ao mesmo tempo servem de suporte a determinadas relações sociais contraídas pelos indivíduos no processo de reprodução da vida. Aquelas condições e estas relações são, de um lado, requisitos prévios, e, do outro, resultados e criações do processo capitalista de produção; este as produz e reproduz (MARX, 1991, p. 940).

Desta forma, a dinâmica da sociedade capitalista faz com que o espaço reprodutivo seja, assim,

uma espécie de imitação ‘caricata’ do mundo produtivo. O trabalho doméstico compreende uma enorme porção da produção socialmente necessária. Isto é, no processo de acumulação de capital, o *quantum* de mercadoria força de trabalho é imprescindível, uma vez que é através da exploração do dispêndio de energia socialmente necessária para a produção de mercadoria que se gera a mais valia (NOGUEIRA, 2006, p. 199).

Marx (apud NOGUEIRA, 2006) afirma que, no sistema capitalista, o trabalho realizado na esfera doméstica não tem como fim a criação de mercadorias, mas a criação dos bens necessários para a sobrevivência da família. Assim, justamente por isto, segundo Nogueira (2006), o trabalho doméstico se constitui em atividade fundamental para o sistema capitalista e, seu maior aliado é a família patriarcal.

Isto significa dizer que o capital se apropria da esfera da produção e também da esfera da reprodução, pois o trabalho realizado diariamente no espaço reprodutivo permite “ao capitalista a segurança da reprodução e a perpetuação da força de trabalho e, dessa maneira, garante também a reprodução e manutenção da própria lógica do capital” (NOGUEIRA, 2006, p. 206).

Portanto, uma vez que o trabalho doméstico⁴ diz respeito ao próprio “processo de reprodução da força de trabalho”, ele se torna “um problema do sistema capitalista de produção” e não um problema privado da família ou individual das mulheres (TOLEDO, 2003, p. 51).

Para a força de trabalho se reproduzir, o capitalista paga um salário do qual desconta o trabalho doméstico, ou seja, desconta aquele trabalho realizado no espaço da própria família. Deste modo, “assim como a escola se encarrega da educação, a justiça das leis, o exército da repressão”, a família é utilizada pelo capitalismo para a reprodução social, pois é no lar o espaço no qual

o trabalhador se alimenta, descansa e repõe suas energias para continuar trabalhando para o capitalista. Se o salário é o necessário para a sobrevivência do trabalhador, ou seja, para a reprodução da força de trabalho, o trabalho doméstico deveria fazer parte desse cálculo, e, no entanto, não o faz. O capitalista explora a separação entre o processo de produção de mercadorias e o processo de reprodução da força de trabalho para, dessa forma, incrementar a extração de mais-valia (TOLEDO, 2003, p. 51).

⁴ O trabalho Doméstico se constitui em processos que se realizam no espaço familiar e, segundo Bruschini (1990, p. 46) se efetiva em dois níveis: “no primeiro são executadas todas as tarefas que possibilitam ao trabalhador a reposição de suas forças para o trabalho produtivo diário. Incluem-se nesse grupo o preparo dos alimentos, a lavagem e concerto das roupas, o consumo dos bens de subsistência etc. Em outro plano estão as tarefas de formação da nova geração de trabalhadores para a sociedade, o que se dá através da gravidez, parto e socialização das crianças”. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) utiliza o termo “afazeres domésticos” para caracterizar as atividades que se referem ao trabalho doméstico e, segundo Bruschini (2006) esta termo “é uma categoria ampla e diversificada, que inclui um leque extremamente heterogêneo de tarefas”. Nas atividades manuais estão incluídas as tarefas de “limpar a casa, lavar e passar roupa, cozinhar, etc.” e, nas atividades não-manuais estão incluídas as tarefas de “cuidar dos filhos, dos idosos e dos doentes, administrar a casa e o cotidiano doméstico e familiar, fazer as compras, entre outras”.

Essa é uma das principais razões que uma mudança profunda na divisão sexual do trabalho não atende aos interesses do capital. E, será exatamente essa questão que iremos abordar no próximo item.

1.2 A Divisão sexual do trabalho.

Segundo Hirata e Kergoat (2007) a divisão sexual do trabalho “é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos”. Para estas autoras, a divisão sexual do trabalho é “modulada histórica e socialmente”, bem como é caracterizada por princípios que designam prioritariamente aos homens a esfera produtiva e, às mulheres a esfera reprodutiva. Paralelamente, ocorre “a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares, etc.)”.

Sobre isto, Bruschini (1990, p. 32) afirma que, independente do modo de produção, com base em estudos antropológicos, “todas as sociedades se organizam em torno de uma divisão sexual do trabalho”. Porém, cabe ressaltar que no início da civilização, segundo Marx (1998, p. 406), esta divisão era uma divisão natural que decorria “das diferenças de sexo e de idade”, ou seja, a divisão do trabalho tinha fundamento unicamente fisiológico.

Apesar de a divisão sexual do trabalho já ser identificada nas sociedades pré-capitalistas, é somente no modo de produção capitalista que tanto as condições “da produção de bens” quanto as condições “da produção dos seres humanos” serão subvertidas (COMBES e HICAULT, 1986, p. 26-7).

Desta forma, segundo Bruschini (1990, p. 32), a propensão em atribuir “a vida social ou esfera pública” ao sexo masculino e, ainda, a “esfera privada ou doméstica” ao sexo feminino é uma construção cultural universal e que, segundo Durham (1983 apud BRUSCHINI, 1990, p. 32), é elaborada a partir das “diferenças biológicas e sobre a tendência que a espécie humana partilha com outros mamíferos, de dependência prolongada das crias em relação às mães”. Isto se explica uma vez que a mulher, devido à possibilidade da “maternidade enquanto

fato biológico”, estabelece “vínculos imediatos e diretos” com as atividades e “funções diretamente ligadas ao parto, aleitamento e primeiros cuidados com os nascidos” (BRUSCHINI, 1990, p. 50).

Engels (1991), a partir de outros estudos, também faz afirmações que apontam para uma divisão sexual nas sociedades pré-capitalistas. Segundo este autor, nestas sociedades a mulher também permanecia a maior parte do tempo se dedicando às atividades relacionadas à reprodução. Nesse sentido, o autor afirma que a administração do lar era confiada às mulheres, e esta era “uma indústria socialmente tão necessária quanto a busca de víveres, de que ficavam encarregados os homens”. Neste momento da história, a sociedade era autogovernada e matriarcal; havia igualdade entre homens e mulheres, onde estas possuíam grande admiração (ENGELS, 1991, p. 80).

No início da civilização, homens e mulheres eram livres e a mulher era muito estimada, pois era considerada como a grande força dentro e fora dos clãs (gens). Havia divisão sexual do trabalho, mas esta divisão não estava relacionada com a posição da mulher na sociedade (ENGELS, 1991).

Bruschini (1990, p. 32) explica que nas sociedades pré-capitalistas, além de esta divisão sexual não estar relacionada com a posição da mulher na sociedade, a separação entre público e privado - a separação da “produção de bens materiais de um lado e reprodução dos seres humanos de outro” - não era uma separação tão radical quanto vemos nas sociedades capitalistas.

Na continuidade, esta mesma autora explica que

Nas sociedades não-capitalistas o grupo doméstico é uma importante unidade de produção; há formas diversas de trabalhos coletivos, com a participação diferenciada de homens e mulheres. A complementariedade de papéis masculinos e femininos permeia tanto a vida pública quanto a privada. A divisão do trabalho gera alto grau de dependência entre as duas esferas e a separação das atividades entre os sexos cria áreas de autonomia e de independência: não há uma simples dicotomia dominação/submissão associada à divisão de papéis, mas sim uma

complexa combinação de áreas de influência e de autonomia (BRUSCHINI, 1990, p. 32-3).

Scott e Tilly (1975 apud BRUSCHINI, 1990, p. 33) afirmam que nas sociedades pré-capitalistas, o espaço da reprodução era o próprio espaço da produção.

Desta forma,

Os membros das famílias tinham deveres claramente definidos, determinados em função de sua idade e posição na família e de seu sexo. A diferenciação de papéis sexuais existia; homens e mulheres não só executavam tarefas diferentes, mas também ocupavam espaços diferentes. Mas o progresso material da família dependia tanto da esposa quanto do marido. A mulher trabalhava em todos os tipos de atividades, muitas delas extensões de suas funções domésticas ou a confecção de roupas. Enquanto o homem assumia a primazia nos papéis públicos, a mulher prevalecia na esfera doméstica, mas esta tinha o maior peso na vida econômica e social da família. Apesar de limitada à esfera da família, a mulher exercia um poder que decorria da gerência da unidade doméstica.

Essa realidade começa a ser transformada quando, a partir do aumento das riquezas, que foram convertidas em propriedade particular, o homem passa também a ter uma posição mais respeitável do que a mulher. Essas mudanças “faziam com que nascesse nele a idéia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da herança estabelecida”, ou seja, o matrimônio sindiásmico⁵, introduziu um novo elemento na família: “junto à verdadeira mãe” se pôs “o verdadeiro pai”, pois com base no direito materno os filhos viam-se deserdados em relação ao pai (ENGELS, 1991, p. 58).

⁵ Matrimônio Sindiásmico: matrimônio por grupos

Com estas mudanças, a administração do lar perde seu caráter social, transformando-se em serviço privado. A valorização que a mulher possuía também começou a ser alterada, pois o homem passou a assumir a direção da casa e a mulher viu-se rebaixada, convertida meramente em instrumento de reprodução, não mais tomando parte da produção social (ENGELS, 1991).

Além disto, foi a partir dessas mudanças que surgiu a família patriarcal, na qual a característica fundamental é a submissão de toda a família ao poder paterno, bem como, ocorreu “a passagem do matrimônio sindiásmico à monogamia” como forma de garantir “a fidelidade da mulher e, por conseguinte, a paternidade dos filhos” (ENGELS, 1991, p. 62).

Por isso, é importante nos atentarmos ao fato de que a “monogamia não aparece na história [...] como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como a forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro” (ENGELS, 1991, p. 70).

E, no que concerne ao patriarcado, também é preciso compreender que “o capitalismo não gera o patriarcado, mas o utiliza e reforça, fazendo-o parte de sua dinâmica”. (PENA, 1981 apud BRUSCHINI, 1990, p. 51). Isto significa, segundo Bruschini (1990, p. 52) que “patriarcado e capitalismo atuam concomitantemente e de maneira imbricada, mas um não pode ser reduzido ao outro, sob pena de obscurecer seus efeitos”.

Deste modo, a mesma autora afirma que

O patriarcado é um sistema sócio-político que subjuga as mulheres tanto na esfera da produção material, mantendo-as em ocupações secundárias e mal-remuneradas, quanto na esfera da reprodução dos seres humanos, controlando sua sexualidade e subordinando-as à prestação de serviços domésticos aos membros da família (BRUSCHINI, 1990, p. 52).

Outras mudanças que repercutiram nas esferas produtiva e reprodutiva foram o advento da industrialização e do capitalismo, que produziram transformações significativas na família e em toda sociedade e, ainda, provocaram “o surgimento de duas esferas distintas: de um lado a unidade doméstica, de outro a unidade de produção”. Esta fragmentação transformou as funções do espaço familiar estabelecendo uma divisão sexual do trabalho mais rigorosa do que a que prevalecia em sociedades anteriores. Enquanto o homem ficou responsável pelo trabalho fora do lar recebendo remuneração para isto, a mulher ficou responsável, sobretudo, pela realização do trabalho doméstico, ou seja, pelas “tarefas relativas à reprodução da força de trabalho na esfera privada do lar e sem remuneração” (BRUSCHINI, 1990, p. 46).

Pena (1981, p. 76) concorda com Bruschini ao afirmar que o trabalho doméstico pode ser compreendido “como parte da divisão social do trabalho; entretanto, as mulheres são alocadas a esse trabalho fora do mercado e fora das relações de produção. Ser dona-de-casa é ser uma mulher e ser uma mulher é quase sempre ser uma dona-de-casa, não importa se participando ou não da esfera do trabalho assalariado” (PENA, 1981, p. 76).

Segundo Sorj (2004, p. 107 apud BRUSCHINI, 2006), “o trabalho remunerado e o não-remunerado são duas dimensões do trabalho social que estão intimamente ligadas”. Por isso ambos são importantes aos seres humanos. Entretanto, “o trabalho não-remunerado é realizado, em grande parte, [somente] pelas mulheres, na esfera privada” devido à crença que estas são dotadas de uma capacidade natural para o exercício desta atividade.

Para Toledo a Revolução Industrial (1770 a 1830) além de ter sido marcada pela “introdução da maquinaria no processo de produção de mercadorias” e pela “concentração de grandes contingentes de trabalhadores nas fábricas”, foi marcada pela “introdução da família na engrenagem de produção” transformando a mulher “em força de trabalho”. E “apesar de haver sido confiscada pelo capital para ir à fábrica, a mulher não foi libertada [...] do trabalho doméstico”. Assim, o trabalho fora de casa “impôs [à mulher] a duplicação da jornada de trabalho” (TOLEDO, 2003, p. 37 e 39).

Desta forma, a mulher não somente passou a se dedicar ao trabalho assalariado, como também continuou sendo a única responsável pelo trabalho doméstico (BRUSCHINI, 1990). A mudança ocorreu

somente no sentido de que a mulher passou também a exercer o trabalho assalariado, porém quanto ao espaço reprodutivo não houve mudanças.

Assim, durante a Revolução Industrial, apesar de as mulheres continuarem responsáveis pelo trabalho doméstico, trabalhavam em períodos contínuos abandonando o lar à sua própria sorte. As conseqüências dessa situação podiam ser vistas nos índices de mortalidade infantil e materna, como também no sofrimento gerado às mães pobres, solteiras ou casadas. O consumo familiar passou, obrigatoriamente, a ser suprido pela compra de mercadorias já confeccionadas; a incorporação da mulher e da criança à fábrica, “desvalorizou o trabalho masculino e aumentou o grau de exploração” (TOLEDO, 2003, p. 38).

Sobre isto, Toledo (2003, p. 40) afirma que a mulher somente é convocada para trabalhar na fábrica com a chegada das máquinas. Alegou-se para isto que a maquinaria dispensa a força bruta como se antes do início da grande indústria a mulher não tivesse feito trabalhos pesados como “arar a terra, cuidar de animais, esfregar o chão, transportar e carregar os filhos”. Isto significa que a idéia de que a mulher é frágil foi uma idéia imposta culturalmente pela sociedade burguesa.

Esta idéia de fragilidade, segundo Bruschini (1990, p. 46), transformou a “rígida divisão sexual do trabalho em uma divisão ‘natural’, própria à biologia de cada sexo”, onde casa e família passaram a ter o mesmo significado apesar da distinção existente: “enquanto a casa é uma unidade material de produção e de consumo, a família é um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos e psicológicos”.

Na segunda metade do século XX, apesar da introdução de “novas tecnologias, sobretudo o advento da informática em grande escala, facilitando o trabalho da mulher e sua absorção como mão-de-obra”, o “problema de gênero” não fora minimizado:

Apesar de o capitalismo se aproveitar das diferenciações de gênero, a situação da mulher no mundo do trabalho mostra que essa não é a causa primordial de sua opressão. Ela é apenas um dado cultural, que faz parte da superestrutura da sociedade, e que é diretamente dependente e

influenciada pelas determinantes estruturais, ou seja, o modo de produção capitalista. Poderíamos dizer que as desigualdades de gênero são ‘envenenadas’ pelo capitalismo, alimentadas e aprofundadas a cada dia, de inúmeras formas, para que continuem a servir o modo de produção dominante (TOLEDO, 2003, p. 41).

Para Toledo (2003) o capital tira proveito dos dados culturais e os aprofunda na direção dos seus interesses, fazendo com que a mulher não deixe das tarefas da reprodução, conforme Hirata e Kergoat (2007), “em nome da natureza, do amor e do dever materno”. Desta forma, o trabalho doméstico realizado pela mulher supre as deficiências do Estado em relação aos serviços públicos e, com a inserção no mercado de trabalho, a mulher serve de mão-de-obra barata e descartável recebendo salários precários. Ainda que o Estado tenha assumido uma parte dos serviços antes limitados ao espaço doméstico, esta responsabilidade continua sendo da mulher (TOLEDO, 2003).

Ainda sobre o trabalho doméstico, Pena (1981, p. 73-4) afirma que, independente de classe social ou modo de produção, o trabalho doméstico é uma “atividade reprodutiva”, pois através dele também se produz valores de uso dos quais os seres humanos sobrevivem. Porém, para esta autora, o trabalho doméstico “difere do trabalho assalariado na relação que mantém com o capital, pois enquanto [este] está preocupado com a produção, [aquele] está com o consumo, isto é, com a produção de valores de uso que não serão trocados e sim consumidos para a reprodução da força de trabalho.”

A mesma autora afirma que o “trabalho doméstico está no cerne da opressão feminina e enquanto o casamento inclui-lo como um mecanismo, através do qual serviços são prestados gratuitamente e crianças geradas e criadas, tendo uma mulher como responsável, a opressão dessa [...] parece inevitável” (PENA, 1981, p. 73). Pena concorda com Annete Kuhn quando esta afirma que

o trabalho doméstico é ao mesmo tempo um benefício ao capital, quanto um trabalho socialmente útil; entretanto, é desempenhado numa arena de relações sociais nas quais as relações econômicas são descaracterizadas e

tomam a forma de relações pessoais entre dois indivíduos. O salário, porque é aparentemente concedido como um retorno por um trabalho desempenhado fora de casa, é visto como propriedade de quem o ganhou, e a parte dele repassada à dona de casa, como um presente (KUHN apud PENA, 1981, p. 73).

É, por todo esse contexto que, na sociedade capitalista, o valor do trabalho efetuado na esfera doméstica passou a ser ocultado e, conseqüentemente, apesar da sua importância para a reprodução social, passou a ser “realizado gratuita e isoladamente no espaço privado das famílias” (BRUSCHINI, 1990, p. 49).

Paulilo (2004), falando da importância do trabalho doméstico, lembra que “sem novas gerações, a sociedade humana desapareceria”, pois conforme afirma Folbre (2001 apud PAULILO, 2004)

as crianças que nascem não são apenas uma garantia de sustento para seus pais, mas para a sociedade toda. Quando adultos, são elas que vão produzir, pagar impostos, ter filhos e gerar o excedente necessário para sustentar as novas crianças e os idosos. Filhos bem criados, com saúde e educação adequada, são um bem para toda a sociedade, mas uma responsabilidade quase exclusiva das mães. [...] Enquanto a reciprocidade entre marido e mulher, por ser algo que acontece no presente, pode ser mais controlada e o casamento é um contrato que pode ser desfeito, a reciprocidade entre pais e filhos se dá em termos de futuro. Quem se dedica aos filhos sabe quanto lhes dá mas não pode saber quanto irá receber, nem se seus descendentes sobreviverão, terão saúde ou conseguirão emprego, ou seja, estarão aptos a retribuir.

Circunscrito ao espaço privado, o trabalho doméstico, ainda que indispensável à conservação e reprodução da sociedade, passou a ser pouco valorizado e foi “ocultado pela produção social”. Ao contrário das sociedades pré-capitalistas onde essa “desvalorização e o

ocultamento do trabalho doméstico” não existiam, pois as atividades relacionadas a este tipo de trabalho “eram executadas ao lado de outras atividades ligadas diretamente à produção social” (BRUSCHINI, 1990, p. 46).

Nesse sentido, Pena (1981) nos mostra a diferença do trabalho doméstico nas sociedades pré-capitalistas e nas sociedades capitalistas e afirmando que nas primeiras o controle sobre o processo reprodutivo era muito maior do que vemos nos dias atuais onde o Estado e o modo de produção passam a ter controle por grande parte dessas atividades com o objetivo de eles próprios se manterem e se reproduzirem:

O trabalho doméstico consistia, como ainda hoje, um campo essencialmente feminino, através do qual trabalhadores (as) eram produzidos e sua força de trabalho reproduzida em base cotidiana. Diferentemente de nossos tempos, entretanto, o conhecimento e o controle da dona-de-casa sobre seu processo de trabalho eram significativamente maiores. Não somente a inexistência de um mercado de massas fazia com que parte preponderante do que era consumido domesticamente fosse ali fabricado, como ela ainda cuidava dos(as) filhos(as), educava-os(as) doentes, com frequência detinha o conhecimento de produção de medicamentos, fabricava-os caseiramente, ajudava outras mulheres e ainda participava do nascimento dos filhos alheios. A mecanização e automação, características da grande indústria, vai aos poucos colocando demanda por uma mão-de-obra mais especializada, mais saudável, mais educada e mais obediente: o capital e o Estado capitalista ganham controle sobre partes deste processo de reprodução (PENA, 1981, p. 116).

1.3 Desigualdade de Gênero e sua tentativa de Superação.

A desigualdade de gênero é transmitida por meio de princípios construídos socialmente os quais nos fazem crer que mulheres e homens são diferentes não somente biológica, mas também socialmente. Desta forma, exige-se que mulheres e homens desempenhem papéis sociais diferentes, tendo assim, também, acesso a direitos e tratamento diferenciados.

Segundo Hirata e Kergoat (2007), estes princípios são transmitidos por uma “ideologia naturalista” que “rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a papéis sociais sexuados que remetem ao destino natural da espécie”. Neste sentido, aos homens caberia o espaço público/social e às mulheres o espaço privado.

Toda esta idéia, que transpõe o que foi construído socialmente ao que é natural, foi determinada historicamente e, conforme Toledo (2003, p. 116) é transmitida “pelas principais instituições da sociedade – a escola, o Estado, a Igreja, as Forças Armadas, os meios de comunicação”, com o objetivo principal de reproduzir e manter o próprio modo de produção capitalista.

Esta mesma autora explica que a opressão da mulher na sociedade tem fundamento social e histórico, afirma que ela é determinada pela “localização da mulher e do homem no sistema de produção e de reprodução de sociedades determinadas”. Entretanto, o discurso dominante expressa que esta opressão é natural, um discurso que inferioriza a mulher servindo a interesses determinados. Por isso, “é um erro atribuir à natureza a forma de funcionamento da família patriarcal”, como se as características definidas socialmente se assentassem na natureza do ser humano (TOLEDO, 2003).

Segundo Toledo (2003), as melhores condições de vida das mulheres hoje é o exemplo de que a luta por sua emancipação está tendo resultados, no entanto, estes mesmos resultados apontam que uma emancipação de forma efetiva não pode ser obtida no sistema capitalista, pois este modo de produção somente tem contribuído para deteriorar ainda mais as condições de vida dos seres humanos. É devido a isto que

a luta pela emancipação das mulheres não pode ser uma luta individual e deve ter como único objetivo o de acabar com a base econômica e social do sistema capitalista. Além de acabar com a ideologia que alimenta a opressão e a exploração e que se encarrega da sua própria reprodução. Nesse sentido, a opressão da mulher apenas poderá ser superada com uma mudança total na infra-estrutura das sociedades assentadas nesse tipo de relação.

Toledo (2003) acredita na necessidade de alterar radicalmente a estrutura produtiva capitalista, pois sem esta alteração as leis, o direito, os costumes não são alterados. Isto porque, assim como todas outras desigualdades da sociedade capitalista, não se pode atribuir um caráter autônomo à desigualdade de gênero, como se esta desigualdade existisse independente do conjunto das relações econômicas e sociais. Pois, não é a maneira que os homens e mulheres se veem que determinam as relações sociais, mas sim o contrário: são as relações sociais que determinam o modo como os homens e mulheres se veem. (TOLEDO, 2003).

Para Beauvoir (1980, p. 449-50) a mulher somente poderá ter uma liberdade efetiva por meio do trabalho. Porém, para esta autora é importante observar que para uma perfeita libertação não bastaria unir alguns direitos à profissão, pois nesta sociedade o “trabalho não é a liberdade” e, apenas em “um mundo socialista a mulher, atingindo o trabalho, conseguiria a liberdade”.

Para Alambert (1986) não se pode identificar a emancipação da mulher com a sua inserção no mercado de trabalho tendo em vista que, conforme Engels (apud ALAMBERT, 1986, p. 115) “a reintrodução da totalidade do sexo feminino na indústria pública pode ser somente a condição preliminar de sua libertação”, isto significa que para este autor o trabalho fora da esfera privada pode contribuir com a emancipação da mulher, mas não pode e nem será o único meio para este fim.

Para que a mulher alcance a emancipação, Toledo (2003) acredita que também seria necessário que o Estado assumisse a responsabilidade pelas tarefas relacionadas com a reprodução social. O que se efetivaria por meio de serviços públicos como confecções, creches, escolas, lavanderias e restaurantes. Porém, a conquista do socialismo deve ser considerada como uma necessidade para toda a humanidade e tratando-se de uma tarefa coletiva, pois para que a mulher

alcance de fato a emancipação, primeiro, é necessário a emancipação de toda a sociedade.

Isto se justifica, uma vez que, na sociedade capitalista, o trabalho assalariado ou social torna-se uma carga adicional à mulher e não altera a responsabilidade desta pela produção de valores de uso na família e para a família. Por isso, é que Alambert (1986, p. 115) afirma que não se pode centralizar o debate da emancipação da mulher no direito ao trabalho sem incluir as implicações disto para as mulheres. Bem como, deve-se também colocar em pauta “a separação entre o social e o privado – típica função do modo de produção e da cultura das sociedades capitalistas”, pois esta separação oculta a intrínseca relação existente entre essas duas esferas (BRUSCHINI, 1990, p. 35).

Sacks (apud BRUSCHINI, 1990, p. 35) concorda ao afirmar que a igualdade social só poderá ser alcançada se o trabalho de homens e mulheres for do mesmo tipo: produção de valores de uso social. Lembra, contudo, que isso só será possível se a família e a sociedade deixarem de ser esferas econômicas separadas e se integrarem numa só esfera social” (BRUSCHINI, 1990, p. 35).

É preciso lembrar que, segundo Toledo (2003), a raiz da opressão da mulher não está somente na desigualdade de gênero disseminada pelo patriarcado, mas também no problema de classe. Nesse sentido, a mesma autora (2003, p. 14) argumenta que para compreendermos a condição da mulher é necessário compreender também a condição do homem, ou seja, para entender a “opressão da mulher é preciso estudar o seu opressor, que é a sociedade de classes, que tem no homem o agente dessa opressão”. Esta compreensão é necessária, pois quando esta “estrutura social se vê ameaçada, reage com mais energia e reforça as construções sociais, os mitos e símbolos que servem para manter” a sua própria lógica.

É, por isso, que Toledo (2003, p. 117) entende que a questão de gênero também está determinada pela classe, pois ela se manifesta diferentemente na vida de mulheres pertencentes à burguesia e na vida de mulheres pertencentes ao proletariado.

A situação de pobreza, o emprego em condições precárias, a mortalidade materna, a marginalidade são alguns exemplos de “manifestações de uma condição de classe, e uma mulher, nessas condições, vivencia o ‘feminino’ de forma diferente da mulher que vive

em um bairro burguês, é proprietária ou mulher de banqueiro, vai todos os dias ao cabeleireiro e tem empregada doméstica” (TOLEDO, 2003, p. 118).

Procurando entender a sociedade de classes verifica-se nos estudos de Marx e Engels (2007, p. 40) que a estruturação da sociedade em diferentes classes sociais é anterior ao sistema capitalista. Como exemplo, os autores indicam a Roma antiga onde essa divisão se dava em “patricios, cavaleiros, plebeus, escravos” e na Idade Média onde a divisão entre as classes se constituía por “senhores, vassalos, mestres das corporações, aprendizes, companheiros, servos”.

Assim, a sociedade capitalista não elimina o “antagonismo de classe”, mas ao contrário, passa a estabelecer “novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado”, bem como, simplifica o antagonismo existente nas sociedades anteriores (MARX e ENGELS, 2007, p. 40).

Apesar de Marx (1991, p. 710) afirmar que na sociedade capitalista o confronto entre classes constitui-se a partir de três classes sociais - “o trabalhador assalariado, o capitalista industrial e o proprietário da terra” sendo que estas classes possuem como renda: o salário, o lucro e a renda da terra, respectivamente – a “contraposição tendencial” se dá “entre capital e trabalho” (RIDENTI, 1994, p. 111). Isto significa dizer que o confronto maior se efetiva entre as duas classes fundamentais desse modo de produção, ou seja, entre a classe que vive do salário e a classe que vive do lucro.

Isto se dá justamente pela contradição existente nesta relação: a classe que vive do salário fora expropriada dos meios de produção, não tendo mais controle sobre seu processo de trabalho, conforme já vimos; e a classe que vive do lucro é a classe que possui nesta sociedade os meios de produção.

Na concepção de Marx e Engels (2007, p. 40) “a classe dos capitalistas” é constituída pelos “proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado” e, “a classe dos assalariados” são aqueles “que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver.”

Esta divisão específica da sociedade capitalista surge, segundo Marx (1987, p. 664), em decorrência do fundamento principal deste processo de produção que é “a separação entre o produto do trabalho e o próprio trabalho, entre as condições objetivas do trabalho e a força subjetiva do trabalho”.

Logo, esta relação é própria das sociedades que se organizam a partir do modo de produção capitalista, pois, segundo Marx (1987, p. 673), nessas sociedades “a produção [...], encarada em seu conjunto, ou como processo de reprodução, produz não só a mercadoria, não só mais valia; produz e reproduz a relação capitalista: de um lado, o capitalista e de outro o assalariado.” Isto significa, para Marx (‘Lohnarbeit und Kapital’ em ‘N [eue] Rh [einische]’ n° 266, 7 de abril de 1849 apud MARX, 1987, p. 673) que “o capital pressupõe o trabalho assalariado, e o trabalho assalariado pressupõe o capital. Eles se condicionam e se reproduzem reciprocamente”.

CAPÍTULO 2 – A PESQUISA E SEUS RESULTADOS.

Nossa pesquisa procura contribuir com o debate sobre a desigualdade de gênero e sobre o trabalho doméstico na sociedade capitalista no sentido de refletir sobre as perspectivas que temos para o futuro. Desta forma, apresentamos a seguir a metodologia utilizada e os resultados obtidos com este estudo.

2.1 Metodologia da pesquisa

O nosso trabalho está delineado pela revisão bibliográfica apresentada no capítulo anterior, pois é o “domínio de teorias [que] fundamenta [o] caminho do pensamento e da prática teórica além de constituir o plano interpretativo para nossas indagações de pesquisa, seja para desenvolvê-las, respondê-las ou para, a partir delas, propor um novo discurso”, principalmente, porque sem a teoria corremos o risco de apresentarmos uma mera “opinião pessoal sobre a realidade” (MINAYO, 2008, p. 19); bem como, está delineado também pelos aspectos que envolveram as etapas da pesquisa realizada, as quais apresentaremos neste capítulo, incluindo, assim, desde a metodologia utilizada até os resultados e análise dos dados obtidos.

Com o intuito de indagar e construir a realidade, Minayo (2008, p. 16) afirma que é a metodologia de pesquisa que nos oferecerá os “parâmetros para caminhar na produção de conhecimentos”. Nesse sentido, para esta mesma autora (2008, p. 14), a metodologia de pesquisa é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” na qual estão incluídas, necessariamente, “a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)”.

Diante disto, apresentaremos a metodologia da pesquisa em três partes. Na primeira descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados no processo investigativo tais como, método de pesquisa, sujeitos, universo da pesquisa; na segunda, o instrumento utilizado para a coleta de dados e na terceira será apresentado o percurso da pesquisa e os procedimentos utilizados para a análise dos dados.

A título de conhecimento, posteriormente a estas informações, traremos um breve perfil dos sujeitos entrevistados.

2.1.1 Procedimentos metodológicos.

A pesquisa científica tem como fundamento principal o de “ultrapassar o senso comum” por meio do método científico. Este método “permite que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, através de um processo de categorização [...] que une dialeticamente o teórico e o empírico” (MINAYO, 2008, p. 34).

Tendo isto em vista, o presente estudo procurou, de modo geral, identificar se as mudanças ocorridas na sociedade a partir do século XIX também alteraram a divisão sexual do trabalho no espaço doméstico, perceber a carga de quem está a responsabilidade pelos afazeres domésticos em nossa sociedade e, ainda, apreender como a realidade da esfera reprodutiva é vivenciada por mulheres pertencentes à burguesia e por mulheres pertencentes ao proletariado, uma vez que possuem condições socioeconômicas completamente diferenciadas. Para o alcance destes objetivos, uma das escolhas feitas foi pelo desenvolvimento de pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa, conforme Minayo (2008, p. 21), ocupa-se “com um nível da realidade que não pode ou que não deveria ser quantificado”. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” Um conjunto de “fenômenos humanos” compreendidos também “como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e

por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes”. Assim, o objeto da pesquisa qualitativa que é “o universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade”, “difícilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos”.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram constituídos de mulheres pertencentes à burguesia e mulheres pertencentes ao proletariado, sendo assim, o universo foi composto por dez (10) mulheres de cada uma destas duas classes sociais, totalizando vinte (20) mulheres. Para a escolha destas mulheres, utilizamos o critério de pertencimento à classe burguesa e o pertencimento à classe proletária, bem como, a disponibilidade em participar da pesquisa.

A escolha por pessoas do sexo feminino, neste momento, deu-se pelo simples fato de que são, principalmente, elas que vivenciam a desigualdade de gênero, ou seja, são as mulheres as que vivenciam essa situação desigual com maior intensidade do que as pessoas do sexo masculino em nossa sociedade. O recorte de classe teve como objetivo o de averiguar se as concepções e comportamentos destas mulheres, acerca da esfera reprodutiva, diferenciam-se ou não conforme a classe social que pertencem, indicando se este pertencimento, burguesa ou proletariado, também reforça uma visão desigual da realidade social.

A concepção de classe social que nos orienta, conforme já abordado no capítulo anterior, é da teoria marxista. Porém, esclarecemos que, apesar de Karl Marx ter afirmado, em sua obra *O Capital*, a existência de três classes sociais, quais sejam aquela que vive da terra, aquela que vive do lucro e, ainda, a que vive do salário, para facilitar as análises a nossa pesquisa foi realizada com base somente nas duas classes em que o confronto é maior. Assim, a classe burguesa é caracterizada pela posse dos meios de produção e, desta forma, possui como renda o lucro e a classe proletária considerada a classe social que não possui os meios de produção, somente detém e vende a sua força de trabalho e, por isso, tem como renda o salário.

2.1.2 A Coleta de Dados

A coleta de dados foi feita por meio da entrevista semi-estruturada (anexo), ou seja, nos utilizamos de roteiro pré-estabelecido que combinou perguntas fechadas e abertas possibilitando ao entrevistado “discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2008, p. 64).

As perguntas fechadas estavam mais relacionadas ao perfil das entrevistadas e, as perguntas abertas procuraram responder os objetivos específicos de nossa pesquisa, quais sejam: Verificar se existe ou não uma nova divisão sexual do trabalho doméstico em nossa sociedade; identificar a cargo de quem está a responsabilidade pelo trabalho doméstico; demonstrar as semelhanças e diferenças vivenciadas no espaço doméstico pelas mulheres pertencentes à burguesia e pelas mulheres pertencentes ao proletariado; apreender a importância dada pelas mulheres ao casamento, estudo, família, trabalho, participação comunitária, participação política e participação religiosa; identificar o grau de satisfação destas mulheres na execução das tarefas domésticas e do trabalho assalariado; Perceber se na educação destas mulheres houve tratamento diferenciado por sexo.

Cabe lembrar que por meio da entrevista, conforme Minayo (2008, p. 49) “não é possível apreender fidedignamente as práticas dos sujeitos”, desta forma, nossa pesquisa apresentará “as narrativas” das práticas destas mulheres entrevistadas, segundo o próprio ponto de vista delas. Considerando isto, as entrevistas foram gravadas e completamente transcritas, pois “o registro fidedigno, e se possível ‘ao pé da letra’, de entrevistas e outras modalidades de coleta de dados cuja matéria-prima é a fala, torna-se crucial para uma boa compreensão da lógica interna do grupo ou da coletividade estudada” (MINAYO, 2008, p. 69).

2.1.3. Percurso da pesquisa e Procedimento utilizado na análise dos dados

Uma vez definido os sujeitos da pesquisa, antes de começarmos as entrevistas, foi preciso contatá-los a fim de verificar a disponibilidade de participação em nosso estudo. A nossa proposta inicial foi de identificar pessoas com esta disponibilidade no Município de Itajaí/SC, tendo em vista que passamos a atuar profissionalmente neste Município a partir de março de 2008, o que facilitaria para nós a realização das entrevistas.

Para identificarmos mulheres pertencentes à burguesia no Município de Itajaí/SC, inicialmente estabelecemos contato com algumas das grandes empresas deste Município já conhecidas por nós. Porém, na oportunidade do contato identificamos que os proprietários, com exceção de uma destas empresas, já não são mais do Município de Itajaí e, sim de países estrangeiros.

Diante disto, contatamos a Associação Comercial e Industrial do Município de Itajaí - ACII -para identificarmos outras empresas de grande porte no Município. Assim, a ACII nos repassou uma listagem das empresas cadastradas, porém um olhar pela listagem nos deu a impressão de que esta listagem era constituída somente por pequenas empresas. Deste modo, mudamos nossa estratégia uma vez que nosso interesse, inicial, era o de entrevistar mulheres pertencentes à burguesia, mas com um alto rendimento.

Assim, devido à urgência que tínhamos em realizar as entrevistas e a falta de conhecimento de quais das empresas do Município de Itajaí/SC poderiam ser de grande porte, procuramos mulheres pertencentes à burguesia, com disponibilidade em participar da pesquisa, no Município de Jaraguá do Sul/SC – de nossa naturalidade - onde já possuíamos o conhecimento das empresas de grande porte.

Enquanto uma pessoa no Município de Jaraguá do Sul/SC nos auxiliava procurando identificar contatos telefônicos que poderíamos utilizar para fazer contato com as mulheres pertencentes à burguesia, buscamos identificar mulheres da classe trabalhadora que também

tivessem disponibilidade em participar da nossa pesquisa no próprio Município de Itajaí e outros Municípios como: Balneário Camboriú, Blumenau, Brusque, Gaspar e Porto Belo, todos do Estado de Santa Catarina.

Conforme estabelecíamos contato com as mulheres contatadas já marcávamos as entrevistas. Na oportunidade dos contatos estabelecidos, a maioria das mulheres - tanto pertencentes à burguesia quanto pertencentes ao proletariado - se disponibilizou de imediato a participar da entrevista. A entrevista somente não foi realizada com quatro das mulheres contatadas, todas pertencentes à burguesia, sendo que segue os motivos pelo qual isto aconteceu: duas delas se comprometeram de nos dar retorno e não o fizeram, uma expressou que não gostaria de participar e com uma delas não foi possível conciliar os horários devido ao fato de ter muitas viagens agendadas.

As entrevistas foram realizadas no espaço de trabalho destas mulheres ou na própria casa, onde fomos muito bem recepcionadas por todas elas. No ato da entrevista solicitamos autorização para gravar a conversa e solicitamos a sugestão de um nome fictício. Quanto à possibilidade de gravar a entrevista, todas as mulheres entrevistadas nos concederam autorização; quanto à sugestão de nome fictício, a maioria concordou. Porém, a sugestão dada por algumas destas mulheres foi o nome de algum membro da família e, tendo em vista que coletamos informações que caracterizam o perfil destas mulheres e que serão mencionadas neste trabalho, optamos, para resguardar os dados, por alterar o nome sugerido por elas.

Após a realização das entrevistas, fizemos a transcrição para, em seguida, iniciarmos a análise dos dados.

Segundo Bauer e Glaskell (2002 apud MINAYO, 2008, p. 49), procedimentos de análise referem-se “às formas de organização dos dados e os passos empreendidos para a produção de inferências explicativas ou de descrição”, desta forma, segue a forma como organizamos os dados para realização da análise e interpretação com base nas orientações do Método de Interpretação de Sentidos descrito por Minayo (2008):

1) Inicialmente, formamos duas tabelas com todas as respostas dadas pelas mulheres entrevistadas de acordo com as

perguntas feitas: uma tabela com os depoimentos das mulheres pertencentes à burguesia; outra com os depoimentos das mulheres pertencentes ao proletariado. Devido à significativa quantidade de informações, esta tabela somente pode ser utilizada para que pudéssemos fazer uma leitura compreensiva das respostas dadas pelas mulheres, pois não foi possível desta forma tentar visualizar os resultados;

Nesse sentido, conforme Minayo (2008, p. 102), a leitura compreensiva tem como objetivo a “impregnação dos depoimentos; visão de conjunto e apreensão das particularidades do material da pesquisa original”, o que de certa forma também contribuiu com nosso trabalho.

2) A partir destas tabelas e após a leitura compreensiva, montamos outra tabela com trechos mais significativos dos depoimentos dados pelas mulheres para que pudéssemos identificar as idéias centrais de cada trecho selecionado.

3) Depois disto, fizemos uma descrição minuciosa dos resultados da pesquisa a partir dos seguintes questionamentos, com base em Minayo (2008, p. 104): Quais os pontos comuns e contraditórios entre os dois grupos pesquisados?; Quais os pontos comuns e contraditórios entre as mulheres pertencentes à burguesia? e Quais os pontos comuns e contraditórios entre as mulheres pertencentes ao proletariado?.

Durante a descrição dos resultados da pesquisa percebemos alguns aspectos que podem ter influenciado de forma negativa neste processo investigativo, aspectos que serão mencionados a seguir. Devido à dificuldade de se dedicar integralmente ao curso, a busca por referências bibliográficas e teorias que pudessem contribuir com nosso estudo foi realizada durante todo o processo investigativo, desde a elaboração do roteiro de entrevista até análise dos dados, consideramos que isto pode ter influenciado negativamente em nossa pesquisa uma vez que obtivemos a compreensão de alguns conteúdos somente depois das entrevistas já estarem feitas e, ainda, que outros conteúdos e/ou categorias não puderam, pelo mesmo motivo, serem explorados da forma como exige a importância deste trabalho. Outro aspecto que pode ter influenciado negativamente o processo investigativo é que o roteiro de entrevista elaborado por nós contempla um amplo número de perguntas que dificultou que aprofundássemos o nosso tema principal que é a esfera da reprodução social. A definição de um único critério para a escolha das entrevistadas foi percebida, no momento da descrição

dos resultados, como também sendo um aspecto negativo, uma vez que o perfil das mulheres entrevistadas possui muitas características diferenciadas – a exemplo da idade, estado civil, grau de instrução, sexo dos filhos, dedicação ou não a trabalho assalariado – o que em alguns momentos não nos permitiu generalizar alguns dos resultados.

Considerando estas percepções, na análise e interpretação dos dados procuramos selecionar as informações que mais se relacionam à esfera da reprodução social para não correremos o risco de nos desviarmos do objetivo principal e também excluímos e/ou não ressaltamos as informações que não nos permitiram fazer generalizações.

4) Por fim, procuramos estabelecer um diálogo “entre: a fundamentação teórica adotada, [...] os depoimentos e seus contextos; depoimentos e observações que registramos no trabalho de campo; [objetivos] da pesquisa [...]” (MINAYO: 2008, p. 104).

2.1.4. Sujeitos da Pesquisa⁶

Segue informações referentes ao perfil das mulheres entrevistadas, inicialmente, colocadas de forma individual:

Classe Burguesa:

1) ANA CLARA: tem 37 anos de idade, está casada há 13 anos, seu grau de instrução é o Ensino Médio Completo, tem uma filha, ocupa o espaço do trabalho assalariado⁷ e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;

⁶ Foram utilizados nomes fictícios para preservar as identidades das entrevistadas.

⁷ No decorrer do nosso trabalho utilizamos os termos ocupação, ou não, do espaço do trabalho assalariado para se referir ao trabalho que é realizado fora do espaço doméstico. Porém, esclarecemos que quando se trata da classe burguesa utilizamo-nos desses termos somente de forma figurativa já que esta classe social não tem como renda o salário e, sim, o lucro.

- 2) DORA: tem 45 anos de idade, está casada há 19 anos, seu grau de instrução é o Ensino Médio Completo, tem uma filha e dois filhos, não ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;
- 3) EDUARDA: tem 47 anos de idade, está separada legalmente e vive em união estável⁸ há 16 anos, seu grau de instrução é o Ensino Superior Completo, tem uma filha e dois filhos, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;
- 4) ELISA: tem 49 anos de idade, está casada há 30 anos, seu grau de instrução é o Ensino Médio Completo, possui Curso Técnico em Contabilidade, tem duas filhas e um filho, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;
- 5) JOANA: tem 47 anos de idade, está casada há 27 anos, seu grau de instrução é o Ensino Médio Completo, possui Curso Técnico em Artes Plásticas, tem duas filhas, não ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;
- 6) MAGALI: tem 49 anos de idade, está casada há 17 anos, seu grau de instrução é o Ensino Superior Completo, possui pós-graduação em nível de mestrado, tem duas filhas, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;
- 7) MÁRCIA: tem 71 anos de idade, está casada há 42 anos, seu grau de instrução é o Ensino Médio Completo, tem uma filha e dois filhos, não ocupa o espaço do trabalho assalariado porque já está aposentada e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;
- 8) MAYSSA: tem 55 anos de idade, está casada há 33 anos, seu grau de instrução é o Ensino Superior Completo, possui pós-graduação em nível de especialização, tem duas filhas e um filho, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;

⁸ “A União estável, condição de convivência entre pessoas que não possuem impedimento ao casamento, é legalmente reconhecida e considerada como entidade familiar não registrada. Apesar de legalmente reconhecida, a União Estável não está definida na legislação brasileira como um estado civil. Quem assim vive, portanto, não é obrigado a identificar-se como tal e não falta com a verdade ao se declarar solteiro, separado, divorciado ou viúvo.” Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_civil. Acesso em: 27/06/2009.

9) SALETE: tem 20 anos de idade, solteira, está cursando o Ensino Superior, não possui filhos, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Itajaí/SC;

10) SILVIA: tem 58 anos de idade, está casada há 38 anos, seu grau de instrução é o Ensino Superior Incompleto, tem dois filhos, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC.

Classe Proletária:

1) AMANDA: tem 39 anos de idade, está casada há 17 anos, cursa o Ensino Superior, tem uma filha, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Gaspar/SC;

2) CLEIDE: tem 25 anos de idade, solteira, vive em união estável há 4 anos, seu grau de instrução é o Ensino Médio Completo, não tem filhos, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Itajaí/SC;

3) EMÍLIA: tem 57 anos de idade, está casada há 37 anos, seu grau de instrução é o Ensino Médio Completo, possui o Magistério em séries iniciais, tem duas filhas e um filho, não ocupa o espaço do trabalho assalariado porque já é aposentada e reside no Município de Brusque/SC;

4) EVA: tem 40 anos de idade, solteira, já viveu em união estável por 15 anos, seu grau de instrução é o Ensino Superior Completo, possui pós-graduação em nível de especialização, tem uma filha, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Balneário Camboriú/SC;

5) HELENA: tem 56 anos de idade, está divorciada há 14 anos e não estabeleceu nenhuma união estável depois da separação, seu grau de instrução é o Ensino Superior Completo, possui pós-graduação em nível de especialização, tem duas filhas e um filho, não ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Jaraguá do Sul/SC;

- 6) ISADORA: tem 48 anos de idade, está casada legalmente há 02 anos, mas já vivia em união com a mesma pessoa há 15 anos, seu grau de instrução é o Ensino Fundamental Incompleto, tem uma filha e um filho, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Porto Belo/SC;
- 7) LETÍCIA: tem 47 anos de idade, está casada há 18 anos, seu grau de instrução é o Ensino Fundamental Incompleto, tem duas filhas e um filho, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Itajaí/SC;
- 8) PRISCILA: tem 35 anos de idade, está casada há 06 anos, seu grau de instrução é o Ensino Fundamental Incompleto, tem uma filha e um filho, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Itajaí/SC;
- 9) SELENE: tem 45 anos de idade, está casada legalmente há 02 anos, mas já vivia em união com a mesma pessoa há 14 anos, seu grau de instrução é o Ensino Superior Completo, tem um filho, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Blumenau/SC;
- 10) VALENTINA: tem 27 anos de idade, solteira, já viveu em união estável por duas vezes sendo 04 e 02 anos respectivamente, seu grau de instrução é o Ensino Superior Completo, possui pós-graduação em nível de especialização, não tem filhos, ocupa o espaço do trabalho assalariado e reside no Município de Itajaí/SC.

No que diz respeito à Renda Pessoal e Familiar das mulheres entrevistadas, informamos que, apesar de termos em nosso questionário uma pergunta que diz respeito a este assunto, as mulheres pertencentes à burguesia demonstraram desconforto em responder este questionamento. Desta forma, optamos por não mais fazer este questionamento uma vez que ele não é decisivo para nosso olhar sobre os dados da pesquisa. Segue alguns dos relatos das mulheres questionadas:

Bem exato não posso te dizer porque como a gente tem uma empresa própria...a gente procura só tirar o necessário porque a gente tem um

investimento muito alto, a gente investe tudo o que a gente tem no negócio, então é difícil falar em valores assim...a gente tira só o necessário pra se manter! (Ana Clara)

A minha renda pessoal é muito alta! Digamos assim, eu tenho uma renda bastante alta! (Magali)

Olha! Isso, nem eu sei te dizer, porque é meu marido que administra! (Márcia)

Tenho uma renda, mas como é uma empresa familiar a renda depende da minha necessidade. Eu nem saberia dizer! (Sílvia)

A seguir apresentamos o perfil das mulheres entrevistadas a partir de gráficos:

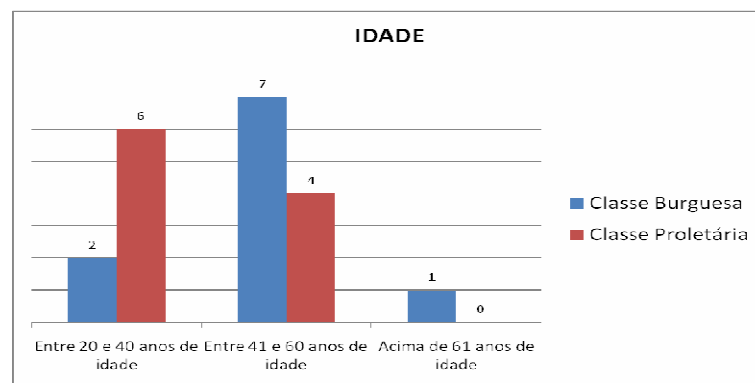


Gráfico 01 - Idade

No que diz respeito à idade, conforme o Gráfico 01, foram entrevistadas oito (08) mulheres com idade entre vinte (20) e quarenta (40) anos; onze (11) mulheres com idade entre quarenta e um (41) e sessenta (60) anos; e, somente uma (01) mulher com idade acima de sessenta (61) anos.

Da classe burguesa, com idade entre os vinte (20) e quarenta (40) anos, estão as entrevistadas Salete (20 anos) e Ana Clara (37 anos); na faixa etária entre quarenta e um (41) e sessenta (60) anos, encontram-se as entrevistadas Dora (45 anos), Eduarda (47 anos), Elisa (49 anos), Joana (47 anos), Magali (49 anos), Mayssa (55 anos) e Silvia (58 anos). Márcia é a entrevistada com idade acima de sessenta (61) anos, possui setenta e um (71) anos de idade.

Da classe proletária, na faixa etária dos vinte (20) aos quarenta (40) anos de idade estão: Amanda, Cleide, Eva, Letícia, Priscila e Valentina. Cleide é a entrevistada desta classe social com menos idade (25 anos) e Eva a entrevistada com mais idade (40 anos).

Desta mesma classe social, entre os quarenta e um (41) e sessenta (60) anos de idade estão: Emília (57 anos), Isadora (48 anos), Selene (45 anos) e Helena (56 anos).

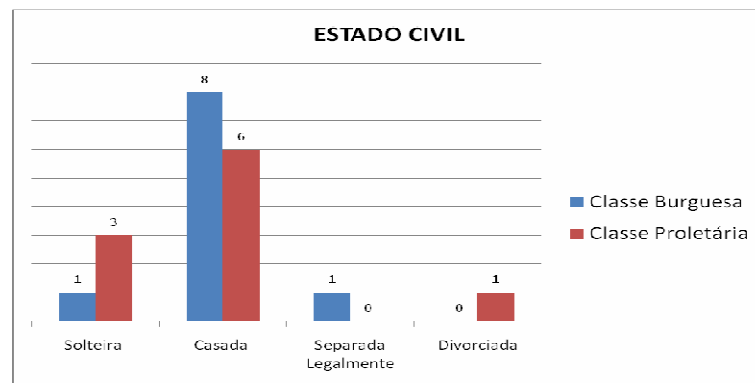


Gráfico 02 – Estado Civil

Com relação ao estado civil das mulheres entrevistadas, conforme o Gráfico 02, entrevistamos quatro (04) mulheres solteiras, catorze (14) casadas, uma (01) separada legalmente e uma (01) divorciada.

Da classe burguesa, a única entrevistada com estado civil de solteira é também a entrevistada com menos idade, Salete com vinte (20) anos de idade. Eduarda está separada legalmente e vive em união estável há dezesseis (16) anos. Ademais, todas as outras mulheres entrevistadas desta classe social estão casadas.

Da classe proletária, Helena é divorciada há vinte (20) anos e não teve relacionamento marital depois de sua separação. Cleide, Eva e Valentina possuem o estado civil de solteira. Porém, Cleide vive em união estável há quatro (04) anos; Eva já viveu em união estável durante quinze (15) anos e Valentina já viveu em duas uniões estáveis por quatro (04) e dois (02) anos, respectivamente. As outras seis (06) entrevistadas desta classe social são casadas.

É interessante destacar, com relação às entrevistadas casadas, o tempo de duração do casamento, pois a maioria das mulheres, independente da classe social a que pertencem, é casada há mais de dez (10) anos.

Da classe proletária, Leticia e Emília estão casadas há dezoito (18) e trinta e sete (37) anos, respectivamente. Da classe capitalista, estão casadas entre dez (10) e vinte (20) anos: Ana Clara, Dora e Magali. Entre vinte e um (21) e trinta (30) anos de casada, encontram-se Joana e Elisa com vinte e sete (27) e trinta (30) anos. Acima de trinta (30) anos de casamento estão Márcia, Mayssa e Silvia com quarenta e dois (42), trinta e três (33) e trinta e oito (38) anos de casadas, respectivamente.

Somente três (03) das entrevistadas casadas estão neste estado civil há menos de dez (10) anos, ambas da classe trabalhadora: Priscila há seis (06) anos e, Isadora e Selene ambas casadas há dois (02) anos. Mas, apesar das duas últimas estarem casadas há somente dois (02) anos, vivem em união estável com a mesma pessoa há quinze (15) e catorze (14) anos, respectivamente.

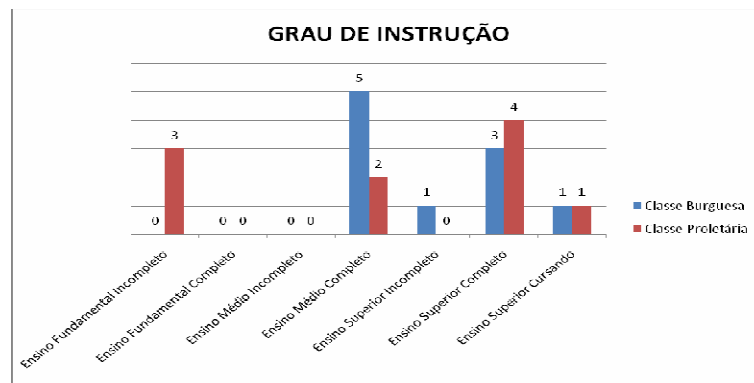


Gráfico 03 – Grau de Instrução

Quanto ao grau de instrução das mulheres entrevistadas, Gráfico 03, dez (10) mulheres chegaram ao Ensino Superior e dez (10) das mulheres entrevistadas possuem grau de instrução entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Destas últimas, três (03) mulheres possuem somente o Ensino Fundamental Incompleto, ambas da classe proletária (Isadora, Letícia e Priscila); e, sete (07) possuem o Ensino Médio Completo – cinco (05) da classe burguesa (Ana Clara, Dora, Elisa, Joana e Márcia) e duas (02) da classe trabalhadora (Cleide e Emília).

Com Ensino Superior, Silvia da classe burguesa chegou a iniciar uma graduação, mas não a concluiu. Duas (02) mulheres entrevistadas ainda estão cursando o Ensino Superior. Uma destas é Salete, da classe burguesa e com vinte (20) anos de idade; a outra é Amanda, da classe proletária com trinta e nove (39) anos de idade. Das entrevistadas que concluíram o Ensino Superior, três (03) são da classe burguesa (Eduarda, Magali e Mayssa) e quatro (04) da classe proletária (Eva, Helena, Seline e Valentina).

Ressaltamos, ainda, que das mulheres entrevistadas que possuem grau de instrução Ensino Médio Completo, Emília, da classe proletária, fez o curso de Magistério de 1^a. à 4^a. Séries. Da classe burguesa, duas (02) fizeram cursos técnicos: Elisa, Contabilidade e Joana, em Artes.

Das sete (07) mulheres com Ensino Superior Completo, cinco (05) possuem pós-graduação: Mayssa da classe burguesa e Eva, Helena e Valentina da classe proletária em nível de especialização e, Magali, da classe burguesa, em nível de mestrado.

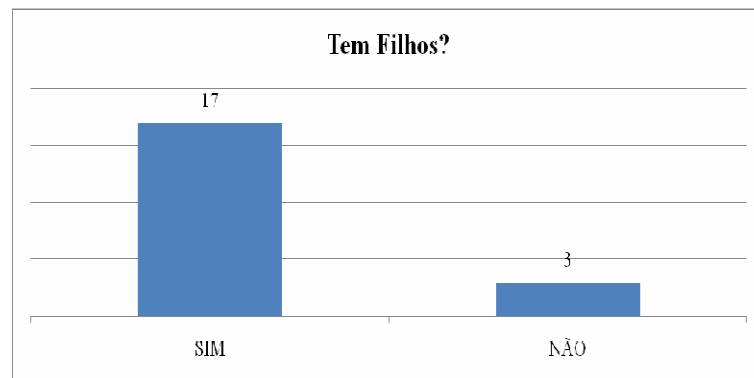


Gráfico 04 – Tem filhos?

No que diz respeito a filhos, Gráfico 04, a maioria das mulheres têm filhos: dezessete (17) das vinte (20) entrevistadas. Destas, nove (09) são mulheres pertencentes à burguesia e oito (08) mulheres pertencentes ao proletariado.

As três (03) mulheres que não têm filhos são também as entrevistadas com menos idade: Salete da classe burguesa de vinte (20) anos e, da classe proletária, Cleide de vinte e cinco (25) anos e Valentina de vinte e sete (27) anos, sendo que todas as três (03) mencionaram que possuem a intenção de ter filhos.

É interessante observar ainda que, das dezessete (17) mulheres entrevistadas que possuem filhos, todas têm entre um (01) e três (03) filhos. Nenhuma delas possui mais de três (03) filhos, conforme o gráfico que segue:

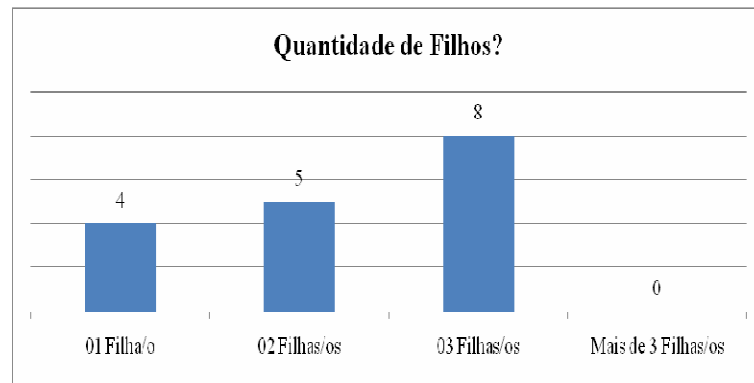


Gráfico 05 – Quantidade de Filhos?

No Gráfico 05, é possível observar ainda que, a maioria das mulheres entrevistadas, 55% delas, possui três filhos, 45% das mulheres entrevistadas estão distribuídas entre um (01) ou dois (02) filhos.

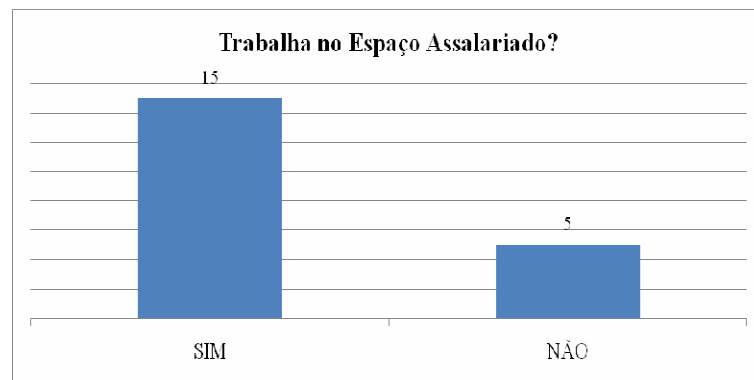


Gráfico 06 – Trabalha no Espaço Assalariado?

Das vinte (20) mulheres entrevistadas, Gráfico 06, quinze (15) trabalham fora e somente cinco (05) não possuem esta atividade no momento. Destas cinco (05) mulheres que não estão trabalhando fora,

todas já exerceram alguma profissão e três (03) destas mulheres não trabalham porque hoje estão aposentadas.

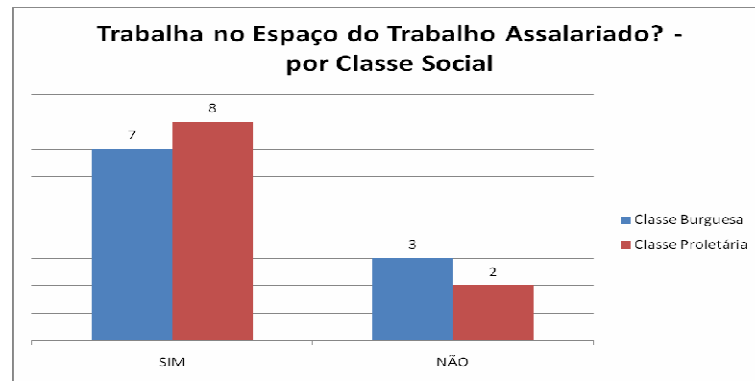


Gráfico 07 - Trabalha no Espaço do Trabalho Assalariado? – por Classe Social

O Gráfico 07, mostra que a diferença por classe social entre as mulheres que trabalham e as mulheres que não trabalham é mínima.

As mulheres que atualmente estão trabalhando exercem diversas profissões. Da classe proletária: Eva, Selene e Valentina são Assistentes Sociais; Cleide e Leticia trabalham como Auxiliar de Serviços Gerais; Priscila trabalha em dois empregos, um de Copeira e outro de Empregada Doméstica; Isadora é Diarista; Amanda está cursando a graduação de Pedagogia e trabalha como Professora em Centro de Educação Infantil.

Das sete (07) mulheres da classe burguesa que trabalham, todas exercem alguma função na própria empresa. Destas, três (03) são as próprias administradoras: Elisa que tem a sua própria empresa e a administra juntamente com sua sócia; Magali e Mayssa administram a empresa deixada pelos seus pais que lhe deram incumbência. Os esposos destas três (03) mulheres ou administram outra empresa ou trabalham como autônomo e não interferem na administração exercida por elas.

Quanto às outras quatro (04) mulheres da classe burguesa que trabalham: Ana Clara e Eduarda administram a empresa junto com o esposo, elas assumem as responsabilidades e tomam decisões junto com eles; Salete é Auxiliar Administrativo na empresa da família; e, Silvia é responsável, juntamente com a nutricionista, da alimentação dos funcionários, além de cuidar da decoração da empresa da família e das empresas que pertencem a um grupo de sócios, no qual sua família também faz parte.

Das três (03) mulheres que estão aposentadas, duas (02) pertencem ao proletariado (Emília e Helena) e são as únicas desta classe social que não estão exercendo alguma atividade fora de casa; somente uma (01) pertence à burguesia (Márcia). Emília é Habilitada em Magistério de 1^a.à 4^a. Séries e atuou como Professora Alfabetizadora na juventude, mas na maior parte de sua vida exerceu a função de Secretária de Escola; Helena é Pedagoga e Márcia atuou na Empresa da família inicialmente como secretária do esposo e, depois, como Relações Internacionais.

As duas (02) mulheres da classe burguesa que não trabalham fora são Dora e Joana e não o fazem porque optaram por se dedicar somente ao espaço reprodutivo.

2.2 Resultados da Pesquisa.

Como vimos no primeiro capítulo, a divisão sexual do trabalho não surge somente na sociedade capitalista. Desde as sociedades pré-capitalistas a esfera reprodutiva já era uma atribuição prioritária da mulher e a esfera produtiva já era o espaço privilegiado dos homens. Porém, esta divisão socialmente construída estava relacionada somente a características como sexo e idade e, de forma alguma, com a posição do homem ou da mulher na sociedade.

Desta forma, é somente na sociedade capitalista que a separação entre o espaço produtivo e o espaço reprodutivo se estabelecerá com tamanha intensidade como podemos observar atualmente, mesmo

porque, nas sociedades pré-capitalistas a divisão do trabalho, tal como estava estabelecida, gerava um significativo grau de dependência entre esses dois espaços que não permitia uma separação tão radical.

Isto não significa que na sociedade capitalista a dependência entre a esfera produtiva e a esfera reprodutiva não exista e, sim, que a intrínseca relação entre as duas esferas é disfarçada, com o simples objetivo de que o capital não precisa desembolsar a parte que se refere à esfera reprodutiva aumentando o seu lucro.

Como consequência disto, o capital provoca uma desvalorização do espaço reprodutivo, como se ele não fosse tão importante e necessário para o desenvolvimento de uma sociedade quanto o trabalho produtivo. Assim, tratando de desvalorizar o trabalho doméstico, também reforça a divisão sexual que já se desenrolava e, ainda, fortalece a cultura do patriarcalismo em que ao homem é atribuída socialmente uma posição mais valorizada do que a da mulher, autoridade sobre a família, bem como, direito de tomar os espaços de decisão e/ou públicos, atribuindo à mulher, em paralelo, o espaço desvalorizado, ou seja, o espaço reprodutivo.

Apesar disto, segundo Cândido (1951, apud BRUSCHINI, 1990, p. 64), no final do século XIX, as mulheres também passam a exercer, em maior número, atividades remuneradas. Assim, mesmo que, historicamente, o espaço destinado às mulheres sempre foi o espaço reprodutivo, as mulheres também passam a ocupar o espaço do trabalho assalariado.

Em nosso estudo esta realidade não é diferente, como já vimos descrito no item 2.1.3, das vinte (20) mulheres entrevistadas, quinze (15) delas ocupam o trabalho assalariado e somente cinco (05) não possuíam este tipo de atividade no momento em que foram entrevistadas.

Todas as cinco (05) mulheres que não possuíam atividade remunerada no momento da entrevista, também já ocuparam o espaço do trabalho assalariado. Destas cinco (05) mulheres, três (03) não trabalham mais porque já estão aposentadas e somente duas (02) não trabalham porque optaram por se dedicar ao espaço reprodutivo.

Embora a maioria das mulheres entrevistadas exerçam uma atividade remunerada, confirmando que houve mudanças quanto ao

espaço atribuído historicamente à mulher, observamos em nosso estudo que as mulheres continuam investindo significativamente nas atividades que concernem ao espaço doméstico, sendo inclusive a maior responsável por ele. Esta realidade é vivida pelas mulheres independente se elas possuem, ou não, trabalho remunerado e, ainda, independente da classe social a que pertencem.

Esta observação foi percebida em diversos momentos da pesquisa, como poderemos ver a seguir:

Quando questionado de quem é a responsabilidade pelas tarefas domésticas, das dez (10) mulheres pertencentes à burguesia, cinco (05) responderam que é a empregada doméstica e/ou diarista e cinco (05) responderam que são elas mesmas as responsáveis por essas tarefas, mesmo que contem com empregada doméstica e/ou diarista.

Ainda sobre esta questão, das dez (10) mulheres pertencentes ao proletariado, seis (06) mulheres responderam que são elas as responsáveis pelas tarefas domésticas e, quatro (04) responderam que a atribuição pelas tarefas domésticas é de todos os membros da família, incluindo o homem.

Sobre a participação dos homens na execução das tarefas domésticas, estes dados sugerem que esta participação é maior na classe proletária do que na classe burguesa. Realidade que pode estar relacionada com o fato de que a maioria das mulheres burguesas contam com empregada doméstica e/ou diarista para a execução deste serviço que fazem a maior parte desta responsabilidade.

Outro dado interessante é que das vinte (20) mulheres entrevistadas, doze (12) contam com o serviço de empregada doméstica e/ou diarista para execução das tarefas domésticas. Destas doze (12) mulheres, somente cinco (05) compreendem que esta responsabilidade é da pessoa que presta o serviço. As demais, sete (07) mulheres, afirmaram que são elas as responsáveis e que a empregada e/ou diarista somente as ajuda. No caso das mulheres pertencentes ao proletariado pode-se entender que a diarista somente as ajuda porque uma grande parte das tarefas domésticas ainda fica com as próprias mulheres entrevistadas. Porém, no caso das mulheres pertencentes à burguesia em que a empregada doméstica/diarista ficam com praticamente toda esta atribuição, as mulheres compreendem que a responsabilidade é delas,

sugerindo que há certa naturalização desta atribuição como sendo própria das pessoas do sexo feminino, conforme podemos visualizar em alguns dos relatos:

[...] como eu tenho alguém que me ajuda... Então: é minha, porque eu faço pouco em casa, e de uma pessoa que eu tenho que me ajuda. Então a maior parte é dela, como eu saio, trabalho [...] eu não tenho muito tempo de fazer as tarefas. Mas, então, eu pago uma pessoa pra fazer as tarefas pra mim!
(Eduarda)

Minha! Mas eu tenho uma boa ajuda! Tenho uma empregada doméstica e um jardineiro. Eu faço muita coisa junto porque, em princípio, eu até gosto! Nós dividimos muita coisa dentro de casa. [...] Mas, claro!, a responsabilidade é minha!
(Márcia)

São minhas! Eu administro a casa! Mas eu tenho uma assessora [governanta] bem boa! [...] Então, praticamente, ela toma conta da casa, eu organizo só! E como eu viajo muito, muito, muito ... Então, é ela que organiza tudo! Eu só fico de olho!
(Joana)

Ao contrário destas mulheres - que compreendem que independente de quem executa as tarefas domésticas a responsabilidade é da mulher - Magali e Elisa, da classe burguesa, afirmam que a maior responsabilidade é dos empregados e, o restante, é dividido entre os membros da família, inclusive o esposo, conforme segue os depoimentos:

Três pessoas que trabalham lá casa que têm a responsabilidade maior, sobre o dia a dia - uma empregada e um jardineiro e, tem ainda, uma diarista ... Mas no geral nós distribuimos entre marido e esposa as coisas. [...]. (Magali)

[...] durante o dia tem uma empregada doméstica e, uma vez a cada dois meses o jardineiro faz o serviço fora de casa. E quando eu estou em casa ... Ah! Faz eu, faz o [esposo] [...] é uma coisa bem tranqüila! Acho que todo mundo se ajuda um pouco ... Até porque a gente está fora o dia todo ... Então, quando chega em casa eles já vão ajudando. E se eu vejo que ninguém se mexe, eu já peço: ajuda! (Elisa)

No depoimento de outras duas (02) mulheres que afirmaram que a responsabilidade pelos afazeres domésticos é da mulher, Emília e Letícia, da classe proletária, aparece a questão de os filhos contribuírem na execução destas tarefas, mas fazem pouca ou nenhuma menção ao marido, conforme segue:

Ah! Pois é! Isso foi um mau costume colocado aqui! Porque eu, mesmo sempre trabalhando fora [...] sempre fiz também todo o serviço dentro da casa! Então, as tarefas domésticas sempre foram comigo! Como a minha mãe sempre morou comigo, teve uma época que só ela fazia [...]. Ela criou os meus filhos, ela fez todas as tarefas [...]. O fato de ter a avó em casa ... também ... os filhos foram mal acostumados. Ela nunca deixava os netos fazerem nada. Eu conheço amigas minhas que os filhos cresceram arrumando as camas deles, os meus não. Os meus foram mal acostumados, porque a avó nunca deixou ... Imagina, se a avó iria deixar eles arrumar uma cama ou ... ! Então nem os filhos, nem o marido ... muito raramente! (Emília)

É minha! Mas, a minha filha ajuda! (Leticia)

A seguir destacamos alguns aspectos interessantes dos depoimentos das quatro (04) mulheres, todas da classe proletária, que afirmaram que hoje os afazeres domésticos são divididos entre todos os membros da família.

As entrevistadas Amanda e Selene deixam claro em seu depoimento que a responsabilidade pelas tarefas domésticas não são somente divididas, mas os homens também são responsáveis por estas tarefas. A entrevistada Cleide afirma, inicialmente, que as tarefas são de responsabilidade do casal, mas durante o depoimento faz distinção entre tarefas do sexo feminino e tarefas do sexo masculino, sendo que o casal se ajuda nas tarefas, consideradas por eles como sendo de responsabilidade do outro.

Outro dado interessante no mesmo depoimento desta entrevistada é quando menciona que ela impôs a condição de que o companheiro teria que dividir esta responsabilidade com ela no caso de ela se dedicar também a uma atividade remunerada, conforme segue o relato:

Dos dois [...] de manhã ele faz o almoço, arruma as camas, dá uma limpadinha, lava uma loucinha [...] e deixa o almoço pronto pra mim. E de tarde já é diferente. Eu dou mais uma faxina na casa e faço a janta pra nós dois. É sempre tudo dividido. E como em casa a gente está construindo e ele é o próprio pedreiro. Então se ele vai fazer uma massa, eu estou ali pra carregar aquela massa. Se ele vai buscar tijolo, eu estou ali junto para buscar o tijolo ... então tanto as minhas tarefas que seriam as domésticas, eu dividir com ele... a maioria do pessoal diz que é serviço de mulher mas não é... e como serviço dele, porque eu não vou deixar ele carregar aquilo tudo sozinho, fazer o serviço pesado sozinho, eu também ajudo ele. Eu já fiz muita coisa, carregar tijolo, massa, essas coisas, como ele também já fez bastante coisa pra mim:

lavar banheiro, ele só não lava a louça, mas o resto tudo. Tudo que tiver de dentro de casa ele faz. Adora fazer comida. Eu não acho que é coisa de mulher! [...] só que quando eu casei eu sugeri isso pra ele, que pra mim trabalhar, o casamento teria que ser tudo dividido. Então o namoro já começou com aquilo ali, ele me ajudando dividindo sempre as coisas que tinham pra fazer. [...] Então assim ... quando eu vejo a minha irmã tratando o menino dela diferente da menina...ela bota a menina pra fazer todo os serviço e não pede pro menino nem lavar uma louça...eu já critico ela, não ele também tem que dar uma ajuda, porque além de ele ser mais velho, tem 13 anos e ela só tem seis, ele pode ajudar....porque que não? Porque que ele não pode lavar uma louça enquanto a menina recolhe uma roupa ou vai estender ... Então eu acho que não tem essa coisa assim de só mulher fazer o serviço. Eu, qualquer coisa, se tiver uma fiação pra trocar, eu vou e faço, eu meto a cara, não fico esperando o homem não ... eles dizem que desentupir um cano é serviço de homem, eu vou lá, eu meto a cara, eu faço...qualquer coisa que eles também dizem que é serviço de homem, eu também faço ... (Cleide)

A entrevistada Valentina afirmou que a responsabilidade pelas tarefas domésticas, quando seu pai possuía trabalho remunerado, era da mãe e da própria entrevistada, porém quando seu pai se aposentou também passou a contribuir com a execução dessas tarefas e, isso aconteceu por iniciativa do próprio pai. Segue o relato abaixo:

[...] meu pai sempre trabalhou e minha mãe sempre foi dona de casa. Então, [...] sempre era a minha mãe quem fazia. [...] Depois que [...] meu pai se aposentou (...) e passou a ficar em casa, então, a minha mãe foi [...] parando de fazer as coisas ... então ela não lavava mais a louça, aí pra não ficar a louça na pia meu pai ia lá e lavava. Daí ela não ... ela deixava de varrer o chão, daí pra

não ficar o chão sujo meu pai ia lá e varria...e ela foi abrindo o espaço e o meu pai foi assumindo essa responsabilidade. [...] ela foi deixando de fazer e, ele foi fazendo pra evitar de ficar num ambiente sem organização, sem limpeza. E aí se estabeleceu esse acordo não verbal, de maneira que ele assumiu essas responsabilidades e, hoje, ela nem sente isso como responsabilidade dela. Se tiver sujo ela não vai fazer, porque ela sabe que meu pai vai lá e vai fazer. (Valentina)

A entrevistada Valentina ainda relata como era a divisão de responsabilidades quando o pai possuía trabalho assalariado, mostrando que em sua casa a mudança foi bastante significativa, conforme consta abaixo o relato:

[...] era bem aquela família tradicional assim, tanto que meu pai saía para trabalhar, quando ele chegava ao meio dia o almoço estava pronto! Daí ele almoçava, só tirava o prato da mesa e colocava na pia e ia descansar ... Porque ele tinha que voltar à tarde para trabalhar! (Valentina)

Os depoimentos de Eva, da classe proletária e de Mayssa da classe burguesa, apontam que além de serem elas as responsáveis pelo cuidado com a casa, também ocupam o espaço do trabalho assalariado e afirmam que não concordam com a sobrecarga de responsabilidades atribuída à mulher, porém, ressaltam que se sentem responsáveis pela forma como foi estabelecida a divisão de tarefas entre elas e seus ex-companheiro/esposo, principalmente, porque elas não os responsabilizavam quanto às tarefas domésticas. Estes depoimentos sugerem a compreensão de que os papéis definidos como próprios de homem e de mulher são construídos socialmente, conforme segue os depoimentos:

[...] era aquela coisa bem ... essa construção sócio-histórica do casamento: o homem é o provedor e a mulher é a cuidadora do lar! Então,

eu era cuidadora da casa! [...] Pra ter uma idéia!? Quando eu ia visitar as minhas irmãs, [voltava] no domingo à tarde: tinha uma montanha de louça, a cama não era arrumada! Eu achava isso um desrespeito! Como se tivesse ali um adolescente, não um homem! Que claro! Não foi educado pra agir de uma forma condizente e, eu também acostumei mal! [...] Não arrumava a cama, acordava mais tarde que eu, não fazia nada! Eventualmente fazia um sanduíche pra gente! E era coisa construída por nós dois, porque até a pizza quando eu dizia: Hoje eu não vou cozinhar!, era eu que tinha que pedir e pegar o telefone ... Construção!? A dois!? [...]. (Eva)

É minha! Sempre foi mais minha responsabilidade! Não é que eu ache que tem que ser dessa forma! Mas essa geração veio assim, tipo: marido provia a família da parte financeira e a mulher cuidava da casa. Da casa e no meu caso trabalhava (risos), acumulava tarefas ... mas ficava mais por minha conta, assim, a casa, os filhos. E, isso sempre foi uma coisa que eu nunca aceitei muito bem! Sempre achei que nós deveríamos partilhar a casa também! Mas, também, é uma coisa assim, que como ... Eu sei que eu tenho personalidade forte, então eu sou do tipo assim, eu gosto: Deixa que eu faço, deixa que eu faço, deixa que eu faço, daí quando eu fui ver, eu já tinha assumido tudo! Então, tem aquela coisa, por um lado a gente meio que exclui o marido! Deixa que eu dou conta sozinha... E quando a gente vai ver a burrada que a gente fez, os anos já passaram, aí já é tarde pra voltar, pra tentar consertar ... Mas é uma coisa que eu nunca aceitei muito bem! Sei que eu que plantei! E ... os frutos foram meio amargos! A carga ficou pesada! Depois, a gente: Pô! Mas tudo eu? Tem que cuidar disso, tem que cuidar daquilo! ... (Mayssa)

O depoimento de Silvia também chama atenção, pois ela é a única mulher entrevistada pertencente à burguesia que executa todas as tarefas domésticas em sua casa, pois não conta com o serviço prestado por outra pessoa, sendo inclusive que esta escolha não está relacionada com a condição sócio-econômica, conforme segue o relato:

Minhas! (risos) Aí que vai começar a enrolar o meio de campo! (risos). São minhas! ... Só tem uma pessoa que limpa a piscina. Aí que eu disse que vai ficar difícil eu explicar essa minha varinha mágica! Eu tive quando eles eram pequenos, mas... Eu não sei, se é questão de sorte ou eu não soube lidar com as pessoas?! Eu tinha problemas de pessoas que queriam ... [...] se eu não cuidasse já estava sendo dominada! [...] Então, eu optei em ficar sozinha! Mas isso quando os filhos ainda eram pequenos! Aí administrava de uma maneira que ... Eu cheguei à conclusão que as coisas estavam mais em ordem do que antes! (Silvia)

Outro trecho do depoimento da mesma entrevistada é interessante, pois além de não ter empregados que contribuam com os afazeres domésticos, afirma que prefere não ter interferência do marido na execução do trabalho doméstico, segue o relato:

[...] então se tiver que lavar uma louça ... Mas isso não é regra! Quando tem vontade, uma coisinha ou outra! Mas ... até me incomoda essa participação no dia a dia! Se tiver uma festa que no final ajuda a recolher e tal ... Eu acho isso maravilhoso, sem dúvida! Mas, eu, particularmente, nem gosto dessa interferência porque é impossível conduzir de uma maneira legal! [...]. (Silvia)

Ainda sobre as tarefas domésticas, destacamos abaixo os depoimentos de Eva, Helena e Valentina, ambas pertencentes ao proletariado, sobre esta responsabilidade quando dos ex-

relacionamentos conjugais experienciados por elas. Os depoimentos mostram que a responsabilidade também era da mulher, mesmo quando contavam com o serviço de uma diarista ou empregada doméstica.

Conforme segue o depoimento de Eva, também é interessante observar que, na própria entrevista, ela se dá conta da significativa quantidade de responsabilidades que possuía naquele momento do relacionamento conjugal:

[...] A partir do momento que a gente se estabilizou, que eu passei a ter diarista, a coisa ficou mais tranqüila, daí eu estudava, eu trabalhava, e ... organizava também o trabalho da diarista. Quer dizer, enfim, que se trabalhava feito uma doida! Dentro e fora de casa e, ainda, estudava! [...]. (Eva).

No depoimento de Helena é possível perceber que a responsabilidade pelos afazeres domésticos como sendo da mulher era explicitado pelo marido no próprio cotidiano e na relação com os filhos, indicando naturalização da idéia construída socialmente de que o trabalho doméstico é próprio para pessoas do sexo feminino, conforme segue:

Eu tinha empregada doméstica, mas os domésticos é responsabilidade da mulher! Isso meu ex-marido sempre deixava bem claro! Tanto que uma vez o menino se dispôs a ajudar... Espontaneamente, tava lavando a louça e o pai manda largar o pano: Larga esse pano! Não vai secar a louça não! Isso é coisa de mulher! Então, já verbalizou claramente que secar a louça é coisa de mulher! (Helena).

O depoimento de Valentina expressa compreensão de ter vivenciado dois relacionamentos conjugais diferenciados em sua vida no que concerne a responsabilidade pelas tarefas domésticas, porém podemos observar, no próprio depoimento da entrevistada, que em

ambos relacionamentos a responsabilidade pela tarefas domésticas também era da mulher. Assim, a diferença mencionada por Valentina diz respeito à cobrança do companheiro com relação a esta responsabilidade e não ao fato de as tarefas domésticas serem estabelecidas pelo casal como sendo de responsabilidade somente do sexo feminino.

Ainda é interessante observar que, no primeiro relacionamento de Valentina, o casal contava com uma diarista para execução das tarefas domésticas e a única responsabilidade que o ex-companheiro assumia junto com ela era a tarefa de comprar os alimentos. No segundo relacionamento, conforme o depoimento, Valentina passou a não concordar que esta responsabilidade tivesse que ser somente dela uma vez que ela também tinha objetivos profissionais e não contava com o serviço de diarista ou empregada doméstica para realização destas atividades:

No 1º relacionamento conjugal: [...] era responsabilidade minha, mas nós tínhamos [diarista] que fazia as atividades pesadas. [...] Ir ao mercado íamos juntos, nunca fui ao mercado sozinha! Fazer compras ... era uma atividade dividida! Como ele trabalhava muito e estava sempre fora de casa e, como eu que estava mais em casa, então, era eu que tinha mais essa questão da dinâmica do que precisava comprar, o que não precisava. Mas quando era para sair para comprar íamos juntos! Então assim, em relação a fazer alguma coisa ele não fazia, mas não me cobrava, não dizia que eu tivesse que fazer! [...] Ele nunca [cozinhou] [...], mas também não me exigia que eu fizesse! Então assim, se eu não estivesse disposta a fazer, então a gente pedia alguma coisa fora, ia comer fora ou pedia alguma coisa pra entregar em casa! (Valentina).

No 2º relacionamento conjugal: [...] ele era bastante conservador! Tinha um conservadorismo no sentido da mulher, da visão de mulher, que a mulher tinha que servir, tinha que fazer a

comidinha e tinha que estar cheirosinha para esperar o homem! E, isso não é o meu perfil! Eu não sou assim! Então, tinha atrito por conta disso! [...] Me exigia extremamente, a roupa, que eu tinha q estar com a roupa limpa! Que como que podia ele não ter meia?! (risos) Não ter calça limpa? E mesmo assim ... Eu trabalhava, eu estudava, eu fazia uma porção de atividades fora! E, teve um momento que eu tinha dois empregos e ele não entendia! Independente disso tinha que estar com isso em ordem! Reclamava um monte que a casa estava desorganizada, que a louça não estava lavada, que eu deixava a louça de um dia para o outro! Tinha muito essa cobrança do que era doméstico, do lar, eu tinha que fazer! Ele até me ajudava, mas a responsabilidade era minha! E essa era uma exigência dele. [...] isso foi um pouco o que acabou deteriorando o relacionamento porque, assim ... não dava para agüentar, ele ficar o tempo inteiro me exigindo as coisas que eu não podia responder! E ... eu não estava afim de ficar cuidando da casa naquele momento! E sim estava em outro momento, de estudar, de me colocar enquanto profissional... [...]. (Valentina).

No que se refere à participação dos homens na execução dos afazeres domésticos, alguns depoimentos apontam para uma participação maior nesta atividade, conforme foi possível perceber, a exemplo do companheiro de Cleide e do pai de Valentina que contribuem cotidianamente com as tarefas domésticas, tendo responsabilidade por algumas tarefas. Porém, na maioria dos depoimentos das mulheres entrevistadas visualizamos que os homens, quando mencionados, contribuem somente em situações que fogem à rotina, como exemplo: compras, pagamentos, limpeza de calçadas e janelas fora de casa, esporadicamente na preparação de alimentos, definição de salários dos empregados, manutenção do jardim e de eletrodomésticos e melhorias na casa, conforme segue alguns relatos:

[...] Inclusive quando eu faço uma mudança maior, sempre ... a gente é muito junto, trabalha muito junto, como ele também me ajuda quando ele pode. Não em faxina, dentro de casa, mas lavar fora [as calçadas] já fez, já me ajudou a limpar a janela, já faz comida ... quer dizer assim ... (Dora)

[...] quando ela [a empregada] chega tarde que não tem tempo pra fazer comida [...] nós dividimos o almoço, às vezes ele faz, às vezes eu faço. Ou quando ela [a empregada] está doente, então [...] a gente faz o almoço, daí eu ajeito a cama. Ou quando ela falta também. [...]. (Eduarda)

[...] salário de empregado, a gente divide essa responsabilidade de quanto vai dar [...]. (Joana)

Outro aspecto importante de ser observado nos depoimentos, é que há momentos que algumas expressões das mulheres entrevistadas sugerem naturalização das tarefas domésticas como sendo próprias do sexo feminino, conforme seguem as falas com destaques feitos por nós:

[...] é os dois, mas em termos de trabalho doméstico é eu e a empregada. Assim, com compras, pagamentos ... tudo ele que faz também. Única coisa é a parte doméstica que fica mais pra mim, porque daí não tem porque né! Porque daí tem ela que ajuda ... (Ana Clara)

[...] Então, assim: eu me preocupo com toda parte da alimentação, da própria direção interna da casa. O meu marido se preocupa mais com a parte externa, jardim. Agora ele é a pessoa que mais está envolvido quando estraga um

eletrodoméstico, de chamar uma pessoa que venha pra concertar ... isso fica mais com ele ... [...] Então ela é bem compartilhada e nunca foi combinada... [...]. (Magali)

Era minha, mas ele me dava uma mão! Dava! Dava sim! Por isso, que o casamento deu certo! Isso é fundamental! Nós discutimos muita coisa, o que não é do dia a dia, vamos dizer, ... uma melhoria na casa, algum problema técnico ... essas coisas eu discuto com o meu marido ... [...]. (Márcia)

Outro momento da pesquisa que nos mostrou que a mulher ainda é a maior responsável pelas atribuições que dizem respeito à esfera da reprodução, foi identificado quando questionado sobre a responsabilidade de orientar os empregados. Os depoimentos das entrevistadas apontam que esta responsabilidade também é atribuída mais à mulher, sendo que o homem participa somente em algumas situações específicas.

Assim, quanto à responsabilidade de orientar os empregados, todas as nove (09) mulheres entrevistadas pertencentes à burguesia afirmaram que a responsabilidade de orientar a diarista e/ou empregada doméstica é da mulher. Das seis (06) mulheres que contam com um jardineiro, a maioria, quatro (04) entrevistadas, afirmou que a responsabilidade de orientá-lo é do homem e duas (02) mulheres afirmaram que a responsabilidade de orientar o jardineiro também é da mulher.

No caso de Joana, que possui catorze (14) empregados, a responsabilidade dela é com a governanta e com a secretária pessoal. O esposo orienta o caseiro da praia e o jardineiro. E a governanta orienta os demais empregados.

Segue dois destes relatos:

Do jardineiro é o [marido] ... porque ele gosta bastante! Ele pede opinião minha, às vezes, pra cortar uma árvore, mas é mais [ele]! E dentro de casa, com tanto anos que a empregada está lá?! É tudo tão natural! Mas, assim, o treinamento dela quando ela entrou ou quando ainda é preciso passar uma informação é mais comigo mesmo! É mais comigo mesmo! (Elisa)

Hoje eu já passei pra ela [governanta]. Agora é ela quem planeja, eu só fico sabendo das coisas como estão mais por cima! Então, ela que faz as orientações, poucas vezes eu chego direto assim. Eu tenho funcionários que é meu direto, a secretária, a professora da escolinha, o casal caseiro da praia ... daí é eu que tenho contato, não é ela. Aqui [nesta casa] que é maior, é tudo com ela! E os outros eu trabalho direto ainda! [...] E ... hoje [o meu marido] trata com o caseiro, com o jardineiro ... [...] ele está participando bastante! [...]. (Joana)

No caso das mulheres pertencentes ao proletariado, as três (03) mulheres que contam com empregados, contam somente com diarista. Destas, Priscila afirmou que é ela quem orienta a diarista, Selene afirmou que o seu marido também é responsável em dar a orientação à diarista porque ele se encontra mais em casa do que ela e Eva é chefe de família.

Outros depoimentos que indicaram que a mulher continua sendo a maior responsável pelo espaço doméstico, foi o momento que questionamos sobre a responsabilidade do cuidado com os filhos. Das dezessete (17) entrevistadas que têm filhos, nove (09) entrevistadas responderam que a responsabilidade é da mulher, sete (07) afirmaram que a responsabilidade é do casal e uma (01) afirmou que a responsabilidade é da empregada doméstica e na ausência desta pessoa o casal assume a responsabilidade juntos.

Cabe destacar que ao observar os depoimentos por classe social, é possível perceber que na classe burguesa, o número de mulheres que

afirmaram que o casal é responsável pelos filhos é maior do que na classe proletária, cinco (05) contra três (03). Ao contrário, o maior número de mulheres que afirmaram que a mulher é responsável pelos filhos está na classe proletária, seis (06) contra três (03) da classe burguesa.

Da mesma forma que as tarefas domésticas, foi possível observar nos depoimentos sobre o cuidado com os filhos que o homem também se envolve, somente, em demandas específicas como educação ou em situações que fogem à rotina, como exemplo: situações de doença, estabelecimento de limites com os filhos, tomada de decisão, conforme veremos abaixo.

Os três (03) primeiros depoimentos são de Dora, Joana e Silvia, todas pertencentes à burguesia e que abdicaram do trabalho remunerado para se dedicar ao espaço reprodutivo, sendo que, justamente, por isso, a responsabilidade delas é/foi maior do que a do esposo no que concerne ao cuidado com os filhos por uma escolha do casal quando da definição desta responsabilidade. Seguem os relatos:

A maior ... acho que a responsabilidade a gente assume juntos. Assim, poxa!, o meu marido está sempre presente. Digamos presente no sentido de que qualquer coisa eu posso estar ligando pra ele, posso estar conversando com ele. [...] até, assim, ele se esforça bastante pra ser um pai presente, também com os filhos. Mas assim ... a maior é minha. Tipo: leva no médico, leva pra escola, vai no colégio pegar o boletim, participa das reuniões do colégio ... então, isso ... a maior parte acaba sendo ... é minha! Mesmo porque, se eu estou em casa, já foi pensando em tudo isso. Então, claro, tem momentos que eu não posso. Então, ele vai ... Mas normalmente é eu ... Mas sempre em contato, sempre conversando e sempre passando o que está acontecendo pra gente ir decidindo juntos. Sim, isso nós temos bastante aqui. [...] e quando vê alguma coisa, tipo as crianças pra orientar: olha, não faz isso! Ele sempre está aí, ele sempre está presente ... quando pode (risos). (Dora)

Dos dois. Claro que trocar fralda, dar comida, levar pra escola, levar pra isso, pra aquilo, sempre foi minha função, mas ... valores, educação, amor, foi sempre nós dois! Bastante! E agora, mais ainda do pai pras filhas porque ele está um pouquinho mais light no trabalho, elas estão mais crescidas ... e, agora que elas trocam muitas informações com ele, ele repassa muita coisa pra elas agora. E eu acho que deu bem certo isso. Eu passei muitas coisas na hora que eu devia estar passando e, agora é vez dele estar passando porque elas estão entrando na vida! [...] Então, tudo o que ele sabe ele está passando pra elas! (Joana)

Comigo! Inclusive a educação! Porque ... Só que, assim, eu conduzi, mas eu sempre fui trocando idéias com o pai [...] ele foi muito presente! ... (Silvia)

No caso das mulheres pertencentes ao proletariado, cabe lembrar que esta responsabilidade é mais da mulher mesmo que elas exerçam atividade remunerada; seguem alguns dos relatos:

[...] se tem uma criança que precisa deixar no hospital, ou ... tipo a minha mais velha me incomodou com balada, essas coisas assim, aí ela tem mais medo dele, aí ele reage mais. E, assim...mais esses problema de defesa. Ele que defende no caso. Ele é o defensor, né!, ... do lar. (Leticia)

Minha! Com tudo: escola, médico, tudo o que depende das crianças, que tem que fazer com eles, tudo é eu que faço. [...] ele tem a participação dele, assim na educação, nas tarefas escolares ... essas coisas é meio a meio. A outra parte que é

médico, essas coisaradas toda é comigo. Nós dividimos porque ele disse que não sabe ir. (Priscila)

Ainda com relação ao cuidado com os filhos, foi possível perceber na maioria dos depoimentos certa naturalização de que esta atribuição compete mais a mulher por ser mãe, conforme segue um dos depoimentos:

Claro que a maior parte, assim, é da mãe! (risos)
Mas o meu marido ajuda muito também. Todos os dois, ele participa bastante também no cuidado dela. (Ana Clara)

A única entrevistada que apontou que o cuidado dos filhos e da casa é da empregada doméstica foi Elisa, da classe burguesa, pois afirma que é a empregada que está mais tempo em casa e com os filhos. Elisa afirma, ainda, que nos momentos em que o casal está em casa, a responsabilidade sempre foi dos dois:

Muito foi de quem ficava durante o dia, a empregada. [...] E a noite sempre era comigo. Desde sentar na mesa, pra comer, pra dar banho, pra brincar ... Eu acho que era uma coisa meio dividida sempre ... o [esposo], sempre foi muito companheiro. Ele participava dos cuidados com os filhos, dando banho e brincando e sentando no chão ... e isso é uma coisa que se não fosse assim era complicado ... eu acho que isso fez com que nossa relação durasse até hoje desse jeito. Porque senão?! Quem é que aguenta?! (Elisa)

Outros depoimentos interessantes, que também indicam o privilégio dado pelas mulheres entrevistadas ao espaço reprodutivo,

aparecem quando as questionamos se estão satisfeitas com o grau de instrução e se conseguiriam voltar a estudar, conforme citaremos abaixo.

Ao responderem ao questionamento sobre a satisfação com o grau de instrução, as mulheres entrevistadas destacaram algumas dificuldades encontradas para que dessem continuidade aos estudos como: falta de incentivo, poucas condições financeiras e por residirem em Municípios que ficavam distante dos Municípios que tinham Universidade. Outros fatores que contribuíram com a não continuidade dos estudos foi o fato de a maioria delas ter optado por se dedicar à maternidade, ao casamento e/ou família. Conforme seguem os relatos:

[Quando nasceu] o meu primeiro filho [...] nós optamos em eu ficar em casa com as crianças pra educá-las. [...] Talvez até foi por isso que eu acabei também parando, não estudei mais, não fui adiante depois e tal. [...]. (Dora)

[...] porque depois de três meses de casada eu fiquei grávida [...] Eu tinha planos de fazer uma faculdade, mas depois eu pensei: Meu Deus! Eu tenho que ser uma boa profissional, mas eu tenho que ser uma mãe também...eu não posso ver meu filho daqui cinco anos! E daí, vou te dizer, assim foi a vida! [...]. (Elisa)

[...] quando eu casei... Devido à dificuldade de distância [das Universidades], ou esperava anos pra completar o curso ou parava e casava. E uma opção consciente foi de casar! [...] e, depois vem filhos ... Eu fiz a opção de ser mãe! [...] Se eu voltasse a estudar?! Porque era uma das minhas intenções quando eu parei, porque eu queria retornar! Mas daí...eu analisei aonde eu seria mais importante...eu achei que como mãe eu seria mais importante e fui protelando... [...]. (Silvia)

Outro depoimento que nos chama atenção é o depoimento de Eva, que cursou o Ensino Superior, mas afirma que fez a graduação mais tarde em virtude de que o casal, durante o relacionamento

conjugal, dava maior prioridade à profissão do marido, conforme segue abaixo:

[...] Então ... Obviamente, eu trabalhava fora, obviamente o salário dele tinha maior importância e por conta disso investia-se mais na profissão dele. Então, quando eu falava em estudar, isso foi muito protelado por conta das conquistas profissionais dele. [...]. (Eva)

Ao responderem ao questionamento se conseguiriam voltar a estudar, a dedicação ao espaço reprodutivo volta a aparecer tanto nos depoimentos das mulheres pertencentes à burguesia quanto nos depoimentos das mulheres pertencentes ao proletariado. Estas mulheres mencionaram sobre a dificuldade de conciliar família e/ou responsabilidades domésticas com estudos, conforme segue os depoimentos:

[...] teria que mudar muitas coisas! Principalmente, na vida doméstica, em casa! Conciliar tudo com o trabalho é bem complicadinho! [...]. (Ana Clara)

[...] E, se eu voltasse a estudar hoje a família sofre.... Então, você vai ter que dispor de um tempo... Vai ter que tirar de alguém esse tempo! E vai ser da família! Então, eu acho que o preço é muito alto! [...] porque abrir mão é o que pesa! [...]. (Silvia)

Não consigo [...] não tenho tempo, porque tenho uma menina de seis anos. (Priscila)

Estudar, trabalhar, cuidar dos filhos, da casa? Não! Não daria! Muita coisa! [...]. (Leticia)

Como vimos, a partir dos próprios depoimentos das entrevistadas, a maior responsável pelas tarefas domésticas, orientação de empregados e cuidados com os filhos, ou seja, pelas atividades

relacionadas à esfera da reprodução, continua sendo a mulher, sendo que é possível identificar uma participação do homem nesta responsabilidade, mas somente em situações específicas.

Isto pode estar relacionado com a idéia construída socialmente e, incorporada por grande parte de nossa sociedade de que o sexo feminino, não só deve ser o responsável pelo espaço reprodutivo, como tem essa atribuição pela sua própria natureza. Como se, a responsabilidade pelo trabalho doméstico, fosse inerente ao sexo feminino e não a todos os seres humanos independente do seu sexo.

Ainda no que concerne à responsabilidade pelo trabalho doméstico, é importante ressaltar que a única diferença vivida pelas mulheres entrevistadas percebida por nós está relacionada justamente com a classe social a que pertencem no sentido de que as mulheres pertencentes à burguesia possuem melhores condições financeiras e contam com a ajuda de empregados para execução das tarefas domésticas e, inclusive, para cuidado dos filhos, ao contrário das mulheres pertencentes ao proletariado, que em sua maioria não contam com essa possibilidade.

Em nosso estudo foi possível perceber que as mulheres pertencentes ao proletariado contam com o serviço prestado por outras pessoas para execução do trabalho doméstico, somente contam com diarista de modo esporádico, ou seja, elas acabam também por executar grande parte das atividades, ao contrário das mulheres pertencentes à burguesia, em que a maior responsabilidade é atribuída à empregada doméstica e/ou diarista que está mais presente no espaço doméstico destas mulheres do que no espaço doméstico das mulheres da classe proletária.

Apesar de compreendermos que a maior responsabilidade atribuída à mulher pelo trabalho doméstico está relacionada com a naturalização do que fora construído socialmente e, aparentemente, as mulheres entrevistadas também reproduzem esta naturalização; é importante não esquecer da relevância deste trabalho para o próprio desenvolvimento/manutenção de uma sociedade. O depoimento das mulheres pertencentes à burguesia que deixaram o trabalho remunerado para se dedicarem ao espaço reprodutivo, expressa esta importância do trabalho doméstico, conforme vamos citar abaixo, além de outras observações.

Iniciamos com a entrevistada Sílvia que passou a maior parte do seu casamento se dedicando ao espaço reprodutivo e executando todo o trabalho doméstico, mas hoje com os filhos crescidos passou a ter atividade remunerada na empresa da própria família. A entrevistada ressalta a importância da educação dos filhos para as futuras gerações, segue o relato:

[...] Eu acho muito importante, porque, como eu falei antes, tem mulheres que se sentem frustradas de serem donas de casa e mãe de família!? Não tem profissão mais importante do que essa! Porque se você não estiver educando bem seus filhos você não vai ter só a geração dele, ele vai passar para os filhos dele. Então, eu acho que ninguém educa, ninguém vai cuidar melhor dos seus filhos do que você mesma. Por isso eu nunca vi frustração nesse sentido porque eu acho de uma importância tão grande! [...]. (Sílvia)

Outro trecho interessante de ser destacado do depoimento desta mesma entrevistada é o momento em que afirma que além de se dedicar aos filhos, no período em que não exerceu atividade remunerada, também foi “esposa de empresário”, conforme segue:

[...] eu fui uma esposa de empresário durante muitos anos! [...] Eu abdiquei da minha vida porque ... naquele momento eu achei que teria que ser uma esposa de empresário! As dificuldades de uma cidade pequena, de acomodar as pessoas, de atender... Eu achei e, acho!, que é muito importante a esposa dar esse apoio! Essa estrutura pra que o marido pudesse ... [...] Então, eu sempre participei... Muitas vezes em feiras também! Mas, sempre como uma assessora dele e nunca como funcionária! Porque não era o momento de competir com ninguém! Então eu achei que o momento era de ele se desenvolver! Nunca me achei diminuída por causa disso! De jeito

nenhum! [...] É que tem mulheres que são tão frustradas por não trabalharem fora! Às vezes, elas se sujeitam a fazer alguma coisa que não a realiza, só pra dizer: estou fora de casa! [...] Eu acho que o que importa é tu trabalhar bem a tua cabeça, porque nada do que a gente faz é inútil se você souber aproveitar! (Silvia)

Nos relatos de outras duas mulheres pertencentes à burguesia, encontramos a mesma compreensão de Silvia. Dora e Joana também afirmam que consideram a dedicação aos filhos e ao esposo como uma profissão.

No depoimento de Dora, esta faz ainda outra observação interessante, quando menciona que por não trabalhar remuneradamente é muito mais cobrada pela sociedade, pela família e por ela mesma, como se o trabalho doméstico não despendesse tempo e, mais, como se este trabalho não se caracterizasse em uma forma de trabalho tanto quanto o trabalho remunerado. Segue o depoimento da entrevistada:

[...] eu muitas vezes digo, porque o pessoal pergunta pra mim assim: nossa, tu trabalha? (risos) Daí eu digo: trabalho! Eles: aonde? Digo: Em casa! Daí eles me olham assim ... Mas poxa! Pra mim, é um trabalho também! Faço com muito amor e dedicação, de uma forma diferente do que ir todos os dias lá, posso fazer meus ... mas eu tenho os meus compromissos igual, eu tenho minhas atividades! Eu muitas vezes acho complicado achar um horário pra marcar alguma coisa porque eu não consigo achar ... assim, tem muita coisa que a gente tem que fazer ... esses dias eu disse, não sei o que que ficou pra eu e a mãe fazer no outro dia, eu disse: tá bom, amanhã eu me dobro em dez de novo pra fazer as coisas ... e a gente tem que dar um jeito! [...] Então isso, muita gente diz: Ah! Mas tu tem tempo! Tu só está em casa! Não é bem assim! (Dora)

O depoimento de Joana mostra que esta entrevistada, apesar de não possuir trabalho remunerado, não se dedica somente ao espaço reprodutivo, mas tem uma grande participação nos negócios da empresa, pois ela sempre acompanha o esposo nas viagens e, ainda, é ela a responsável por administrar e preparar os almoços e jantares oferecidos aos clientes da empresa oriundos de diversas partes do mundo. Joana afirma, assim como a entrevistada Silvia, que sua profissão foi ser a esposa do presidente da empresa, algo que, conforme consta no próprio depoimento, também despendia bastante do seu tempo:

[...] eu sempre tive presente, conheço todos os clientes do mundo, converso, troco idéias, recebo eles aqui ... Então sempre foi um diferencial pra empresa, de receber na casa porque muitas culturas de fora, nunca tem isso de alguém receber na casa. Então a gente quebrava muitos protocolos, principalmente porque eu cozinhava, numa cozinha que a gente tem um gourmet, era eu que cozinhava. [...] Eu sempre tive essa participação informal nos negócios e, quando o [meu marido] viaja eu sempre acompanho ele ... então a noite quebrava aquela coisa do trabalho porque daí a esposa estava junto. Então tinha uma coisa mais social, se conversava de outras coisas e, muitas vezes nessas conversas eles se interessavam por uma coisa mais feminina assim ... então , começou a criar vínculos ... no mundo todo a gente tem vínculos... por essa razão, porque a gente está sempre junto. [...] Então como eu sempre tive tempo, eu não tinha a minha profissão, eu fiz isso, de ser a esposa do presidente da empresa, como uma profissão praticamente! Daí eu recebia, três, quatro vezes por semana ... chegava as 11h da manhã ele dizia: ó, vai ter almoço aqui pra dez! E eu tinha que me virar! Em uma hora fazer alguma coisa, receber todo mundo. A janta, a mesma coisa, eles apareciam de uma hora pra outra... Então eu tinha que estar atenta, treinar pessoal aqui e, estar linda, bonita e feliz recebendo o tempo todo. Então fez parte isso. Eu sempre escutei negócios, escutei conversas, então eu sempre acompanhei a

empresa, como está e tudo porque estava atenta ao que estavam conversando. (Joana)

Outro depoimento interessante é o da entrevistada Dora quando menciona que deixou de trabalhar para cuidar dos filhos e considera que assumiu “seu papel de mãe e dona de casa”. Dora é uma das mulheres entrevistadas que optou por deixar de trabalhar para se dedicar ao espaço reprodutivo e que no momento da entrevista também não estava exercendo atividade remunerada. Apesar de a entrevistada ter a compreensão de que o trabalho doméstico também é uma forma de trabalho e da importância deste trabalho, o depoimento de Dora aponta para uma naturalização desta atribuição como sendo própria do sexo feminino, conforme segue o relato:

Eu trabalhei na época de solteira até nascer o meu primeiro filho. Daí nós optamos em eu ficar em casa com as crianças pra educá-las. [...]. Então, nós optamos por isso e, eu não me arrependo! [...] Eu acho que a gente já desde sempre tinha isso muito em mente: de que o dia que a gente tiver filhos eu iria parar de trabalhar se a situação assim o permitisse. E como não tivemos necessidade financeira em eu ter que continuar trabalhando ... [...] Eu sempre digo assim, bem certa!: que eu assumi o meu papel de mãe e dona de casa e, comecei a gostar disso, realmente!, sem problema nenhum!, a partir da hora que nasceu a segunda filha! Porque até ali, eu sempre tive assim uma luta porque muitas coisas que eu fazia, eu não podia mais fazer! A criança, quem tem filhos ... Não adianta dizer que não?! Porque o filho te rouba! Você precisa dar muito tempo pra ele! [...] Eu acho então que eu me liberei: Não! Agora eu sou mãe! O meu papel é esse! - e comecei a gostar de ser mesmo?! Foi a partir da hora que a segunda filha nasceu! Eu acho que até o fato de ter dois filhos me deu mais aquele prazer de família! [...]. (Dora)

As entrevistadas Eduarda, da classe burguesa, e Eva, da classe proletária, também deixaram do trabalho assalariado em um momento de suas vidas para se dedicarem somente ao espaço reprodutivo. Apesar de terem feito isto por menos tempo do que as entrevistadas Silvia, Dora e Joana, seus depoimentos também são interessantes, conforme citaremos a seguir.

O depoimento de Eduarda mostra que não sentiu arrependimento de ter se dedicado por um tempo somente ao espaço reprodutivo, mas que sentia falta do trabalho produtivo:

[...] quando meus filhos mais velhos eram pequenos eu fiquei em casa, porque era difícil o acesso à creche, não tinha tanta creche, era difícil achar alguém pra cuidar. Então teve um período que eu fiquei em casa. Foi bom porque eu estava com os meus filhos, mas foi ruim porque eu estava fora do ... meu mundo, na realidade...mundo de trabalho, de conversa, tu fica fora, totalmente fora! Mas foi bom, foi bom porque eu fiquei junto deles também. Então sentia muita falta, muita falta do trabalho, do convívio com as pessoas, muita, muita mesmo! [...] E, o trabalho, nossa, é tudo! A gente sai pra trabalhar, vê pessoas, conversa, idéias novas ... é muito bom! (Eduarda)

Ao contrário das mulheres pertencentes à burguesia, que deixaram o trabalho assalariado para se dedicarem ao trabalho doméstico, o depoimento da entrevistada Eva sugere a compreensão de que homem e mulher devem assumir a responsabilidade do cuidado com os filhos juntos. Eva expressou que não deveria ter abdicado do trabalho assalariado e dos estudos para se dedicar somente ao espaço reprodutivo porque desta forma não investiu em sua vida profissional o que lhe trouxe conseqüências financeiras. Segue abaixo o relato de Eva:

[...] Muitas vezes eu parei de trabalhar para cuidar de filho, pra cuidar da casa, pra cuidar do marido ... e quando eu me separei eu perdi tudo! [...] Eu

acho que eu perdi muita coisa quando eu abri mão de trabalhar para cuidar da família! Eu acho que é importante o casal pegar junto, eu não vivi isso! Então, eu tive que abrir mão do trabalho. Hoje eu não abriria! [...] ... Eu tive muitas coisas boas, porque eu sempre tive perto da minha filha: primeiro dentinho, primeiro passo ... Isso são coisas que não tem preço! Só que tu sobrevive sem isso! A gente vive no modo de produção capitalista! [...] o que eu construí ao lado de uma pessoa e, abri mão ... isso repercutiu hoje na minha vida pelo sistema que a gente vive! Claro, que se fosse um outro sistema não repercutiria tanto! Eu ganhei muitas coisas, mas eu perdi em bens materiais e isso foi um atraso de 10 anos na minha carreira, na minha vida! (Eva)

Outro aspecto interessante em nosso estudo e que também aponta o privilégio dado pelas mulheres ao espaço doméstico, é que quando questionadas sobre qual das sete (07) dimensões - entre casamento, estudo, família, participação comunitária, participação política, participação religiosa e trabalho - possui mais importância na vida das entrevistadas, a maioria das mulheres afirmou que dão maior prioridade à Família e ao Casamento, que são dimensões que se referem ao espaço reprodutivo. As dimensões que a maioria das mulheres entrevistadas dá menos prioridade são as dimensões que dizem respeito ao espaço produtivo - Trabalho e Estudo - e, à sociabilidade - Participação Comunitária, Religiosa e Política.

A seguir destacaremos somente alguns aspectos que mais chamaram atenção sobre as dimensões Família e Casamento.

No Gráfico 08, podemos visualizar de que forma as dimensões Família e Casamento foram apontadas pelas mulheres entrevistadas. Das vinte (20) mulheres entrevistadas, quinze (15) delas afirmaram que a prioridade número um (01) em suas vidas é a Família e, quatro (04) apontaram como primeira (1ª) prioridade o Casamento, sendo que somente uma (01) entrevistada não apontou nenhuma dessas duas dimensões.

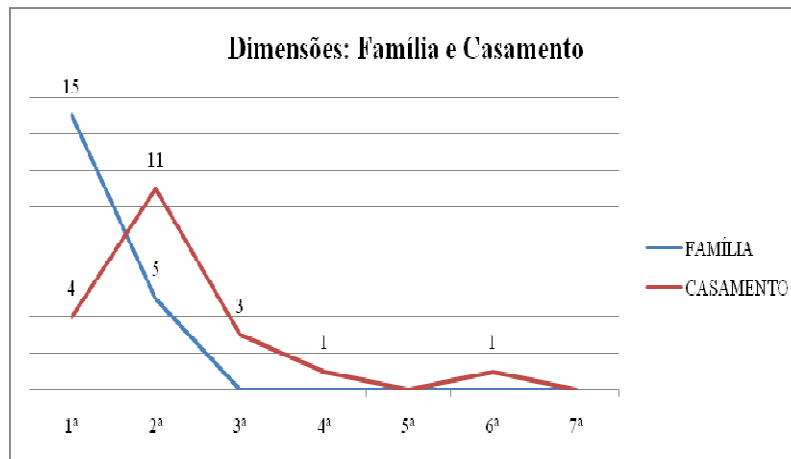


Gráfico 08 - Dimensões: Família e Casamento

Apesar disto, ainda no Gráfico 08, podemos observar que como segunda (2ª) prioridade Família e Casamento continuam aparecendo significativamente. Das vinte (20) mulheres, onze (11) apontaram a dimensão Casamento e, cinco (05) a dimensão Família, sendo que somente quatro (04) mulheres não apontaram nenhuma dessas duas dimensões como segunda (2ª) prioridade.

Ainda sobre essas duas (02) dimensões, é importante ressaltar que a maioria das mulheres que apontou como primeira (1ª) prioridade a Família, apontou o Casamento como segunda (2ª) prioridade. E todas as quatro (04) mulheres que apontaram o Casamento como primeira (1ª) prioridade, apontaram a Família como segunda (2ª) prioridade.

A única mulher entrevistada que não apontou Família ou Casamento como sendo a dimensão mais prioritária, apontou a dimensão Participação Religiosa que é uma das dimensões menos priorizadas pela maioria das mulheres. Apesar disto, esta entrevistada também apontou a Família como segunda (2ª) prioridade.

Outro aspecto interessante deste mesmo Gráfico é que a dimensão Família é apontada por todas as mulheres como sendo a primeira (1ª) e a segunda (2ª) prioridade em suas vidas, não aparecendo mais a partir da terceira (3ª) prioridade.

Ao contrário disto, a dimensão Casamento, mesmo apontada por um número significativo de mulheres até a segunda (2ª) prioridade, também aparece como terceira (3ª), quarta (4ª) e sexta (6ª) prioridade.

Não obstante, é importante ressaltar, que das três (03) entrevistadas que apontaram a dimensão Casamento como terceira (3ª) prioridade, uma (01) delas não é casada; e, as duas (02) mulheres que apontaram Casamento como quarta (4ª) e sexta (6ª) prioridade, Salete e Helena respectivamente, afirmaram que, neste momento, não priorizam esta dimensão. A primeira, por se considerar muito nova, vinte (20) anos de idade - e, a segunda, com cinquenta e seis (56) anos de idade, é divorciada há 20 anos e afirmou que, neste momento da sua vida, não sente necessidade de um casamento, mas somente de um relacionamento.

No Gráfico 09, podemos observar que é mínima a diferença entre as mulheres da classe capitalista e da classe trabalhadora que indicaram Família e Casamento como as dimensões mais priorizadas em suas vidas. Isto aponta que o espaço reprodutivo é priorizado pelas mulheres independente da classe social a que pertencem.

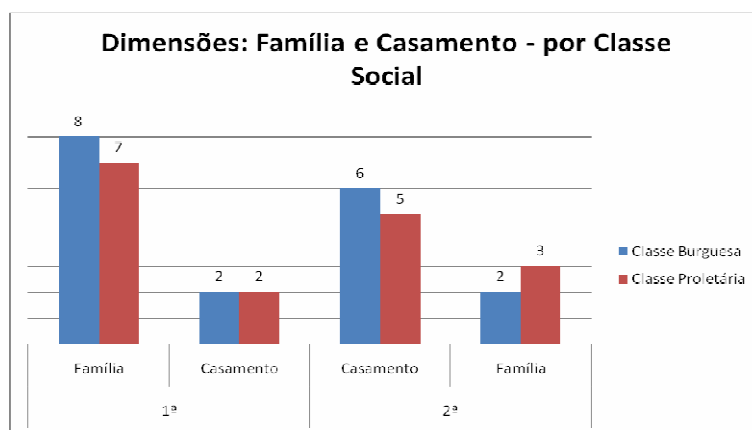


Gráfico 09 – Dimensões: Família e Casamento – por Classe Social

No que concerne à dimensão Família, é importante ressaltar a concepção das mulheres entrevistadas acerca desta dimensão. Observamos que a maioria das entrevistadas compreende a Família

como a base, o alicerce de que os seres humanos necessitam para se ter uma sociedade feliz. Outro aspecto sobre esta mesma dimensão, trazido com bastante ênfase nos depoimentos das entrevistadas é uma imagem positiva desta instituição, como sinônimo de prazer e, onde se atende necessidades de apoio, amor, alegria e felicidade.

Chama-nos atenção o depoimento de duas (02) mulheres que demonstraram compreensão naturalizada destas duas instituições: Família e Casamento, apontando estas dimensões como sendo dimensões divinas e/ou eterna e, não como uma instituição construída socialmente, conforme segue:

Sobre Família: [...] E é isso que eu estou tentando levar para os meus filhos. Pra que eles ainda tenham esse conceito de que família é algo bom, de que família é algo que eu preciso cultivar, preservar e ter. Eu acho que quando existe aquela união, aquela harmonia, aquela coisa de que você quer que a tua família seja pra sempre, é gostoso! É o que nós estamos tentando fazer. Existem problemas, existem! Mas quando a gente quer que a família permaneça, a gente consegue resolver esses problemas e tudo começa a ser de novo legal e gostoso! [...] E a família, pra mim vem tudo de algo que Deus quis que fosse feito! Acho que isso é o natural que vem junto com qualquer pessoa! (Dora)

Sobre Casamento: [...] o casamento foi instituído por Deus, foi um dos propósitos de Deus quando ele criou o mundo! E, pra mim, isso é algo muito importante! (Dora)

Sobre Casamento: [...] o casamento é importante justamente porque é o casal que se vê no futuro, é o casal que vai viver junto no futuro, os filhos são hóspedes! Os filhos são hóspedes, eles vêm e vão embora e, ... apesar de todo direcionamento de

fazer que os filhos estejam bastante bem, eles não são eternos! (Magali)

Ainda sobre a dimensão Casamento houve relação desta instituição com a educação dos filhos e com uma necessidade individual das próprias mulheres, sendo que somente uma das entrevistadas atribuiu importância ao casamento pelo tipo de relação que foi estabelecida pelo casal, como algo construído entre os dois: uma relação que possui união, cumplicidade, liberdade e felicidade, conforme segue:

[...] a gente sempre foi muito unido. [...] eu sempre tive uma liberdade bem grande nós dois! E uma das coisas que eu acho muito importante hoje é que a gente mantém um casamento muito unido, muito felizes! [...] é porque eu sempre fui muito cúmplice, participei muito com ele de tudo! [...] O casamento nosso é muito de cumplicidade! (Joana)

Outro depoimento que chama atenção é o da entrevistada Cleide, da classe trabalhadora, quando afirma que o seu casamento é tão importante para ela que já fez diversas mudanças para mantê-lo, conforme segue:

[...] pelo meu casamento eu faria tudo! Faria tudo pra mantê-lo! Como eu já deixei: eu usava muita roupa curta - larguei mão das minhas roupas pra ter o meu casamento bem estável!; parei de dançar, não saio mais ... ele não gosta! [...] Só vou quando ele me leva!; Eu tenho amigos agora mais comportados, mais respeitosos! Parei de sair com amizades que antes eram de balada! Então, eu já mudei bastante coisa pelo meu casamento e, se tivesse que mudar, eu mudaria mais! Se fosse necessário! (Cleide)

Como vimos, em diversos momentos da pesquisa foi possível evidenciar que apesar das mudanças significativas identificadas na sociedade e nas configurações familiares, a partir do século XIX, as mulheres continuam investindo significativamente no espaço do trabalho doméstico sendo elas as maiores responsáveis pelas atribuições concernentes a este espaço.

Outro dado importante de nosso estudo é que, apesar de a responsabilidade pelo trabalho doméstico continuar sendo atribuída mais à mulher, a maioria das mulheres entrevistadas nunca pensou em alterar a divisão de tarefas em sua casa, apontando novamente para uma naturalização das atribuições do trabalho doméstico como sendo próprias do sexo feminino.

Sobre esta questão, o Gráfico 10 mostra que, das vinte (20) mulheres entrevistadas somente sete (07) mulheres já pensaram em alterar a divisão de tarefas em sua casa, sendo que as outras treze (13) mulheres nunca nem pensaram sobre o assunto:

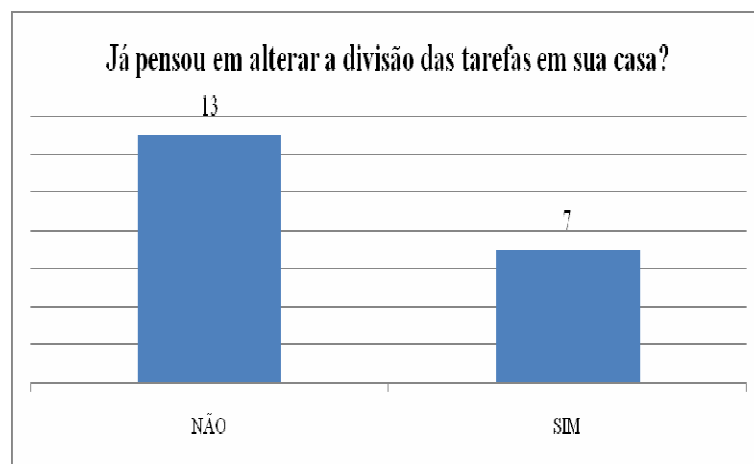


Gráfico 10 – Já pensou em alterar a divisão das tarefas em sua casa?

Se observarmos outro gráfico trazendo a mesma questão, mas por classe social, identificamos que a diferença é mínima entre as mulheres pertencentes à burguesia e as mulheres pertencentes ao proletariado que afirmaram que nunca pensaram em alterar a divisão de tarefas em casa.

A diferença também é mínima quando as mulheres destas classes afirmaram que já pensaram em alterar a divisão de tarefas em casa.

Estes dados sugerem que a naturalização do trabalho doméstico como sendo próprio do sexo feminino independe de classe social.

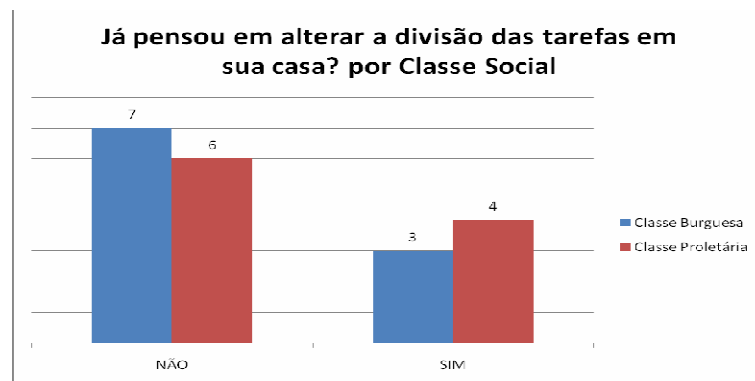


Gráfico 11 - Já pensou em alterar a divisão das tarefas em sua casa? – por Classe Social

Das treze (13) entrevistadas que nunca pensaram em alterar a divisão de tarefas, é importante destacar que oito (08) delas possuem diarista ou empregada doméstica que executa a maior parte dos serviços da casa, Selene e Priscila da classe proletária; e, Ana Clara, Eduarda, Elisa, Magali, Márcia e Salete da classe burguesa. Das oito (08) mulheres que contam com empregada doméstica ou diarista, somente duas (02) delas afirmaram que o homem não contribui em nenhuma atividade em casa, Priscila da classe proletária e Salete da classe burguesa. Os esposos/companheiros das outras seis (06) mulheres,

apesar de contribuírem pouco com as atividades domésticas, acabam colaborando em algumas situações eventuais conforme já fora mencionado.

Das outras cinco (05) mulheres que afirmaram que nunca pensaram em alterar a divisão de tarefas - Cleide, Isadora, Helena e Valentina da classe proletária e Silvia da classe burguesa - nenhuma delas possui diarista ou empregada doméstica que execute a maior parte dos serviços e, somente duas (02) delas, afirmaram que o homem membro da família contribui com as atividades da casa, Cleide e Valentina.

Das mulheres que nunca pensaram em alterar a divisão de tarefas, destacamos alguns depoimentos que evidenciam a naturalização do trabalho doméstico como próprio do sexo feminino e, provavelmente, por isso mesmo, algumas nunca sentiram necessidade de questionar como está estabelecida a divisão de responsabilidades, conforme segue:

O depoimento de Priscila, da classe proletária, indica esta naturalização ao afirmar que quando sua filha crescer, ela terá que ajudá-la por ser mulher:

Sabe que eu nunca pensei?! ... Eu ... não sei?! ...
Tu diz meu marido ajudar e dividir a tarefa!? Pode ser! Olha, eu nunca pensei nisso não! Eu penso, em quando minha filha crescer, ela me ajudar! Porque ela é a filha mulher! Nós dividir a tarefa da semana e do final de semana! Mas assim, com o meu esposo?! Eu nunca pensei ... pensei não ...
(Priscila)

Outros dois relatos que caminham no mesmo sentido desta naturalização, são os depoimentos de Ana Clara e de Eduarda, ambas da classe burguesa. Estas mulheres afirmam que nunca pensaram em alterar a divisão de tarefas e, ainda, que consideram natural que a mulher possua mais responsabilidades e/ou a atribuição do trabalho doméstico do que o homem:

Não, não pensei! Eu não me incomodo que fica mais pra mim! E até o meu marido ajuda também, na verdade ... Alguma coisinha ele faz! E eu não me incomodo de fazer ... (Ana Clara)

Não! Como eu sempre gostei de fazer, quando eu podia, eu fazia. Se tivesse alguém que me ajudava melhor ainda! (risos) Então nunca fiquei insatisfeita com as minhas tarefas! (Eduarda)

O depoimento de Magali, também da classe burguesa e que também nunca pensou em alterar a divisão de tarefas, expressa a compreensão de que as características construídas socialmente como sendo próprias de homens e de mulheres são naturais, como se fossem inatas e não pudessem ser alteradas, conforme segue:

Não. Em realidade, assim: ele ajuda em todas as coisas! Mas ele nunca vai ser uma mulher! Ele pensa diferente, ele age diferente e ele faz as coisas de forma diferente! Então, do meu lado também tem que haver esse entendimento de que ele não vai fazer as coisas do jeito que eu quero que sejam feitas! Ele vai fazer da forma como ele quer que sejam feitas! E isso é uma situação que precisa de certa maturidade também pra entender, porque, muitas vezes, as próprias mulheres quando o marido vai fazer alguma coisa reclamam: vai cozinhar, deixa tudo sujo! Daí reclamam porque ele deixou tudo sujo! Então essa é uma situação que precisa ... ninguém é dono da verdade, cada um tem a forma de fazer, seu estilo... Se a gente quer que as coisas caminhem legal, tem que os dois saber que um não vai ser transformado no outro! Se as mulheres quiserem lidar com o compartilhamento de atividades tem que também entender que nunca vão transformar o homem numa mulher! Não tem como! É lutar contra moinhos! (Magali)

O único depoimento que evidencia que a entrevistada nunca pensou em alterar a divisão de tarefas, pois em sua casa o trabalho doméstico já é distribuído de forma, aparentemente, igualitária é o depoimento da entrevistada Cleide da classe proletária, conforme segue:

Não, eu não alterava! Porque ele também já estava acostumado a dividir as tarefas! [...] Porque a gente sempre pensa assim: os dois têm que fazer tudo junto para os dois estarem satisfeitos! Eu não vou deixar ele pagar as contas todas, pra ele ficar sem nenhum centavo e, vou ficar com o meu pagamento guardado... Ou vou comprar uma lingerie, sendo que já tenho várias! Vou deixar o meu dinheiro só pra mim, deixar as contas pra ele e, acabar deixando uma conta porque o dinheiro dele não deu?! Então eu penso em dividir tudo! Desde a parte de financeira, as tarefas domésticas, no caso se tivesse uma criança pra gente estar cuidando também ... eu não mudaria ficaria do jeito que está! Assim é bom tanto pra um quanto pra outro. (Cleide)

Conforme vimos no gráfico anterior, das sete (07) mulheres que afirmaram que já pensaram em alterar a divisão de tarefas dentro de casa, três (03) pertencem à burguesia e têm empregada doméstica que realiza a maior parte dos serviços da casa, Dora, Joana e Mayssa. Quatro (04) pertencem ao proletariado, Emília, Eva e Letícia, sendo que somente Eva tem diarista.

Das três (03) mulheres pertencentes à burguesia e que já pensaram em alterar a divisão de tarefas, duas (02) delas, Joana e Mayssa, incluíam o marido nessa divisão, sendo que o marido de Joana já passou a contribuir. Ao contrário delas, a outra entrevistada desta classe social, Dora, acredita que essa responsabilidade poderia ser dividida com os filhos para o aprendizado deles:

Eu já pensei e já aconteceu isso! Porque no começo era só eu mesmo que fazia todas as coisas! E, hoje, ele está mais interado, hoje ele gosta de saber! ... E eu coloquei ele, agora, mais pra dividir! Precisa falar com algum dos empregados sobre alguma coisa, vai lá e fala, daí ele vai lá e fala! Então, já está mais ... Ele está participando mais das coisas aqui! (Joana)

Ah! Muitas vezes! Muitas vezes a gente conversou: ah! vamos conversar, você tem que participar mais, blá, blá, blá, blá, blá, blá, mas está tudo bem uma semana, duas semanas (risos) e depois volta tudo ao normal (risos). [...] Eu, agora, não vou conseguir mudar meu marido porque ele foi criado diferente! Mas eu acho dessa forma: tanto o homem quanto a mulher tem que dividir as tarefas do lar, assim como eles dividem as tarefas do trabalho fora de casa. [...]. (Mayssa)

Já pensei ... pensei no sentido de envolver mais as crianças, pra eles aprenderem. Porque eu não sei se um dia ... no futuro ... sei lá aonde vão estudar, se de repente vão morar sozinhos ... pra eles saberem se virar, pelo menos. [...]. (Dora)

Das quatro (04) mulheres pertencentes ao proletariado, Amanda dividiria com todos os membros da família; Emília afirma que desejaria que os filhos contribuíssem não no sentido de também fazerem alguma atividade, mas de deixarem as coisas que utilizam em ordem e, Letícia, que já recebe a ajuda da filha, incluiria o marido na divisão de tarefas:

Gostaria de fazer ... tipo ... como se fosse um rodízio, cada um teria um dia de tarefa. Já fiz um teste, mas não deu certo! (Amanda)

Ah! Eu gostaria! [...] Eu gostaria que cada um deixasse o seu canto ajeitado, porque eu só limpar é outra coisa! O pior de tudo é juntar, recolhe peça de roupa, calçado ... tudo, tudo, deixam tudo jogado! Isso é uma coisa que eu gostaria de mudar. Não que fizesse todas as tarefas domésticas, mas que fizesse a sua parte ... porque eu arrumo, eu limpo, eu deixo ajeitado ... Então, eu vou usar? Mas, vou deixar como estava depois! Eu gostaria de ter acostumado eles assim ... e quem puder que faça isso, porque deve ser assim! [...] ... isso é o que eu queria mudar aqui em casa, mas é tarde.. (risos). (Emília).

Eu botava meu esposo a ajudar, porque ele é bem folgado! [...] Ele não ajuda, de jeito nenhum! Não ajuda a fazer nada! Porque assim, a gente é mulher, se botar na ponta do lápis?!, a gente trabalha de segunda a segunda!? Porque tu trabalha fora, chega em casa trabalha em casa, sábado tu trabalha, domingo tu trabalha, é barriga no fogão direto! E eles não! Eles trabalham até sexta, sábado ficam lá de papo pro ar vendo televisão, domingo ... Eu já ouvi falar de mulher que o marido domingo faz o almoço, ela nem chega na cozinha! Ele não, nada! Nem um cafezinho! Nada! Se eu pudesse, eu dividia com ele, não com a gurria [filha]. (Leticia)

Outros dois relatos interessantes sobre a divisão de tarefas são os relatos de Eva e de Helena, da classe proletária, falando sobre esta questão durante o ex-relacionamento conjugal que vivenciaram. Ambas afirmam que contavam com diarista/empregada doméstica, os maridos não contribuíam com nenhuma das atividades, mas, mesmo assim, elas nunca pensaram em alterar a divisão de tarefas. Segue o depoimento de Eva:

Naquele momento era muito tranquilo, porque era da forma que eu queria que fosse hoje. Só que, tem umas coisas assim que me irritavam profundamente [...] Chegava em casa, sabia que a diarista tinha acabado de sair ... [...] e quem tinha que limpar! Eu achava aquilo um absurdo e eu reclamava e dizia: Meu Deus, estava limpo! Custa cuidar pra não sujar? Então, isso era uma coisa que eu mudaria. Tanto que eu decidi mudar de marido. Porque não dá pra agüentar, tem coisa que não dá pra agüentar! (risos). (Eva)

O relato de Helena é interessante porque mostra que os territórios construídos socialmente do homem e da mulher estavam tão incorporados pelo casal naquele momento que, aparentemente, foi, por isso, que a entrevistada não chegou a visualizar a possibilidade de alterar a divisão de tarefas:

No casamento não tinha abertura pra isso, mas acho que eu também não cheguei a pensar não! Pra minha geração, isso ainda era meio claro: o que mulher fazia e o que homem fazia. A nossa geração, não que fosse regra, mas era mulher dentro de casa ... Se o homem fizesse alguma coisa, era lavar o carro, cortar grama, roçar grama ... Mas, lá em casa eu pagava pra roçar a grama, então acabava não fazendo muita coisa. Nem mesmo ... outra coisa que os homens assumiam era a manutenção da casa, trocar lâmpada ... mas meu ex-marido, até isso tinha que mandar fazer! [...]. (Helena)

Conforme veremos a seguir o fato de a maioria destas mulheres nunca terem pensado na possibilidade de alterar a divisão de tarefas em casa, pode estar relacionado com uma educação onde o tratamento para homens e mulheres já era diferenciado, fazendo com as mulheres naturalizassem também a situação vivida nos relacionamentos conjugais.

No Gráfico 12, podemos verificar que na educação da maioria das entrevistadas houve tratamento diferenciado por sexo, onze (11) entrevistadas verbalizaram isto e sete (07) das mulheres entrevistadas verbalizaram que não houve tratamento diferenciado por sexo. As outras duas (02) entrevistadas não puderam responder esta questão porque não tiveram irmãos do sexo masculino, somente do sexo feminino.

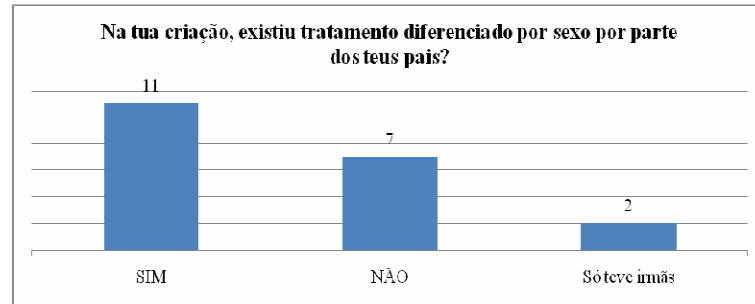


Gráfico 12 – Na tua criação, existiu tratamento diferenciado por sexo por parte dos teus pais?

Ainda sobre a mesma questão, no Gráfico 13 podemos observar este dado por classe social. As duas mulheres que não puderam responder a este questionamento, pois não tiveram irmãos, pertencem à burguesia. Assim, das outras oito (08) mulheres desta classe social, quatro (04) afirmaram que houve tratamento diferenciado e quatro (04) mencionaram que não houve esta diferenciação na criação delas. Ao contrário, a maioria das mulheres pertencentes ao proletariado sete (07), afirmou que foram educadas com tratamento diferenciado por sexo entre elas e os irmãos do sexo masculino e três (03) mulheres desta classe social afirmaram que não houve diferenciação por sexo.

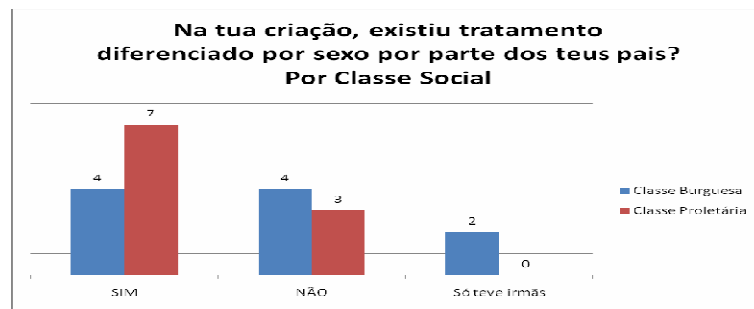


Gráfico 13 - Na tua criação, existiu tratamento diferenciado por sexo por parte dos teus pais? – por Classe Social

Outro dado interessante é que todas as mulheres entrevistadas pertencentes ao proletariado mencionaram que a diferenciação no tratamento dizia respeito à execução ou não das tarefas domésticas, sendo que a mulher tinha a obrigação de fazê-las e o homem não tinha essa obrigação. Seguem alguns dos relatos mais expressivos:

[...] Ela fazia diferença em ele ser homem e eu ser mulher! Então, eu como mulher tinha que saber fazer as coisas de casa e ele como homem não precisava! Minha mãe deixava o prato pronto para meu irmão, inclusive picava a carne até os 17, 18 anos dele. [...] e eu quando estava cansada e pedia: Ah! Mãe faz para mim? Ela dizia: Não! Você é mulher, você tem que fazer! [...] E muitas outras coisas: as atividades de casa, nunca a minha mãe fez qualquer tipo de exigência do meu irmão em relação às atividades domésticas! Porém, comigo ... eu tinha que fazer! Eu tinha que arrumar a casa pra ela, eu tinha que ter a responsabilidade de limpar a casa, de limpar tipo assim ... nem o quarto do meu irmão ele não precisava limpar, nem a cama ele precisava fazer! Mas eu? Além de limpar o meu e organizar o meu, tinha que organizar o dele, porque eu era mulher! [...] Com 17 anos [...] eu trabalhava durante o dia [...] [e] sábado de manhã também.

Sábado à tarde tinha que vir para casa limpar a casa! [...] e se eu fizesse alguma coisa: Ah! Combinava de sair com os amigos depois do trabalho e acabava não limpando, era uma briga! Mas o meu irmão podia passar o sábado inteiro fora, ou vir para casa e dormir a tarde toda! Ele não precisava fazer nada! Inclusive ela fazia o café e levava para ele na cama e eu não tinha isso! Aí, [...] Aí quando eu questionava ela [...] ela dizia: Não! Não é por isso! É porque teu irmão trabalha muito! Eu digo: Mas eu também trabalho o dia inteiro! [...]. (Valentina)

[...] Minha mãe não deixava o filho homem botar a mão em nada! Era só as filhas mulher! [...] Lá em casa, ela era assim: o filho homem não podia fazer nada! Tinha bastante diferença! E só as filhas mulheres! (Letícia)

Sim! Ele não fazia nada e nós tínhamos que fazer tudo! Ele tinha essa regalia e nós ... [...] Mas nós achávamos que ele como sendo menino, na parte da casa, ele não precisaria ajudar! (Priscila)

Outro aspecto trazido por três (03) das sete (07) mulheres pertencentes ao proletariado que na sua criação experienciaram tratamento diferenciado por sexo, era o fato de que aos irmãos do sexo masculino era concedida maior liberdade.

Em relação a isto, destacamos o relato de Amanda e de Eva. O depoimento de Amanda é interessante, pois além de sugerir que era concedida maior liberdade ao homem, afirma que os pais não explicavam o motivo desta diferenciação. Isto é importante, pois sugere que a naturalização do que é permitido ao sexo feminino e ao sexo masculino é incorporada e transmitida sem questionamentos. Segue o relato:

Ah! A gente sempre ouvia: Você é menina! Você não pode fazer isso! ... Então sempre havia uma diferença, mas não tinha explicação ... eles não explicavam o motivo. [...]. (Amanda)

No depoimento de Eva podemos observar que, além de permitir maior liberdade ao homem, os responsáveis pela entrevistada, quando de sua infância e do seu irmão, cumpriam com os papéis definidos socialmente como sendo próprios do homem e da mulher, porém os homens também tinham que contribuir com as atividades domésticas. Apesar disto, as atividades domésticas mais pesadas ficavam com as mulheres:

Completamente, exacerbado! É uma história muito bonita, mas uma história muito machista! [...] Meu avô era o provedor da casa e ela era a cuidadora, a última palavra era a dele! [...] Claro que a mulher tem uma força ... que a gente manipula assim ... chega uma hora que a gente manipula que o homem pensa que está fazendo a vontade dele, mas está fazendo a nossa! Mas isso foi uma estratégia, que eu penso ... isso é um pensamento meu, que eu defendo ... uma estratégia de a gente conseguir as coisas nessa sociedade machista! Porque se não tu não tem vez! [...] Estratégia de sobrevivência na selva machista! [...] Existia muita diferença sim! Porque ele dizia assim: Ou tu estudas ou tu namoras, as duas coisas tu não vai fazer! ...E o meu irmão quatro anos mais novo do que eu, teve a oportunidade até de fumar maconha! [...] Com doze anos de idade ... eu não podia acordar depois das oito horas da manhã ... mesmo que eu estudasse a tarde, eu tinha que acordar cedo pra ajudar na faxina! Eu passava cera, eu fazia tudo! O meu irmão eventualmente enxugava a louça pra mim. E me ameaçava de morte: Porque eu vou te matar! Por que isso não é serviço pra mim! [...] Aí o meu avô achava que ele devia enxugar a louça ... pelo menos isso! [...] ... então era assim, era

divertido porque a gente se divertia ... mas era o mulhero! Quando eu comecei a trabalhar com quinze anos, eu lembro que tinha um dia da semana que eu acordava as cinco da manhã pra limpar o banheiro! Antes de trabalhar eu tinha que deixar o banheiro limpo! E os homens era aquilo, chegava final de semana era aquela fatura: cerveja, bebedeira, gaita, que eu odiava!, vanerão ... Os homens se divertindo, jogando baralho e a mulherada na cozinha se revezando, fazendo almoço, lavando a louça... Pra mim era o inferno de Dante aquilo! [...]. (Eva)

Da mesma forma que Eva, o depoimento de Helena também mostra que os pais da entrevistada, quando de sua infância, tinham responsabilidades definidas de acordo com os territórios definidos socialmente para homem e para mulher, porém isto não era exigido dos filhos:

Não vejo que tivesse muita clareza nisso! Mas como a minha mãe estava em casa [...] então era a mãe que fazia tudo. [...] ... mas não tava muito claro isso é coisa de menino, isso é coisa de menina não! [...] Agora o pai e a mãe tinham bem claro o que era de cada um! [...] ... porque o pai assumia muito: assumia a manutenção da casa, assumia o jardim [...], a horta os dois faziam [...] na minha infância tinha animais em casa [...] e os dois cuidavam...eu sei que minha irmã ajudou, assim a picar lenha, que era coisa de homem [...] era uma coisa que na época era uma coisa mais pros meninos! Mas era uma coisa bem natural ... e uma vez ou outra um deles enxugava a louça sem problema nenhum, secar louça, arrumar a mesa, ou recolher uma roupa se precisasse ... eu me lembro que às vezes tinha isso: ai, vai lá recolher a roupa pra mãe! [...]. (Helena)

Em relação às mulheres pertencentes à burguesia, o tratamento diferenciado por sexo na execução das atividades domésticas foi trazido

por somente duas (02) das quatro (04) entrevistadas que experienciaram esta diferenciação. As outras duas (02) mulheres desta classe social, e, que afirmaram que também foram criadas com tratamento diferenciado por sexo, verbalizaram que a execução das atividades domésticas era dividida com igualdade, porém ao homem era concedida maior liberdade.

Destacamos o depoimento de Dora, da classe burguesa, que mostra que as mulheres além de serem responsáveis pelo trabalho doméstico contribuíam com os homens na execução do trabalho produtivo, porém a exigência quando da execução deste último pelas mulheres não era a mesma atribuída aos homens, conforme segue o relato:

Eu acho que teve diferença sim! [...] ... a gente como menina, tinha que ajudar muito! Às vezes, na roça, mas os meninos ... [...] não faziam nada dentro de casa!! Então ... porque eles não precisavam fazer nada dentro de casa?! [...] ... claro que quando a gente ajudava, eram serviços leves! [...] Não era assim que tinha que estar ali do mesmo jeito como eles! Isso não! Tinham suas limitações. As mulheres não precisavam estar o tempo todo, não precisavam estar no sol quente, não precisava ... [...]. (Dora)

Apesar de que o discurso da maioria das mulheres entrevistadas sugere que elas privilegiam mais o espaço reprodutivo do que o espaço do trabalho assalariado e, mais o espaço reprodutivo às atividades de sociabilidade, é interessante observar que outros momentos da pesquisa mostram que na prática da maioria delas, é o espaço do trabalho assalariado o privilegiado.

Vejamos em quais momentos tivemos esta impressão:

Quando questionadas sobre a satisfação na realização das atividades domésticas e do trabalho assalariado, todas as mulheres entrevistadas, vinte (20), afirmaram que se satisfazem com o trabalho assalariado, inclusive as mulheres que hoje não estão exercendo esta

atividade afirmaram que quando a exerciam se satisfaziam muito. E, das vinte (20) entrevistadas, treze (13) mulheres afirmaram que se satisfazem com as tarefas domésticas.

Outro dado importante é que a maioria das mulheres que respondeu que gosta de realizar as tarefas domésticas pertencem à burguesia: oito (08) das dez (10) entrevistadas; da classe proletária, somente cinco (05) deram a mesma resposta. Isto pode ter relação com o fato de que das dez (10) mulheres entrevistadas pertencentes à burguesia, nove (09) contam com diarista e/ou empregada doméstica que contribuem com a execução do trabalho doméstico e, a maioria das mulheres pertencentes ao proletariado não conta com esta possibilidade. Ou seja, somente três (03) mulheres da classe proletária contam com diarista para execução do trabalho doméstico; da classe burguesa, somente uma (01) das mulheres não possui diarista e/ou empregada doméstica.

Uma observação feita nos depoimentos das mulheres entrevistadas é de que, apesar de somente sete (07) mulheres terem afirmado que não se satisfazem na execução das tarefas domésticas, ao falar sobre o trabalho assalariado a maioria das mulheres se expressa com muito mais emoção do que ao falar sobre as tarefas domésticas. Isto é possível visualizar mesmo no depoimento daquelas mulheres que mencionaram que se satisfazem na execução destas tarefas, conforme podemos observar abaixo comparando os depoimentos sobre as tarefas domésticas e sobre o trabalho assalariado:

Ana Clara:

Sobre Tarefas Domésticas: Gosto. Me satisfaço, gosto muito! Não faço mais, pela falta de tempo.

Sobre Trabalho Assalariado: Bastante mesmo! Gosto muito de trabalhar com público, de estar junto, de participar... Faço de tudo, tudo que for preciso eu faço aqui! [...].

Elisa:

Sobre Tarefas Domésticas: Olha...quando eu faço - porque no sábado e no domingo eu tenho que fazer o almoço, limpar a cozinha, aquela coisa assim deixar em ordem... - eu procuro fazer com capricho! Eu me sinto bem! [...] Eu sempre tive uma pessoa ajudando, mas quando eu precisei fazer, que mais eu me dediquei, eu sempre fiz com carinho! Eu não lembro de ter ficado nervosa, braba, irritada: que desgraça!

Sobre Trabalho Assalariado: Eu amo! Eu amo, eu adoro! [...] O que eu faço vai muito além de ter um salário justo no final do mês! [...] Quem não é feliz no trabalho [...] afeta o pessoal, a família....vai afetando tudo!

Eva:

Sobre Tarefas Domésticas: Eu odeio! Tanto assim que eu adoro casa! Adoro uma casa bem limpa, uma casa cheirosa, uma casa bem organizada, mas ela tem que estar limpa! Eu coloco as coisas no lugar, eu escolho as roupas de cama, eu arrumo os balangandans em cima das coisas, acendo um incenso ... [...] lavar a roupa, porque é só botar na máquina, aperta o botão, tira, estende no varal, é uma boa terapia! Agora, limpar banheiro, limpar cozinha, limpar?! Eu odeio! [...] Eu não gosto do trabalho doméstico! Eu acho ele castrador! E ele me leva a um tempo, assim... à memória de quando as mulheres serviam só pra isso mesmo [...] Eu lembro das festas de família, os homens tudo jogando, se divertindo e a mulherada na cozinha fazendo comida, depois lavando a louça! Eu achava isso revoltante desde criança! Eu achava isso revoltante! [...] eu nunca vi aquele bando de homem mover alguma coisa dentro de casa! Bando de malandro! Ah! Porque a gente trabalha fora e está cansado! As mulheres também trabalhavam! Então eu tenho a minha ira! [...].
(Eva)

Sobre Trabalho Assalariado: "Eu amo o meu trabalho! [...] Eu gosto muito do que eu faço! [...]". (Eva)

Valentina:

Sobre Tarefas Domésticas: Não suporto fazer tarefas domésticas! [...] eu faço todas as tarefas, não com má vontade! Mas, eu não sinto prazer em fazer! [...] como é necessário eu faço! (Valentina)

Sobre Trabalho Assalariado: [...] amo a minha profissão! Amo o que eu faço! [...] eu amo muito o que eu faço, gosto muito do meu trabalho! [...]. (Valentina)

O único depoimento que, ao nosso ver, realmente expressou prazer na execução das tarefas domésticas foi o de Cleide da classe proletária, conforme podemos verificar abaixo:

Sim! Eu ligo o som bem alto e vou fazendo o serviço, quando eu vi já fiz tudo! Eu gosto e, [...] desde dos meus treze anos eu sempre trabalhei, principalmente de doméstica (...) Eu gosto de fazer o serviço da minha casa, eu divido com ele por opção, mas eu adoro fazer! (Cleide)

Ainda sobre a execução do trabalho doméstico, destacamos o relato de Dora, ao mencionar sobre sua decepção quando o trabalho é desfeito pelos outros membros da família, situação que é mais bem administrada quando o trabalho não foi feito por ela, segue o relato:

Eu gosto. [...] eu tenho alguém pra me ajudar, porque realmente eu não dou conta de fazer sozinha. [...] ... apesar de eu gostar de fazer, muitas vezes depois que você vê as coisas limpas,

pra mim é assim: eu me estresso muito fácil depois. Então tipo assim: trabalhei o dia todo. Dai os meus filhos vem e sujam ou desarrumam alguma coisa ... eu fico ... A diarista fazendo, isso não é tão forte. Não gosto, chamo atenção igual, mas consigo manter a calma ... [...] Mas gosto, eu gosto de fazer sim! ... Pra mim não tem ... Claro! Tem dias que mais, tem dias que menos, mas satisfaz sim! (Dora)

O depoimento de Márcia, também é interessante, pois aponta que, apesar de ter mencionado que a família e a casa sempre foram suas prioridades, sentia necessidade de se dedicar também a outras atividades:

Eu gosto! Não gosto de fazer só isso! Por isso, eu sempre trabalhei fora, desde mocinha que eu trabalhei fora! Hoje em dia também! Eu não fico só nas tarefas domésticas! Porque, além de ter minhas atividades fora e, também, de providenciar tudo pra casa ... eu trabalho muito no computador, eu leio muito! Eu tenho uma vida bem preenchida, que me satisfaz! (Márcia)

Com relação ao trabalho assalariado, cabe ressaltar que a maioria das mulheres entrevistadas relacionou este tipo de atividade com a sua própria realização profissional - como podemos observar nos depoimentos se voltarmos no momento em que apresentamos um comparativo entre os depoimentos sobre as tarefas domésticas e sobre o trabalho assalariado. Ao contrário disto, as mulheres entrevistadas que não estabeleceram relação do trabalho assalariado com realização profissional são aquelas mulheres que exercem uma profissão que não é bem remunerada, Cleide e Letícia; ou aquelas mulheres que ainda estão cursando o Ensino Superior e não estão exercendo exatamente a profissão para qual estão estudando, Amanda e Salete. Estas mulheres vincularam o trabalho assalariado com sociabilidade, com ser útil e com distração, seguem os relatos:

[...] com o meu trabalho tenho a oportunidade de conhecer muitas pessoas! [...]. (Amanda)

Gosto! [...] Aqui eu trabalho mais em paz do que em casa. Em casa eu fico meio chateada, penso mais nos problemas. E aqui eu espairoço! Aqui, eu trabalho mais tranqüila! (Leticia)

[...] eu me satisfaço ... [...] eu namorei dois anos e meio com um guri e eu gosto dele ainda! Eu acho que eu vou casar com ele! Só que não agora, porque eu tenho que aproveitar mais ... [...] E tipo, ele que fez eu trabalhar. Antes eu ficava em casa, só estudava, não queria trabalhar também. Ele que botava essas coisas na minha cabeça, que eu tinha que trabalhar, que eu não podia ficar em casa sem fazer nada, que eu tinha que arrumar mais coisas pra fazer! (Salette)

É interessante observarmos o depoimento de Emília, pois ela afirma que gostava tanto do trabalho que exercia no espaço assalariado que não se importava em ainda ter que fazer o trabalho doméstico. Este depoimento, aparentemente, sugere que Emília compreende o trabalho doméstico como uma obrigação da mulher, mas também que não deixaria do trabalho assalariado para somente se dedicar ao espaço reprodutivo:

Ah! Sim! Adorava, adorava! Sempre gostei! [...] Eu sempre gostei muito disso: de conversar com as pessoas, poder fazer alguma coisa pelas pessoas... [...] Mas eu gostava! Eu adorava! ...eu sempre gostei muito de escrever, de lidar com pessoas que era o que eu fazia! Então, eu sempre gostei! Eu me realizei [na minha profissão]! [...] e não interessa que eu trabalhava lá e, ainda, tinha que fazer o serviço de casa, não me importava, eu gostava de trabalhar! E hoje eu sempre digo,

quando eu vejo os jovens reclamando: Ah! Eu não aguento essa correria! Ah! Essa correria é a melhor coisa do mundo! Que bom quando a gente tem a correria, quando tem uma atividade, é muito bom! [...] Essa coisa de correria, de trabalhar, isso é muito bom! Meu Jesus! (Emília)

Igualmente à Emília, os depoimentos de Priscila e de Márcia também apontam para uma necessidade de não somente se dedicar ao trabalho doméstico, apesar de este último também ter muita importância para as duas entrevistadas:

[...] Eu gosto assim de trabalhar fora, gosto bastante! [...] Quando ele começou a ganhar [mais, financeiramente,] eu parei de trabalhar pra ficar em casa, mas agüentei dois meses! Eu prefiro trabalhar fora, nem que for pra deixar o dinheiro guardado, que eu não utilize, mas eu prefiro trabalhar fora. Ter assim, só a parte do final de semana, um ou dois dias na semana pra curtir as crianças, mas eu prefiro trabalhar fora! Não gosto muito ... Não sei se eu não gosto de depender dele?! Ou, se eu não gosto de ficar em casa?! Eu não sei o que é! Mas eu prefiro trabalhar fora! (Priscila)

Eu respeito muito toda a mulher que tem filhos, que tem casa porque é o seguinte... [...] Naquela época não existia essa independência da mulher como existe hoje em dia, tanto que meu pai não queria que eu sáísse de forma alguma pra estudar ou pra trabalhar fora, porque era pra aprender a costurar, a cozinhar... Era o sistema da época! Mas eu sempre fui um espírito mais, nem digo revolucionário!, mas eu queria um algo a mais! Não queria só aquilo! Se bem que eu gostava também, mas só aquilo não me preenchia! Já quando solteira, por necessidade financeira eu tinha que trabalhar e quando eu casei, eu tive

primeiro os três filhos, daí eu parei um tempo de trabalhar e depois eu comecei na empresa. Quando o menor começou a ir no jardim, comecei a trabalhar meio período na empresa. Eu sempre digo que eu fui uma pessoa, nesse sentido, privilegiada porque eu podia fazer um trabalho que eu não tinha horário ... então se eu fosse as uma ou as duas não prejudicava meu trabalho lá, podia ficar uma hora a mais depois....mas daí era correr em supermercado, estar em casa pro banho das crianças, porque as minhas moças sempre dormiam fora...então quando eles eram bem pequenos que eu tinha uma babá em casa, mas você tem que estar por trás. E para conciliar casamento, filhos, trabalho e casa você precisa ter, se você não tiver um sentido de administração até eu diria?! De organização?! Vira um caos! Agora, mesmo você trabalhando fora e tudo ... [...] mas em tudo, em tudo o que eu fazia, a família em primeiro lugar, eu não relaxava, dentro do possível, a minha família em função do meu trabalho! [...] E o meu marido sempre me apoiou tanto que em casa ele estava acostumado com empregada e tudo, não fazia nada dentro de casa, depois que ele viu que comecei a trabalhar ele começou a me dar uma mão em casa ... a fazer o café, nem que fosse pouca coisa, ele não era muito disso... fazer o café, botava a mesa de manhã, dava um pulo pra mim no supermercado comprava um pão, coisas pequenas, mas que eram importantes. (Márcia)

Destacamos os depoimentos de Dora e de Joana, as duas mulheres entrevistadas que no momento da entrevista não exerciam atividade no espaço do trabalho assalariado, sobre o conflito que vivenciaram devido ao fato de não se dedicarem a esta atividade. A primeira afirma que quando parou de trabalhar sentia saudades desta atividade. Joana depois de certo tempo passou a se questionar, pois isto estava lhe causando um sentimento de incapacidade:

[...] Até depois que eu estava grávida da segunda filha, [...] uns quatro meses eu trabalhei num meio período, porque deu aquela vontade! Acho que assim, quando tu estás trabalhando e tirava férias tinha que voltar, dizia: Nossa! Que férias curtas! Quando nasceu o mais velho, na primeira semana eu só chorava de saudades do trabalho, mas porque eu sabia que eu não voltaria mais lá. Então são tudo situações! ... [...]. (Dora)

Apesar de não ter emprego formal: "Eu estou bem satisfeita! Eu sempre fiz o que eu quis, dentro do... eu sempre foquei, botei atenção dentro daquilo que eu sempre quis [...] E eu me sinto muito satisfeita com tudo o que eu trabalhei na comunidade! [...] Eu me cobrei muito um tempo atrás, alguns anos atrás, aos trinta e oito anos... Eu cheguei numa época que eu disse: nossa! ... Eu entrei em parafuso porque eu nunca tinha ... eu realizado alguma coisa de trabalho! Então, entrei numa nóia de que eu precisava trabalhar, precisava também ter dinheiro, precisava mostrar que eu também conseguia ter uma empresa, que eu também conseguia fazer! Eu nunca tinha visto que a minha família já era uma empresa, que a minha casa era uma empresa, o que eu fazia já era uma coisa importante! ... Mas aqueles ranços de convenções que tu tem que trabalhar pra mostrar que tu pode, que tu tem que fazer uma coisa assim, oficial, pra se realizar ... Então eu tive essas deprês esses tempos e, eu queria comprar uma empresa, eu queria trabalhar, eu queria! Fui atrás de comprar uma fábrica de banana, aí eu queria comprar uma fábrica de vela e, não sei o que ... Até que um dia a minha mãe chegou pra mim e disse: Ô filha?! Porque que tu estás fazendo isso? O que que tu queres? Quer ter mais?! Quer trabalhar porque está precisando de coisas!? Então, pára e pensa que tu não precisas! Se tu não tem essa necessidade, tu é privilegiada que tu não precisa?! As pessoas trabalham porque precisam! E se tu não precisa?! Produz outras coisas, faz para os outros! Então, continua esse teu trabalho

que é importante! Aí teu marido vai querer viajar e tu não pode acompanhar porque tu tens o teu trabalho?! Tu precisa fazer jantar à noite ... não pode porque tu está nervosa, está estressada por causa dos teus problemas?! Então soma com ele, o trabalho dele! E, não divida! ... Aí quando ela me falou isso, foi uma luz assim! Eu disse pra que que eu ... vou mostrar pra quem? Pra mim mesmo? Mostrar para os outros? Eu não estou nem aí que os outros vão achar! [...] Não me importo com o que os outros vão achar! Eu estou aqui feliz e pronto! Então quando ela me disse: soma e não divida! Então, foi uma coisa muito forte! Aí foi forte, porque eu percebi que eu estava fazendo alguma coisa, que eu estava somando e, que eu não precisava ficar mostrando pra ninguém, eu sei que eu consigo... Então eu tirei essa coisa de nória: não precisa trabalhar! Porque eu via as outras mulheres trabalhando, trabalhando, então eu também tenho que ... Mas não ... Então foi forte isso! E estou bem convicta de que: que bom que eu não preciso fazer esse trabalho convencional e posso somar em outras coisas! (Joana)

Ainda sobre trabalho assalariado, abaixo destacamos algumas informações mais significativas trazidas pelas entrevistadas ao falar sobre a prioridade que dão para a dimensão Trabalho.

A dimensão Trabalho, conforme já vimos anteriormente, não é a dimensão mais priorizada pela maioria das mulheres entrevistadas, sendo que a única mulher entrevistada que apontou esta dimensão como sendo sua segunda (2^a) prioridade é Elisa, da classe burguesa, que durante toda a entrevista deu vários depoimentos sobre a importância do Trabalho em sua vida. Porém, é importante destacar que esta dimensão é mais priorizada pelas mulheres da classe proletária do que pelas mulheres da classe burguesa, conforme podemos visualizar no Gráfico 14:

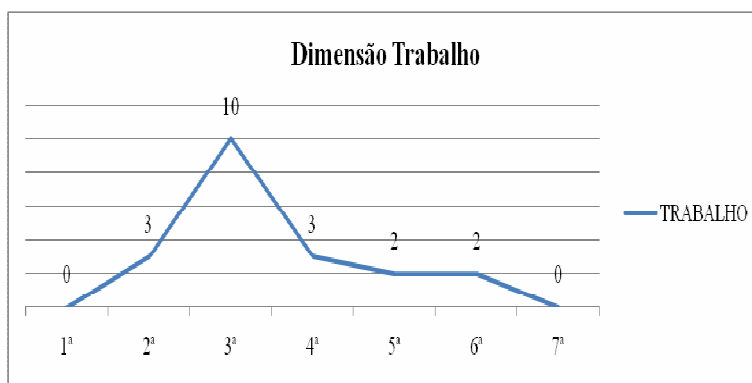


Gráfico 14 – Dimensão Trabalho

Ainda é interessante destacar sobre esta dimensão, que as três (03) mulheres que apontaram o Trabalho como quinta (5ª) e sexta (6ª) prioridade pertencem à burguesia, sendo que, neste momento, não ocupam o espaço do trabalho assalariado. São elas: Dora, Joana e Márcia.

Com relação aos depoimentos das entrevistadas, as mulheres apontam diversas compreensões acerca da dimensão Trabalho. A maioria delas aponta o Trabalho como sinônimo de manutenção das necessidades. Outra parte das mulheres entrevistadas compreende o Trabalho como sinônimo de realização pessoal e profissional; prazer; com sentir-se útil e com ter uma ocupação. Abaixo destacamos dois dos depoimentos que mais se aproximam com o verdadeiro sentido do trabalho:

O trabalho porque além de ser uma realização pra pessoa ... acho que ocupa bastante o tempo da pessoa! [...] O trabalho é muito importante, eu conheço, tenho amigas que não tem trabalho e que são insatisfeitas, porque falta alguma coisa! Pra mim, o trabalho é... Eu não trabalho por obrigação! Eu não precisaria trabalhar, se eu não quisesse! Eu tenho uma condição financeira que me permitiria não trabalhar, mas eu trabalho por

prazer, porque eu acho que completa a pessoa! [...]. (Mayssa)

Eu tenho que estar bem no trabalho, eu tenho que fazer uma coisa que eu gosto! ... Então, o trabalho tem uma importância enorme na minha vida! Até pra eu estar bem na minha família e, estar bem com meus filhos ... E, não estar estressada e não dar a atenção que eles merecem e precisam. (Elisa)

Outro momento da pesquisa que aponta que as mulheres entrevistadas privilegiam o espaço do trabalho assalariado, foi o momento em que foram questionadas sobre o tempo que disponibilizam a cada forma de trabalho.

Conforme podemos observar no Gráfico 15, a maioria das mulheres entrevistadas afirmou que se dedica mais ao trabalho assalariado. Das cinco mulheres que responderam que não dedicam maior parte do tempo ao trabalho assalariado, somente duas (02) mulheres afirmaram que se dedicam ou se dedicavam mais, quando trabalhavam fora, ao trabalho doméstico, sendo que as outras três (03) mulheres afirmam um equilíbrio entre estas duas formas de trabalho.

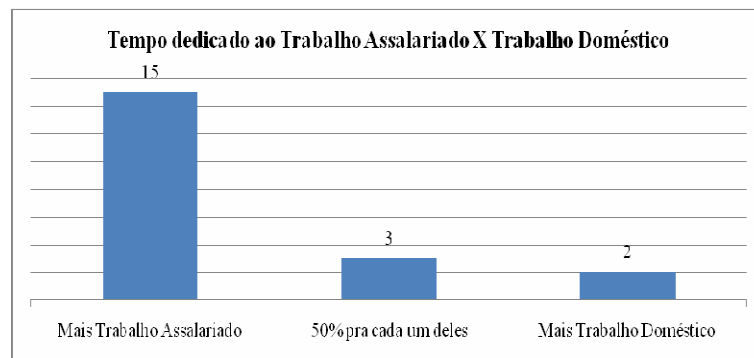


Gráfico 15 – Tempo dedicado ao Trabalho Assalariado x Trabalho Doméstico

No Gráfico 16, podemos verificar que o tempo dedicado ao trabalho assalariado e o tempo dedicado ao trabalho doméstico, não aponta diferença por classe social quanto ao tempo dedicado ao trabalho assalariado e ao trabalho doméstico, pois quando há diferença no número de mulheres, esta diferença é mínima mesmo com as mulheres pertencentes ao proletariado que não contam com diarista ou empregada doméstica. Isto sugere que as mulheres, independente de classe social, estão disponibilizando maior parte do seu tempo ao trabalho assalariado.

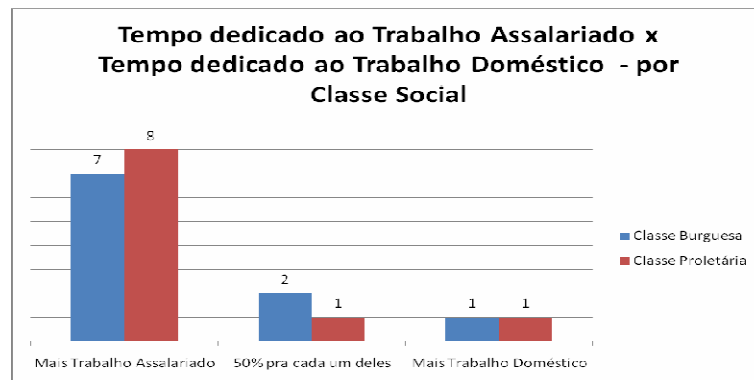


Gráfico 16 - Tempo dedicado ao Trabalho Assalariado x Tempo dedicado ao Trabalho Doméstico

O relato da maioria das mulheres pertencentes à burguesia evidencia não somente dupla, mas tripla jornada. Além da dedicação ao trabalho doméstico e ao trabalho no espaço assalariado, elas ainda exercem atividades comunitárias e/ou de filantropia:

Nos últimos seis anos, eu tive uma situação um pouco diferente [...] eu fazia três turnos ao dia ... então era aqui [espaço do trabalho assalariado], na [Entidade Cultural sem fins lucrativos] e em casa. As três coisas tinham que ser trabalhadas paralelamente. Então, é lógico que o trabalho aqui ele exige e não dá pra deixar pra depois, acaba

ficando a casa mais em terceiro plano, digamos assim ... porque a instituição lá também exige e precisa. [...] Mesmo assim bem mais pro trabalho externo! (Magali)

A entrevistada Joana, apesar de não exercer atividade no espaço do trabalho assalariado também não se dedica somente ao espaço privado. Ela realiza outras atividades, a exemplo: em pesquisas de assuntos do seu interesse; mantém uma escola de arte para crianças que pertencem à população de baixa renda; e, produz esporadicamente obras de arte, sendo que os recursos financeiros adquiridos com estas obras sempre foram destinados à filantropia. Segue abaixo o relato:

Só ele trabalha, eu gasto! (risos) Eu não tenho fonte de renda. O meu trabalho é só em pesquisa. A escola que eu mantenho é pra crianças que tem dificuldade financeira, então, é um trabalho mais filantrópico. E ... a minha vida toda me dediquei a trabalhos filantrópicos! Quando eu fazia exposições, quadros, arte, a maioria são peças que eu fiz pra doação e, daquilo, fizeram leilões, coisa assim! [...]. (Joana)

Como vimos até aqui, em relação ao espaço reprodutivo houve poucas mudanças, pois a mulher saiu para atuar na esfera produtiva, mas continua sendo a maior responsável pelo espaço da reprodução. Ao contrário disto, na situação dos homens, que sempre foram os responsáveis pela manutenção do lar, nosso estudo apontou mudanças no sentido de que, quando as mulheres ocupam o espaço do trabalho assalariado, a atribuição de manutenção do lar com rendimentos tem sido dividida entre homens e mulheres. Este dado pode ser visualizado no Gráfico 17:

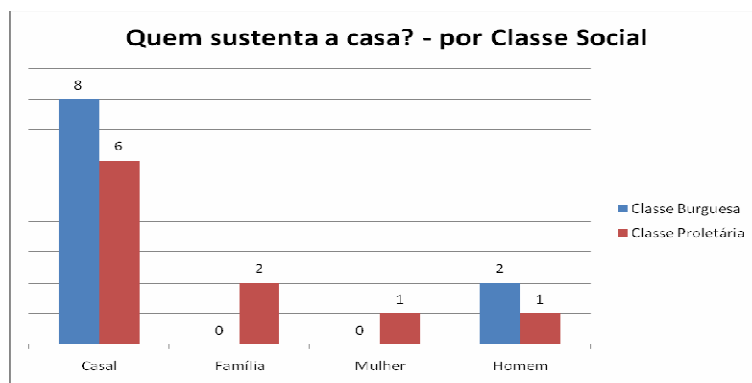


Gráfico 17 – Quem sustenta a casa? – por Classe Social

Quanto ao sustento da casa, em geral, independente da classe social, é o casal que tem esta atribuição. Das vinte (20) mulheres entrevistadas, catorze (14) declararam isto. Das outras seis (06) mulheres, esta atribuição está distribuída entre o Homem, três (03); a Família, duas (02) e a Mulher, uma (01).

Das entrevistadas que afirmaram que a atribuição de sustento da casa é tanto do homem quanto da mulher, destacamos o depoimento de Márcia que, apesar de terem uma empresa que pertence à família, considera natural que o esposo recebesse um salário maior do que o dela, conforme segue:

Bom, eu também trabalhei uma vida toda. Eu trabalhei junto na empresa sempre, até me aposentar. Com 60 anos eu me aposentei. Naturalmente ele sempre ganhou mais do que eu, mas eu sempre ajudei no sustento da casa também. (Márcia)

Das três (03) entrevistadas que afirmaram que é o homem quem sustenta a casa, duas (02) delas não ocupam o espaço do trabalho assalariado, Dora e Joana pertencentes à burguesia. A outra entrevistada

pertence ao proletariado, Priscila, que afirmou que, apesar de ocupar o espaço do trabalho assalariado, o esposo tem uma boa renda não sendo necessário que utilize o seu salário para o sustento da família.

As duas (02) entrevistadas que afirmaram que a família é responsável pelo sustento da casa pertencem ao proletariado, uma delas é Valentina, que reside com seus pais e todos contribuem com as despesas referentes ao sustento; a outra é Helena, chefe de família, mas a filha contribui com as despesas.

A única entrevistada que afirmou que é a mulher quem sustenta a casa foi Eva que também é chefe de família e pertence ao proletariado.

Como vimos, aparentemente, houve mudanças com relação à atribuição de prover o lar, que antes era somente atribuída ao homem, porém em nosso estudo percebemos que isto pode não estar relacionado a uma mudança cultural, no sentido de dirimir a desigualdade de gênero, mas pode ter vinculação com a compreensão e/ou necessidade de a mulher contribuir com esta atribuição.

Isto foi mostrado pelas entrevistadas quando questionamos se o salário é fundamental pra manutenção da família, sendo que a maioria das mulheres afirmou que sim. Ou seja, das dezoito (18) mulheres que possuem renda, doze (12) responderam que sim e, somente seis declararam que a renda delas não é essencial para manutenção do núcleo familiar, conforme podemos visualizar no Gráfico 18:

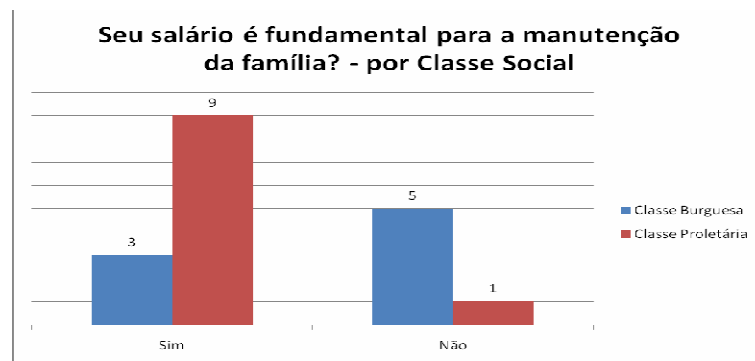


Gráfico 18 – Seu salário é fundamental à manutenção da família? – por Classe Social

Das mulheres pertencentes à burguesia, as respostas ficaram mais distribuídas entre sim e não, três (03) delas consideram que sua renda é fundamental para manutenção da família e, cinco (05) das mulheres entrevistadas, declararam que o salário delas não é essencial.

Realidade diferente é constatada na vida das mulheres pertencentes ao proletariado: nove (09) das mulheres entrevistadas afirmaram ser essencial o salário delas pra manutenção da família, inclusive ressaltando que desta forma a família pode ter mais conforto. Somente uma (01) entrevistada desta classe social declarou não ser essencial a sua renda para manutenção, conforme o relato:

Ele faz a parte da casa: o alimento, a luz, o necessário! E o meu, é pro meu gasto próprio! Trabalho pra eu poder gastar pra mim mesma, pra mim e para as crianças! (Priscila)

A seguir relataremos as informações sobre a prioridade das mulheres com relação às dimensões Participações Comunitária, Política e Religiosa que não foram explicitadas anteriormente.

No que concerne às Participações: Comunitária, Política e Religiosa, dimensões menos priorizadas pela maioria das mulheres entrevistadas, independente de classe social, ressaltamos que destas três dimensões, a mais priorizada pelas mulheres entrevistadas é a Participação Comunitária e a menos priorizada é a Participação Política.

Porém, cabe destacar que ao contrário da dimensão Trabalho que, em nosso estudo, é mais priorizada pelas mulheres pertencentes ao proletariado, a participação comunitária é, de modo geral, mais priorizada pelas mulheres pertencentes à burguesia do que pelas mulheres pertencentes ao proletariado.

No Gráfico 19, podemos observar que até a terceira (3ª) prioridade, a participação comunitária não é indicada por nenhuma das mulheres entrevistadas. Esta dimensão começa a ser apontada pelas mulheres como quarta (4ª) prioridade, porém significativa parte das entrevistadas a aponta como sendo a quinta (5ª) e a sexta (6ª) prioridade. Podemos observar no gráfico que esta dimensão não é a menos priorizada por nenhuma das entrevistadas.

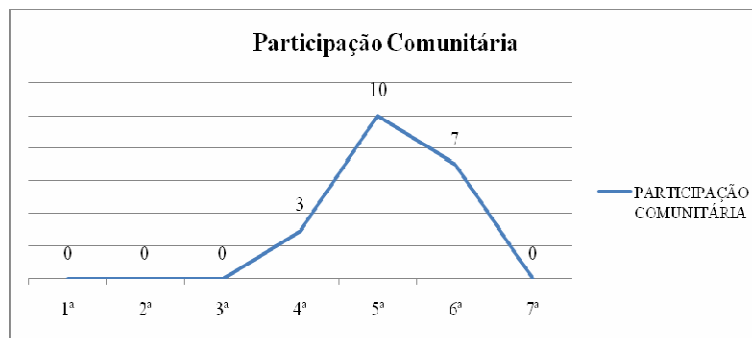


Gráfico 19 - Participação Comunitária

Quanto aos depoimentos das entrevistadas sobre Participação Comunitária, todas as mulheres compreendem esta participação como uma atividade que tem como fim o bem da coletividade e, apesar de esta participação ser mais priorizada pelas mulheres da classe burguesa, o depoimento de Cleide, da classe proletária, mostra que ela tem uma forte atuação na sua comunidade, conforme segue abaixo os relatos:

[...] Eu gosto de ajudar o pessoal da minha comunidade, o que eu puder fazer, não vou ficar indo sempre na casa das pessoas, mas quando eles me pedem, vem até a mim, me convidam para ter alguma participação eu estou sempre à disposição. Gosto muito de ajudar. [...] Participar de uma reunião sobre a água, porque a nossa água é diferente, é água de cachoeira, participar sobre o lixo, que antigamente não tinha o caminhão do lixo, essas coisas assim que pega toda a comunidade, a parte do coletivo, que a gente tem muito pouco. Essas partes assim a gente participa porque é pra nós também. (Cleide)

O depoimento de Mayssa, conforme segue abaixo, demonstra a compreensão de que esta atividade deveria ser desenvolvida especialmente pelas mulheres que fizeram a opção de não trabalhar no espaço assalariado:

Eu admiro as pessoas que se envolvem pela comunidade, fazem alguma coisa pela comunidade. Acho que tem muitas pessoas, principalmente mulheres...acho que essa seria a ocupação ideal pra elas, se elas optaram em não trabalhar, se envolver numa coisa da comunidade. Prestar um serviço pra comunidade. Da minha geração, eu vejo que a grande maioria não trabalha...pessoas que poderiam se envolver, mas acabam não se envolvendo. (Mayssa)

No Gráfico 20, podemos observar que a dimensão Participação Política é a menos priorizada de todas as dimensões pela maioria das mulheres entrevistadas, catorze (14) mulheres. Apesar disso, cinco (05) mulheres colocam esta dimensão entre as quarta (4ª) e sexta (6ª) prioridade.

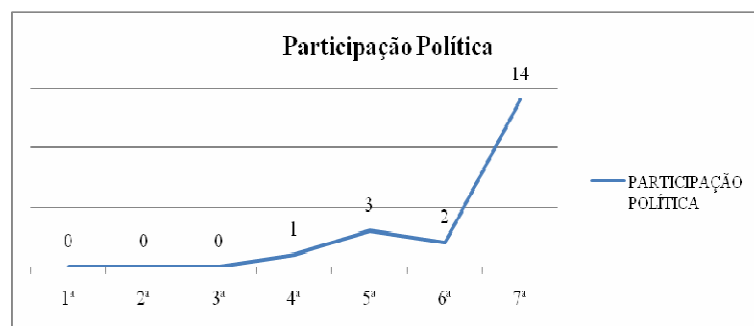


Gráfico 20 – Participação Política

Das cinco (05) mulheres entrevistadas que apontaram a Participação Política entre as quarta (4ª) e sexta (6ª) prioridade, é importante ressaltar que quatro (04) delas estão e/ou estiveram extremamente vinculadas com a dimensão Política, pessoal ou profissionalmente. A entrevistada que apontou esta Participação como a terceira (3ª) prioridade, é Elisa, da classe burguesa, que já atuou como vereadora em seu Município. Das três (03) mulheres que apontaram a

Participação Política como a quinta (5ª) prioridade, duas (02) são assistentes sociais, profissão com forte vinculação com esta dimensão: Eva e Valentina da classe proletária. A terceira é Joana, da classe burguesa, que afirma que na sua juventude teve uma forte participação política junto com seu pai quando ele foi vereador.

Em relação aos depoimentos das mulheres entrevistadas sobre esta dimensão, a maioria delas relacionou a participação política com algo negativo, inclusive afirmando que são apolíticas. Das vinte (20) mulheres entrevistadas somente três (03) fizeram menção ao verdadeiro sentido de política como bem da coletividade e, ainda, quanto à centralidade que esta dimensão tem em nossas vidas, como seres sociais que somos, conforme segue abaixo:

Política é um desgosto na minha vida, porque eu sempre gostei muito. Meu pai foi vereador no tempo que não se recebia honorários. Então eu sempre acompanhei a política como uma coisa muito boa, como trabalho comunitário. A pessoa se doa pra comunidade dentro da política. Eu sempre via assim. Então eu sempre fui empolgada, ia pra comícios, gostava, meu sonho era um dia ser secretaria da cultura ... então eu sempre imaginei isso porque eu era muito idealista. Hoje em dia eu tenho uma decepção muito grande [...] pela política por ela não ser mais o que ela representa. (Joana)

[...] A vida da gente é uma política! (Silvia)

[...] porque eu ouvia dizer que a política era uma coisa suja, corrupta! Eu não vi nada disso! Pelo menos os quatro anos que eu fui vereadora! Eu vi o que?! Eu vi projetos, que nós tínhamos que conhecer, estudar... Pra dizer eu vou votar a favor ou eu vou votar contra! Eu tinha que fazer reuniões nas comunidades pra saber o que eu iria levar! Porque não era coisa da minha cabeça! Eu

tinha que saber o que eles... E aí buscava a associação de moradores! Estimulava quem não tinha os censos, pra fazerem isto! Pra fazerem as solicitações baseado na necessidade, naquilo que a comunidade precisava! Foi maravilhoso! Foi gratificante! Foi de muito trabalho, projetos maravilhosos que nasceram de lá. Nos éramos em 15, mas tínhamos sete ou oito sempre empenhados nos movimentos. Então, foi muito bom! Eu lamento que se generalizem as coisas e, que digam que todos os políticos não prestam! Se tu queres ver alguém nervosa!? Eu fico doida se eu escuto isso! Eu digo: Não! Eu não concordo! Não é verdade! [...] E se tinha uma coisa que eu não me permitia era chegar numa reunião, terça e quinta ou segunda e quarta, não importa quando tivesse!, apenas votando os projetos! Eu sempre tinha que ter um assunto comunitário pra levar! Eu me cobrava sozinha! Eu não queria chegar no final do mês e ter vergonha de receber o meu pagamento! [...]. (Elisa)

Ainda no depoimento de Elisa, com base em sua experiência, ela faz menção sobre a participação da mulher na política, inclusive fazendo relação da importância da mulher na política devido às características construídas socialmente como femininas, mas compreendidas como naturais:

[...] os homens, não fazem nenhuma questão que a mulher participe da política! Não tem o apoio verdadeiro! Aquele: Vai! Conta comigo! Não existe! Não existe! Porque? Porque a mulher quando dá pra ser competente, ela põe no bolso muitos homens! E é verdade! Eu não sei se é pelo fato de a gente ser mãe?! A gente é muito comprometida com as coisas! ... Nunca ninguém veio me oferecer nada!: Aí [Elisa] vota aqui ou vota lá! Eu me interava das coisas, eu sabia o que eu votava! Aliás, vinham é pedir opinião! E...de certa forma, a gente que trabalhava e que fazia

diferença, era discriminado por trabalhar! Incrível isso! Porque eles achavam: Tá louco! Nossa! Pra que se incomodar tanto! [...] E, depois?! É o seguinte, minha querida!: Na campanha, vai ganhar quem der alguma coisa! E eu pensava: Não! Eu não concordo! Se eu tiver que me reeleger, não será por isso! E tanto que eu fui candidata a reeleição e faltou vinte e três votos! E eu não dei! E daí?!: Viu [Elisa], tu não sabe fazer política!, os homens diziam! Eu dizia: Bom! É preferível assim! ... Não sei se é discriminação, mas que eles não fazem questão! Dizer: participação da mulher é bonito temos que incentivar! Da boca pra fora! Mas incentivar de verdade não tem! Eu não conheci! Talvez um dia venha acontecer! E, espero que isso aconteça porque é muito importante! Porque sabe?! O equilíbrio entre a razão e a emoção?! Tanto é que os quatro anos que nós ficamos eles falavam, nós éramos em três mulheres e, as mulheres sempre tinham assunto, sempre participando, nos conversávamos... Gente era uma loucura! E eles disseram assim que isso motivava os homens também a se mexer! Essa é que é a verdade! E eles dizia: Olha, [Elisa]! Eu estou aqui há vinte anos e, eu nunca vi uma câmara tão atuante! Se é verdade ou não, eu não sei! Só sei que a gente procurava fazer o melhor! (Elisa)

Conforme foi possível visualizar nos próprios depoimentos das entrevistadas, durante a maior parte dos questionamentos feitos, surgiram como respostas informações que indicam que ainda há em nossa sociedade uma significativa naturalização da desigualdade de gênero. É possível perceber que as características que foram construídas socialmente como sendo próprias de homens e de mulheres ainda estão fortemente incorporadas e sendo transmitidas em nossa sociedade. Esta naturalização ainda aparece em outro momento da nossa pesquisa, quando questionamos se as mulheres entrevistadas gostam de ser mulher. Assim, consideramos importante apresentar ainda alguns depoimentos com relação a este assunto.

No Gráfico 21, podemos verificar que, quando questionadas se gostam de ser mulher, as vinte (20) mulheres entrevistadas verbalizaram que gostam de ser mulher, ou seja, nenhuma delas mencionou que não gosta de ser mulher.



Gráfico 21: Gosta de ser Mulher?

É interessante destacar, que dezoito (18) das vinte (20) mulheres entrevistadas estabeleceram relação do gosto por ser mulher com as características socialmente constituídas como femininas e/ou com outras características que apontaram como sendo próprias do sexo feminino e não do sexo masculino.

Entre as características socialmente constituídas como femininas, as mulheres apontaram: feminilidade, sensibilidade, instinto maternal, a possibilidade de gerar filhos, a facilidade de conciliar diversas atividades, fragilidade, a possibilidade de expressar os sentimentos e, ainda, a capacidade de estar atenta a muitas coisas ao mesmo tempo. As outras características que as mulheres apontaram como sendo próprias do sexo feminino foram força, inteligência, guerreira e batalhadora.

Além das características apontadas como sendo próprias do sexo feminino, poderemos visualizar outras observações nos

depoimentos das mulheres entrevistadas que citaremos abaixo quando responderam se gostam de ser mulher.

Em alguns dos depoimentos, as mulheres apontam as características como sendo próprias do sexo feminino comparando homens e mulheres, bem como, ressaltam que homens e mulheres possuem características diferenciadas, como se estas características fossem inerentes ao sexo de cada um. Seguem alguns dos relatos que expressam esta observação:

Gosto! ... Eu não sou vaidosa, mas eu sempre gostei de um elogio ... Assim, eu adoro ser mulher ... Eu gosto do jeitinho da gente feminino, essa parte da gente poder ter um filho, saber que a gente tá gerando uma criança! Eu acho que tem alguns detalhes na mulher que são melhores do que os homens ... A mulher já tem um instinto mais maternal, mais carinhoso ... é por isso que eu gosto de ser mulher! (Cleide)

Adoro! Eu amo! E se eu tiver que vir outras vezes, eu quero só vir mulher, mulher, mulher! Eu amo ser mulher! [...] Eu adoro ser mulher, essa coisa feminina ... essa posição feminina, eu gosto ainda! Eu gosto ainda da fragilidade feminina, eu acho que a gente carrega o lado emocional! [...] Eu adoro a versatilidade da mulher, esse jogo de cintura, muito maior do que o homem! [...] a minha experiência que foi dessa geração eu prefiro ser mulher! [...]. (Joana)

Eu gosto. Eu gosto da sensibilidade que a mulher tem, da percepção que a mulher tem! [...] eu percebo na minha geração que as mulheres têm uma sensibilidade ... Se comparar com os homens, tem uma sensibilidade maior, uma percepção das coisas, uma visão diferente das coisas! O homem é mais focado numa coisa só! Ele está sentado

aqui, só vê isso! A mulher tá vendo trezentas coisas ao mesmo tempo! Eu acho que ela já foi criada dessa forma, pra ter a capacidade de enxergar mais coisas ao mesmo tempo pela necessidade! Porque ser mãe ... A mãe tem necessidade de estar tratando um filho, olhando o outro, cuidando da casa, fazendo comida! O homem não tem essa facilidade! O homem faz uma coisa de cada vez e só! A hora que coloca pra ele fazer duas coisas junto, meu senhor! (risos) [...] eu admiro as qualidades que as mulheres têm e gosto de ser mulher! (Mayssa)

A entrevistada Dora faz um grande destaque em seu depoimento sobre a fragilidade feminina, tida por ela, como uma característica feminina e que não gostaria que deixasse de existir, conforme segue:

Ah! Eu gosto! (risos) Acho que eu não escolheria ser homem, não! Acho que como mulher a gente tem um lado afetivo um pouquinho mais profundo! A gente gosta das coisas pequenas, a gente se contenta de repente com coisinhas corriqueiras, das amizades... [...] ... A própria fragilidade! Eu ainda vejo assim, acho gostoso quando eu sou protegida como mulher! Eu não vejo que as mulheres têm que ser iguais aos homens, mesmo no trabalho, embora que elas tenham essa capacidade, podem fazer, nada contra né! Mas eu acho que aquele lado mulher, de ser a mulher, de ser um pouco mais frágil, eu acho que isso não poderia e não deveria morrer! E aquela coisa assim por também poder ser mãe! [...] Então tem algumas questões que eu não trocaria! E mesmo apesar de que hoje existe muito essa liberdade de a mulher se sustentar sozinha e tudo, mas eu gosto dessa coisa assim: tem alguém cuidando de mim! [...] Então, ... também eu nunca pensei muito, se quero, não quero, o por quê...eu me aceito como mulher, eu gosto de ser mulher, não trocaria, nesse sentido, não! (Dora)

O depoimento de Priscila sugere que ela gosta de ser mulher, justamente, pela quantidade de responsabilidades que lhe são atribuídas que fazem a vida da mulher “mais agitada”, segue o relato:

Sim, gosto! Acho porque a vida da mulher é mais agitada. Ela tem que trabalhar, ela tem que cuidar dos filhos! ... Ela tem que se dobrar em quatro para dar conta de tudo que tem pra fazer! Daí quando chega a noite tu vai descansar, daí: Pô! Eu fiz um monte de coisas hoje! Baita legal! Tem dia que não! Tem dia que não!: Pô! Hoje trabalhei que nem uma condenada! Nem pra dar boa noite pra gente vocês não dão! [...] Daí tem dia que tu para, pensa, poxa! Hoje eu fiz um monte de coisa! Fiz os cabelos, fiz as unhas, limpei a casa! Eu gosto de ser mulher! Só pra andar na estrada também! Eu gosto! É melhor do que homem! Toda vida emburrado, de cara amarrada! Não pode fazer uma piada! Eles: Ah! Não teve graça! A gente não! A gente acha graça de tudo! A gente se diverte, sai mais! Eu gosto de ser mulher! (Priscila)

O depoimento de Helena e de Emília, apesar de também observarmos uma naturalização das características tidas como femininas, mostra que elas chegaram a questionar em algum momento a diferença no comportamento e responsabilidades entre homens e mulheres. Porém, podemos observar ainda que, embora Emília tivesse questionado isto, atualmente não vê problemas nesta diferenciação, seguem os relatos:

Sim. Eu acho que eu até passei uma época na adolescência de desejo ou de imaginar o outro lado, o ser masculino... [...] Porque parece que o emocional pro homem é mais fácil ... não sei se é!? [...] E meio com comportamento masculino no

sentido, eles podem ir sozinhos pro baile, eu também posso! E eu vou! Eles podem entrar no barzinho e tomar alguma coisa ou ficar sentado na mesa? Eu também posso! [...] De qualquer forma, ser mãe, [...] eu agradeço essa oportunidade de ter sido mãe ... Tá ele é o pai, mas enfim, ser mãe é diferente, carrega ali e ... E depois, esse ser que abarca muitas coisas ao mesmo tempo...que nós mulheres conseguimos [...] essa diversidade de afeto, de ter amor pra dar! Na maioria ... Também não dá pra generalizar porque tem as mulheres mais lógicas, mais frias, mas calculistas, mas esse não é o meu caso! Então isso eu acho que é uma coisa muito boa. O manifestar o sentimento abertamente, até porque culturalmente nos foi permitido e, ao homem, foi dito: olha, não pode chorar, tem que ser forte! Então com isso eles devem sofrer muito! E há alguma mudança, mas elas são devagar ... [...] [Então] maternidade e essa inteligência difusa, essa capacidade de estar atenta a muitas coisas ao mesmo tempo! (Helena)

Sim! Teve épocas que eu não gostava! Que eu achava que ser homem era muito melhor porque o homem não se preocupa com nada, só sai pra trabalhar e pronto! Porque homem não precisa cuidar de casa, não precisa cuidar de filho! Bem tola quando eu pensei isso! De bobeira, porque hoje eu não concordo mais com isso. Isso era mais no meu tempo, que era mais assim mesmo, o homem não fazia nada! Mas, não! Eu gosto de ser mulher! Eu acho que a mulher é muito mais que o homem! Mais tudo, é mais sentimento, é mais força, é mais inteligência! A mulher vê mais as coisas, a mulher vê mais do que o homem, o homem não vê nada, o homem é assim é pronto! (Emília)

As únicas mulheres que não estabeleceram relação com as características ditas femininas e que o depoimento não sugere

naturalização destas características são Elisa e Silvia pertencentes à burguesia e Selene pertencente ao proletariado.

O depoimento de Elisa além de não evidenciar uma naturalização das características construídas socialmente como próprias do sexo feminino, mostra que esta entrevistada compreende que somente a possibilidade de gerar filhos é o que diferencia as mulheres dos homens, segue o depoimento:

[...] Eu nasceria mulher de novo! Eu vejo assim...eu acho que foi muito legal ter essas experiências, ter a experiência de gerar um filho [...] foi muito bom, muito legal! Não trocaria! Mesmo que dizem: Ah! A mulher é discriminada em alguns lugares! Em alguns países mais, outros menos! [...] Eu acho que a questão de ser mãe é ... eu acho que é a maior delas, no meu entender! Depois ... as outras coisas tanto homens quanto mulheres podem fazer...o que nos diferencia de verdade é esse processo de gerar um filho [...] porque depois trabalhar homens e mulheres podem, participar disso homens e mulheres podem, fazer aquilo homens e mulheres podem! Claro que...na força física os homens ganham de nós! [...] eu não sou muito vaidosa! Assim: gosto de ser mulher porque eu gosto de comprar sapatos, andar de salto alto, roupa, e não sei o que!, e brinco, não! Não vejo nada disso! (Elisa)

Os depoimentos de Selene e de Silvia são interessantes porque podemos perceber neles certa dúvida sobre como justificar a resposta delas, sugerindo que não relacionam as características de personalidade com as características construídas socialmente como sendo próprias do sexo feminino ou masculino:

Sim! Porque estou bem feliz com esta condição!
... Mas ... se fosse um homem acho que também estaria satisfeita! (Selene)

Acho que sim (risos). ... Acho que não depende de sexo! Eu acho que a pessoa é muito do que ela procura ser! Eu acho que se você quiser ser

pessimista, se você quiser estragar sua vida, tudo vai depender de você! Claro! Que existem percalços que não, que acontecem acidentes e tragédias ... mas no resto tudo ... o ser depende de você [...] Depende muito de como você vai ver a vida! (Silvia)

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa pesquisa foi possível perceber que - apesar das mudanças que cotidianamente visualizamos nas relações sociais, nas configurações familiares de nossa sociedade - a desigualdade de gênero ainda é muito explicitada e demanda um caminho muito longo a ser trilhado, pois mesmo que se tenha tido muitas conquistas, as mulheres ainda vivem esta desigualdade com muita intensidade.

Não podemos negar que as mudanças ocorridas foram muito significativas e trouxeram resultados importantes para toda a sociedade se usarmos como exemplo a saída da mulher do espaço doméstico para o espaço do trabalho assalariado. No entanto, se compararmos a atualidade com os momentos anteriores ao século XIX, vamos notar que as mudanças ocorridas não são suficientes para afirmar que existe de fato uma nova divisão sexual do trabalho no espaço doméstico.

Neste sentido, nosso estudo concluiu que as mulheres ocuparam o espaço do trabalho assalariado em grande escala e passaram a contribuir com a manutenção da família, atribuição que antes era destinada somente aos homens. Entretanto, elas continuam investindo significativamente no espaço doméstico, sendo inclusive as maiores responsáveis pelas atividades deste espaço.

No que concerne à participação dos homens, percebemos que estes também passaram a contribuir em algumas atividades da esfera reprodutiva, mas esta contribuição acontece somente em momentos esporádicos e eventuais, indicando ainda a conotação de ajuda e não de responsabilidade de fato pelas tarefas.

É importante ressaltar que esta realidade é vivida pela maioria das mulheres, independente da classe social e, ainda, independente de possuírem ou não trabalho assalariado, sugerindo que as mulheres assumiram o trabalho assalariado, mas houve poucas mudanças nas responsabilidades referentes ao espaço doméstico.

Por isso, é visível que ocorreram algumas mudanças na divisão sexual do trabalho antes estabelecida, mas compreendemos que estas mudanças estão relacionadas com uma necessidade global do próprio modo de produção capitalista garantir sua manutenção e reprodução, não se constituindo, ao nosso ver, como uma mudança no sentido de dirimir a desigualdade de gênero.

Não obstante da percepção de que as mulheres continuam investindo significativamente no espaço doméstico, cabe ressaltar que, outros momentos da pesquisa também apontam um grande investimento destas mulheres no espaço do trabalho assalariado. Para isso, temos duas hipóteses uma vez que esta questão não foi aprofundada em nossa pesquisa, no sentido de investigar quais realmente foram os motivos que levaram estas mulheres a ocuparem o espaço do trabalho assalariado. Assim, o investimento destas mulheres neste espaço de trabalho pode estar relacionado a uma necessidade de a mulher contribuir financeiramente com a manutenção do lar, uma vez que a maioria delas afirmou que o seu salário é fundamental para a manutenção da casa. Porém, também pode estar relacionada com o próprio desejo das mulheres de ocuparem o espaço do trabalho assalariado, uma vez que, em diversos momentos das entrevistas, os depoimentos trouxeram a necessidade de não somente se dedicarem ao espaço doméstico.

Outro aspecto importante da nossa pesquisa é a percepção de que a naturalização dos papéis e/ou características tidos como femininos/masculinos ainda é muito forte independente de classe social, sendo poucos os momentos das entrevistas que apareceram trechos em que as mulheres não evidenciam nos relatos esta naturalização.

Compreendemos que esta naturalização pode estar relacionada com o fato de o capital tirar proveito dos dados culturais aprofundando-os na direção dos seus interesses fazendo com que a mulher, mesmo ocupando o espaço do trabalho assalariado, não deixe das tarefas da reprodução (TOLEDO, 2003) “em nome da natureza, do amor e do dever materno” (HIRATA E KERGOAT, 2007).

No que diz respeito à categoria classe, nosso estudo com mulheres pertencentes à burguesia e ao proletariado tinha justamente a intenção de averiguar se as concepções e comportamentos das mulheres acerca do trabalho doméstico, do trabalho assalariado, da divisão sexual do trabalho pudessem ser percebidas e/ou praticados de forma diferenciados, tendo em vista a condição socioeconômica totalmente distinta entre estas duas classes sociais.

Assim, por meio desta pesquisa, percebemos que a cultura da desigualdade de gênero e, conseqüentemente, a naturalização de papéis e/ou características tidos como femininos/masculinos, atinge as mulheres de modo geral, independente da classe social a que pertencem.

Uma das diferenças percebidas em nosso estudo que está relacionada à desigualdade de gênero e, também, à classe social, foi o fato de que as mulheres pertencentes à burguesia, apesar de igualmente serem as maiores responsáveis pelo espaço doméstico, contam com o

serviço de empregada doméstica e/ou diarista para execução das atividades concernentes a este espaço. Ao contrário das mulheres pertencentes ao proletariado que, em alguns casos, contam com esta possibilidade, porém a proporção é bem menor do que na classe burguesa, fazendo com que aquelas ainda assumam maior parte do trabalho doméstico do que estas.

Outra diferença identificada por meio dos dados desta pesquisa, que também está relacionada à desigualdade de gênero e à classe social, diz respeito à participação dos homens na execução das atividades domésticas, sendo que na classe proletária esta participação é maior do que na classe burguesa. Compreendemos que isto está relacionado - devido à significativa naturalização de papéis e/ou características tidos como femininos/masculinos aparecidas em vários momentos da pesquisa - justamente com o mencionado anteriormente, de que, apesar de todas as mulheres, independente de classe social, serem as maiores responsáveis pelo espaço doméstico, são as mulheres pertencentes ao proletariado que assumem mais estas tarefas devido ao fato de não contarem com o serviço prestado por diarista ou empregadas doméstica ou, ainda, de contarem menos vezes com este serviço, fazendo com que os homens desta classe social também contribuam mais com as atividades.

Ainda sobre o trabalho doméstico, destacamos que a maioria das mulheres entrevistadas não evidenciou a compreensão da importância que este trabalho tem para o desenvolvimento de uma sociedade. A desvalorização deste trabalho é sentida de forma tão intensa que a maioria das mulheres não consegue, sequer, perceber que sem o trabalho doméstico uma sociedade não se desenvolve.

As únicas mulheres que expressaram considerar importante o trabalho doméstico foram, justamente, as mulheres que por um grande período das suas vidas se dedicaram somente ao espaço reprodutivo; isto sugere que esta importância dada ao trabalho doméstico não necessariamente está relacionada à compreensão da necessidade preeminente deste trabalho, mas pode estar relacionada com uma forma de estas mulheres se valorizarem enquanto ser humano.

Do nosso ponto de vista, esta não valorização do trabalho doméstico ou ainda a não compreensão desta atividade como essencial para a manutenção da sociedade está relacionada com a desvalorização cometida, historicamente, pelo e para o capital e, também, está relacionada com a separação radical entre a esfera reprodutiva e a esfera produtiva que vivenciamos atualmente.

Diante desta nossa compreensão, não concordamos com Beauvoir (1980, p. 197-209), quando esta autora compara as tarefas realizadas no âmbito familiar ao “suplício de Sísifo”⁹, pois, segundo ela, “dia após dia, é preciso lavar os pratos, espanar os móveis, consertar a roupa, que no dia seguinte já estarão novamente sujos, empoeirados, rasgada”. A autora ainda compreende que o alimento e a casa são necessários para a sobrevivência, porém não dão à mulher um “sentido: as metas imediatas da dona de casa não passam de meios, não são fins verdadeiros e neles só se refletem projetos anônimos”. Por isso, a autora compreende que o trabalho doméstico não confere à mulher “autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não desemboca no futuro, não produz nada”. A mulher só pode adquirir um sentido e dignidade se for inserida a ações que “se ultrapassam para a sociedade, na produção”.

No nosso entendimento, quando a autora faz estas afirmações sobre o trabalho doméstico, está afirmando que esta forma de trabalho é inútil, como se não fosse essencial ao desenvolvimento de uma sociedade. Além disto, compreendemos que se hoje o trabalho doméstico não permite com que percebamos um sentido e/ou sua utilidade para a coletividade é devido à forma como foi estabelecido na sociedade capitalista: enquanto o homem ficou responsável pelo trabalho produtivo fora do lar recebendo remuneração para isto, a mulher ficou responsável, sobretudo, pela realização do trabalho doméstico, ou seja, pelas “tarefas relativas à reprodução da força de trabalho na esfera privada do lar e sem remuneração” (BRUSCHINI, 1990, p. 46).

Nesse sentido, concordamos com as seguintes autoras: Bruschini (1990) quando afirma que, na sociedade capitalista, o trabalho assalariado ou social torna-se uma carga adicional à mulher e não altera a responsabilidade desta pela produção de valores de uso na família e para a família. Bem como, ao mencionar sobre a necessidade de também se colocar em pauta “a separação entre o social e o privado – típica função do modo de produção e da cultura das sociedades capitalistas”, pois esta separação oculta a intrínseca relação existente entre a esfera reprodutiva e produtiva e desvaloriza aquela; e Alambert (1986, p. 115)

⁹ O Mito de Sísifo conta que os deuses tinham condenado Sísifo a empurrar incessantemente uma pedra do topo de uma montanha, de onde a pedra cairia sob o seu próprio peso. Eles tinham pensado com alguma razão que não existe mais terrível castigo que o trabalho inútil e sem esperança. Disponível em: http://www.lainsignia.org/2002/abril/cul_002.htm. Acesso em: 03/05/2008.

ao afirmar que não se pode centralizar o debate da emancipação da mulher no direito ao trabalho sem incluir as implicações disto para as mulheres.

Assim, entendemos que “o surgimento [de] duas esferas distintas: de um lado a unidade doméstica, de outro a unidade de produção” (BRUSCHINI, 1990, p. 46) é que produz a sensação de que o trabalho doméstico é trabalho dispensável, justamente, porque o capital tem como um de seus interesses que o trabalho doméstico seja visto como trabalho sem valorização. Dessa forma, o capital pode se apropriar, entre outros elementos, da força de trabalho feminina, no espaço do trabalho assalariado, de forma desigual percebendo para as mesmas tarefas, salários significativamente menores.

Apesar da compreensão da importância do trabalho doméstico, não podemos esquecer que na sociedade capitalista, segundo Toledo (2003), este trabalho realizado pela mulher supre as deficiências do Estado em relação aos serviços públicos e assim, o capital não desembolsa a outra parte necessária à produção e que também lhe cabe: a reprodução da força de trabalho.

Segundo a mesma autora é necessário que o Estado assuma a responsabilidade pelas tarefas relacionadas com a reprodução social. O que se efetivaria por meio de serviços públicos como confecções, creches, escolas, lavanderias e restaurantes. Porém, para além de o Estado assumir esta responsabilidade ou de discutirmos maior participação dos homens no espaço doméstico, é necessário que passemos também a lutar pela remuneração do trabalho doméstico, bem como, compreender que uma emancipação de forma efetiva não pode ser obtida no sistema capitalista, pois a opressão da mulher apenas poderá ser superada com uma mudança total na infra-estrutura das sociedades assentadas (TOLEDO, 2003) no modo de produção capitalista.

Nesse sentido, concordamos com a autora e também acreditamos que a luta pelo socialismo deve ser considerada como uma necessidade para toda a humanidade tratando-se, assim, de uma tarefa coletiva uma vez que para que a mulher alcance a emancipação, primeiro, é necessária a emancipação de toda a sociedade (TOLEDO, 2003).

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. Nobel: São Paulo, 1986.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999 (6ªed.).

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. (Tradução de Sérgio Milliet). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Mulher, casa e família**: cotidiano nas camadas médias paulistanas. Fundação Carlos Chagas: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: São Paulo, 1990.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 2, dez. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 maio 2009. doi: 10.1590/S0102-30982006000200009.

COMBES, Danièle; HICAULT, Monique. **Produção e Reprodução:** relações sociais de sexo e de classes. In: O sexo do trabalho. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1986.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, Dec. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 maio 2009. doi: 10.1590/S0100-15742007000300005.

LUKÁCS, G (1981). **Per uma ontologia dell' essere sociale**, vol. II. Roma: Riuniti [Tradução de Ivo Tonet (mimeo, s.d.).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Moraes, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista.** Organização Osvaldo Coggiola. Boitempo Editorial: São Paulo, 2007.

MARX, Karl. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. São Paulo: Paz e Terra, 1964.

_____. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. In: Manuscritos Econômicos-Filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Para a crítica da economia política**. In: Manuscritos Econômicos-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos. Seleção de textos de José Arthur Giannotti; Traduções de José Carlos Bruni (et al). Abril Cultural: São Paulo, 1978. (Os Pensadores)

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. In: Manuscritos Econômicos-Filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução de Reginaldo Sant'Ana. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1998. Livro I Vol. I.

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução de Reginaldo Sant'Ana. Bertrand Brasil: São Paulo, 1987. Livro I Vol. II.

_____. **O Capital:** crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Ana. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1991. Livro II Vol. VIII.

_____. **O Capital:** crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Ana. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1991. Livro III Vol. VI.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **O trabalho duplicado:** a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PAULILO, Maria Ignez S. **Trabalho familiar:** uma categoria esquecida de análise. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 1, abr. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

[026X2004000100012&lng=pt&nrm=iso](https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100012). Acessos em: 06 maio de 2009. doi: 10.1590/S0104-026X2004000100012.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**: presença feminina na constituição do sistema fabril. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1981.

RIDENTI, Marcelo. **Classes sociais e representação**. Cortez: São Paulo, 1994. (Coleção Questões da nossa época; v.31)

TOLEDO, Cecília. **Mulheres**: o gênero nos une, a classe nos divide. Série Marxismo e Opressão. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2003.

TORRIGLIA, Patrícia Laura. **Reflexões sobre o trabalho e a reprodução social**: primeiras aproximações em relação ao complexo educativo. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

1. Qual a sua idade?
2. Qual o seu estado civil?
3. Há quanto tempo está no estado civil citado?
4. Já teve outros relacionamentos conjugais?
5. Qual seu grau de instrução?
6. Você está satisfeita com seu grau de instrução?
7. Você gostaria de estudar mais?
8. Você conseguiria estudar mais hoje?
9. Você tem filhos? Quantos? Qual o sexo deles?
10. Como você se sente com o número de filhos que tem?
11. Quem sustenta a casa?
12. Você trabalha no espaço assalariado? O seu salário é fundamental para a manutenção da família?
13. Se não trabalha atualmente no espaço assalariado, já exerceu esta atividade em outro momento?
14. Em que ordem de importância você poria as seguintes coisas em sua vida e por quê?:
Casamento; Estudo; Família; Participação Comunitária;
Participação Política; Participação Religiosa; Trabalho;
15. As tarefas domésticas são de responsabilidade de quem?
16. Se não é de sua responsabilidade no momento, em algum momento já foi de sua responsabilidade?
17. No caso de possuírem empregados domésticos quem os orienta quanto as suas atividades?
18. Como é o relacionamento com os empregados domésticos?
19. Você se satisfaz com as tarefas domésticas?
20. Você se satisfaz ou se satisfazia com o trabalho assalariado?
21. Se trabalha, há possibilidade de deixar de se dedicar ao trabalho assalariado? O que a motivaria a deixar de trabalhar no espaço do trabalho assalariado?
22. O cuidado com os filhos é de responsabilidade de quem?
23. Na sua ausência quem se responsabiliza pela casa? E pelos filhos?
24. Você já pensou em alterar a divisão de tarefas em sua casa?
25. Caso você pudesse alterar essa divisão como é que você reorganizaria?
26. Quanto tempo você dedica para o trabalho assalariado? E quanto tempo você se dedica para o trabalho doméstico?

27. No seu tempo livre o que você faz?
28. Você acredita que seus desejos, aspirações ou sonhos estão sendo atingidos? Por quê?
29. De modo geral como você descreveria a sua vida? De modo geral como você descreveria a vida do seu companheiro/esposo?
30. Você se sente dependente do seu companheiro? Como?
31. Você se sente dependente de seus filhos? Como?
32. Você teria condições de se manter sozinha atualmente?
33. Existe um tratamento diferenciado por sexo em relação a seus filhos?
34. Você tem irmãos? Havia um tratamento diferenciado por sexo dos seus pais para com os filhos?
35. O que você deseja em relação ao futuro de seus filhos?
36. O que você tem vontade que se realize daqui para frente?
37. Você gosta de ser mulher? Por quê?